VIAGEM Á RODA DA PARVONIA

VIAGEM Á RODA
DA
PARVONIA

RELATORIO EM 4 ACTOS E 6 QUADROS

PELO COMMENDADOR

GIL VAZ

ILLUSTRADO POR

MANUEL DE MACEDO

E ANNOTADO PELO AUCTOR E PELOS SRS.

Alberto Braga, Alberto de Queiroz, Alexandre da Conceição, Alfredo Ribeiro, Anthero de Quental, Bernardo Pinheiro, Carlos de Faria, Carlos Lobo d'Avila, Carlos de Moura Cabral, Christovam Ayres, Coelho de Carvalho, Fernando Leal, Gervasio Lobato, Guerra Junqueiro, Guilherme d'Azevedo, Guilherme Gorjão, Jayme Batalha Reis, Jayme Victor, João de Deus, J. de Sousa Araujo, Joaquim d'Araujo, José d'Alpoim, Julio Cesar Machado, Leite Bastos, Magalhães Lima, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão, Ruy Barbo, Ruy da Camara, Sergio de Castro, Thomaz Bastos, Urbano de Castro, Vicente Pindella, etc., etc.

REPRESENTADO NO THEATRO DO GYMNASIO DRAMATICO
NA NOITE DE 17 DE JANEIRO DE 1879

OFFICINA TYPOGRAPHICA
DA
Empreza Litteraria de Lisboa
Calçada de S. Francisco, 1 a 5.

AO ACTOR

FRANCISCO ALVES DA SILVA TABORDA

E AOS SEUS COLLEGAS DO

THEATRO DO GYMNASIO

O.

O auctor.

Meu caro Taborda

A noite de 17 de janeiro de 1879 foi a mais tempestuoza de que ha memoria, tanto na platéa do Gymnasio como nos dramas da Rua dos Condes. O assobio silvava no ar com violencia, os raios cruzavam-se na athemosphera —com castões de marfim, em quanto da segunda ordem, sobre os chapeus altos dos precitos, cahia uma chuva torrencial de cadeiras de palhinha. Era um inferno!

A consciencia de Gil Vaz sentia-se n'essa hora um pouco satisfeita, pois que elle, commendador excepcional, tendo a certeza d'haver

feito uma obra infeliz, não podia limitar as suas ambições a ver o seu nome citado como o d'um *talentoso confrade* nas locaes do sr. Quirino Chaves, ou elogiado como o d'um *dramaturgo consciencioso* nas correspondencias do sr. Carrilho.

Quando temos a certeza d'haver feito uma obra litteraria má, já é uma doce consolação que o noticiario nacional a considere de todo o ponto detestavel.

O meu amigo, que nunca tinha visto assim desencadeadas em volta de si as furias do temporal, foi verdadeiramente heroico n'essa noite, procurando salvar dos horrores da tormenta um *relatorio* irremediavelmente perdido d'antemão. Certamente merecia por tal feito a medalha d'oiro que o *Diario do Governo*, de quando em quando, confere á «generosidade e á philantropia» se o governo--por motivos politicos de consideração—não se recusasse obstinadamente a praticar esse acto de justiça.

Offereço pois este livro a si e aos seus collegas que tanta coragem desenvolveram na *hora do perigo*, não exigindo que de futuro o tragam

ao peito como ornato, nas occasiões solemnes, mas que simplesmente o guardem nas suas gavetas como lembrança d'um *relatorio* que, depois de viver o espaço d'uma pateada, intenta resuscitar para viver o d'uma primavera.

GIL VAZ.

Não é um prologo que eu escrevo para o *relatorio* de Gil Vaz, é simplesmente uma nota constituida por algumas linhas de proza em que vou dizer, com toda a sinceridade, o que penso da *Viagem á roda da Parvonia* e da pateada com que o publico a festejou na primeira noite da sua aparição.

Ao que me parece, o segredo da queda do relatorio de Gil Vaz é facilimo d'investigar desde que o leitor tenha a paciencia de o ler. Em primeiro logar este relatorio não é uma obra de theatro: falta-lhe a estructura scenica e as condicções indispensaveis n'uma producção de tal natureza. Ora toda a gente sabe que uma obra d'estas, por mais sensata que seja, desde que deixou de ser lida no parlamento, por exemplo, para passar a ser lida no Gymnasio, sahiu do meio natural em que lhe era dado

fazer dormir, para entrar n'outro em que so podia ser pateada.

Em face d'esta verdade tão simplesmente enunciada, baqueiam todas as theorias formuladas a respeito da queda de tão conspicuo como moderado relatorio. O espirito publico que muitos pensaram indignar-se pela crueldade da fraze—e recommendação da policia, apenas se indignou, instintivamente, pela má divisão das scenas. Os espectadores ainda podiam perdoar que o pensamento aparecesse um pouco nú, mas o que não perdoariam nunca era que ás actrizes não succedesse o mesmo.

Um regimen offenbachiano de quinze annos produz d'estas ambições salutares, tanto na politica como no theatro.

A Viagem á roda da Parvonia, em todo o caso, é uma obra de sinceridade posta em quatro actos e seis quadros. O governo civil prohibindo-a no dia seguinte ao da primeira representação, como attentoria da *moral publica*, prestou-lhe a maior homenagem official que estava na sua mão, destinguindo-a no meio da *degringolade* geral em que nada mais lhe era dado prohibir, tanto nos costumes como na litteratura.

Á primeira vista parecerá um desacato que Gil Vaz no seu relatorio represente, sob o aspecto de D. Quichote, o chefe do poder executivo presidindo a um conselho de ministros pantagruelico, excedendo os limites imaginaveis e possiveis do burlesco. Esta noção comica do po-

der executivo foi transmittida a Gil Vaz pela historia do seu tempo expressa no jornalismo, nas discussões parlamentares, nas polemicas partidarias, nos pampheletos e nas walsas quotidianas. A differença d'aspecto dos dois personagens consiste só em um andar vestido segundo Keil e outro segundo Gustavo Doré.

Isto é: a *Viagem á roda da Parvonia*, não é uma inspiração de Gil Vaz; é simplesmente inspiração d'um estado social e politico reconhecido por todos. Hoje tirado do meio ruidoso da scena e collocado na pacifica serenidade do livro, este modesto relatorio vae de certo encher d'arrependimento muita gente que uma noite o pateou, illudida pelas transfigurações theatraes.

A *Viagem á roda da Parvonia* como afirmação politica pode ser exemplo a parlamentares: em face das discussões jornalisticas, pode ter o valor d'um *logar selecto*, tal é a moderação de linguagem em que está escripta, a brandura das alluzões, a modestia dos epigrammas, a ingenuidade da sua critica posta em paralello com os artigos de fundo, que, durante o periodo constituicional, teem feito a educação de duas gerações.

Gil-Vaz não tem pois que arrepender-se da intenção que lhe dictou a sua obra, por que antes de tudo ella é o relatorio sincero da desmoralisação politica e social contemporanea. Se deve peniténciar-se d'algum pecado é de ter faltado ao que devia á sensibilidade publica, impor-

tando-se mais com os conceitos de que com a recitação ao pianno!

De resto; o que se ataca n'este *relatorio?* A familia? não. A inncecencia das donzellas? muito menos. A infalibilidade do papa? de nenhuma fórma. A propria monarchia constituicional e representativa? ainda menos. Nem a moral, nem a religião, nem as instituições.

N'este relatorio dão-se apenas algumas gebadas inofensivas nos vicios, fazendo em vista d'elles alguns *croquis* a carvão com o piedoso fim de divertir as plateas.

Muitas das scenas nem tem o merito da composição; são simples photographias do natural. N'outras Gil Vaz chega a mostrar-se digno da grinalda de rozas devida á virtude, tão ingenuas são as tinctas de que se serve, como por exemplo no segundo acto, em que assistimos a uma luta eleitoral tremenda sem que nos seja dado escutar a mais simples descarga de fusilaria! Os candidatos disputam o triumpho, a dinheiro e a vinho, tendo a simplicidade de não dar tiros um no outro! Que magnifico effeito theatral perdido! Decididamente, Gil Vaz faz do exercicio do suffragio um conceito muito innocente!

O desastre theatral da *Viagem á roda da Parvonia* explica-se pois pela difficiencia de condicções scenicas, e pela falta de aparato theatral a que o publico d'ordinario está costumado. Dado este lado fraco a satyra ficou a descoberto das bengalas descontentes, que se aprovei-

taram de todas estas circumstancias para tomar vindicta. O publico indifferente ou imparcial, achando que tinha pago de mais para vêr pernas de menos, deixou-se tambem levar por influencias suspeitas, e quebrou egualmente os bancos que encontrou á mão.

A *Viagem á roda da Parvonia* aqui está hoje pois n'um palco aonde o publico a não pode patear—sem esgotar a edição. É esta a melhor desforra de Gil Vaz, que d'ora ávante pode responder pela sua obra, convencido de que deve um favor aos espectadores que a apuparam e outro á policia que a prohibiu.

Foram elles que se encarregaram de demonstrar que a *Viagem á roda da Parvonia* não tinha realmente as porporções escandalosas que de principio lhe attribuiram, como sacrilegio politico e passatempo theatral.

GUILHERME D'AZEVEDO.

VIAGEM Á RODA
DA
PARVONIA

ACTO I

QUADRO I

A scena representa uma arcada do Terreiro do Paço.—Varios grupos conversam.—De quando em quando rapazes atravessam apregoando cautellas.—Vendilhões d'agua fresca gabam a excellencia do liquido.

SCENA I

UM SUGEITO *(declamando a passeiar, olhando para a porta da secretaria da marinha).*

Oh, noites de Lisboa, oh, noites de poesia!
Auras cheias de som, noites cheias d'aromas!

GAROTO *(passando a correr).*—Ámanhã anda a roda, quem quer a taluda! é do Fonseca!...

(Dois sugeitos conversando).

1.º SUGEITO.—Homem, então aqui os ministerios já cahem por causa d'um dente?

2.º SUGEITO.—Se lhe parece! Na politica todos

os dentes são necessarios menos o do sizo. Os caninos, esses então são indispensaveis. Olhe, d'aqui a pouco os logares de ministros hão de ser postos a concurso, dando-se a resolver os seguintes problemas, pouco mais ou menos. 1.º Levantar com os dentes, á altura de 4 palmos, a burra do thesouro...

1.º SUGEITO *(interrompendo)*.—Agora não havia de custar muito a levantar.

2.º SUGEITO *(continuando)*.—Roer em 7 annos, 70 mil contos de réis, incluindo o caroço...

1.º SUGEITO.—Bem sei, o caroço é a penitenciaria.

2.º SUGEITO.—Suspender o registro civil em cima d'um trapezio.

1.º SUGEITO.—A Leona Daré fazia isso nos Recreios, mas não era com o registro civil; era com um palhaço quasi tão extropiado como elle.

2.º SUGEITO.—Tem rasão. No fim de contas não ha prova possivel para a dentadura humana. Tanto pode mastigar um orçamento como uma pedreira. *(retiram-se.)*

(Dois banqueiros conversando.)

1.º BANQUEIRO.—Então as incripções sobem ou descem?

2.º BANQUEIRO.—Vão subindo á porporção que a moralidade vae descendo. [1] *(dirigem-se para o fundo.)*

(Dois jornalistas em fraternal coloquio, furando a parede das secretarias com as respectivas bengalas.)

1.º JORNALISTA.—Leste o bello artigo do Tiburcio atacando a nomeação dos conegos?

2.º JORNALISTA.—Li.

1.º JORNALISTA.—E o que te parece?

2.º JORNALISTA.—Parece-me que o Tiburcio pretende uma conezia no Tribunal de Contas.

(Dois bachareis dandys, ambiciosos de conservatorias e delegacias).

1.º BACHAREL.—Olé! então pela capital? O que é feito d'essa bizarria, ha seculos que te não vejo? Venha de lá esse abraço! então tambem vens aos concursos?

2.º BACHAREL.—Que remedio! É preciso agenciar a vida.

1.º BACHAREL.—E tens bons empenhos, hein?

2.º BACHAREL *(Diz-lhe ao ouvido um segredo).*

1.º BACHAREL.—Seu maganão! sim senhor! deulhe no vinte. Podes ter a certesa que és despachado.' 2

2.º BACHAREL *(intencionalmente com o dedo indicador).*—Pae Paulino tem olho. *(Separam-se tossindo).*

(Dois gatunos).

1.º GATUNO.—Então já tomaste medida á fechadura?

2.º Gatúno.—Não foi preciso: a policia deu-me a chave. *(Fogem olhando para todos os lados).*

1.º Jornalista.—Olé! quem será aquelle que chega?

2.º Jornalista.—Eu já vi aquella cara não sei aonde. *(Olham todos para o lado d'onde deve vir o personagem, fazendo comentarios).*

SCENA II

Os mesmos, Judeu Errante, depois o Ciceroni

Judeu *(aparece montado n'um burro, traja varino grosseiro, galochas de borraxa, na cabeça um carapuço de lã, com borla; vem coberto de pó dos seculos—ou, não podendo ser de pó dos seculos, de qualquer outro. A tiracolo um frasco de genebra e um binoculo. Apea-se ficando com o burro preso pela rédêa).*—Tenho corrido Seca e Meca, faltava-me correr os Olivaes de Santarem! Condemnado pelo destino a caminhar constantemente, andarilho eterno, um verdadeiro almocreve dos tempos, depois de ter visto as pyramides do Egypto, o polo Norte, Roma, Carthago, Babylonia, depois de ter assistido á queda dos imperios, ao diluvio, á revolução de 1820, *(suspende-se)* perdão! *(olhando para a platéa)* Aquelle senhor d'oculos azues que ali está no fundo da platéa, muito espantado a

Judeu Errante, dá entrada na Parvonia
n'um dia d'inverno

olhar para mim, quer talvez saber quem eu sou, d'onde venho e para onde vou? Eu lhe digo. Quem sou? Sou o Judeu Errante Junior. Tenho d'idade 7:000 annos e 3 dias, *(mostra um papel)* aqui está a certidão.—Nascido na freguezia do Eden, filho do Judeu Errante Senior, solteiro, isento do recrutamento, bacharel em quatro faculdades e vaccinado.—Ando ha sete mil annos á busca da Parvonia e só hoje a pude encontrar. Tenho-me farto de perguntar a toda a gente aonde fica este paiz, e diz-me um: olhe, é ali a baixo á direita, com um ramo de loiro á porta:—caminho, caminho, caminho e vou dar á ilha de Chypre! Torno a perguntar, e respondem-me: olhe, vá o senhor andando por ahi a baixo, e em sentindo no nariz um cheiro pouco parlamentar, [3] pode ter a certesa de que n'esse instante pousou a planta fatigada na cidade d'Ulisses, outr'ora Ullissipo e em nossos dias Parvonia. Finalmente, cheguei, não ha duvida. *(levando o lenço ao nariz)* Fique entretanto entendido, oh Lusos, que se cheguei devo-o unicamente a este raro quadrupede originario de Cintra, que um principe excentrico d'aqui levou ha dois annos, e que ha poucos dias mandou vender em leilão.[4] Foi elle que, movido pela nostalgia da patria, me conduziu á terra que lhe foi berço e aonde recebeu a sua primeira educação. *(prende o burro)* Descança dedicado companheiro, descança que bem o precisas!

1.º SUGEITO *(perguntando ao outro)*.—Quem será este sugeito, quem será?

2.º SUGEITO.—Espera, vamos vêr; o *Diario de Noticias* ha de dizer alguma cousa *(puxa d'um orgão da opinião, que traz muito bem dobrado na algibeira furtada, e lê)* «Espera-se hoje n'esta cidade, depois d'uma digressão pela Europa o Judeu Errante Junior, cavalheiro de estimaveis qualidades, muito conhecido dos nossos leitores, abastado proprietario e capitalista, condecorado com varias ordens nacionaes e estrangeiras, entre as quaes a do camello branco de Portugal e a de S. Thiago da Arabia. S. s.ª viaja incognito e tenciona demorar-se pouco tempo entre nós. Fazemos votos para que o inclito viajor encontre no paiz do canóro epico Luiz de Camões toda a acolhida lisongeira a que tem jus.» [5]

1.º SUGEITO.—Cá está o homem que me convem. *(aproxima-se)* Meu caro senhor. *(curva-se n'uma profunda venia)* Tenho a honra de o cumprimentar. Ha muito tempo que o conhecia de nome.

JUDEU.—Oh! meu caro amigo, penhora-me.

1.º SUGEITO.—Por em quanto não, socegue. Eu quando tenho noticia da chegada d'um forasteiro illustre, acudo sempre a prestar-lhe a minha homenagem e a porporcionar-lhe ensejo de mais uma vez patentear o seu coração philantropico em prol d'uma instituição de beneficencia, que é a primeira d'en-

tre todas as que florescem no sagrado rochedo das patrias liberdades, d'onde ha 44 annos vieram os 7:500, que, depois de tantas batalhas e de tantas privações, estão hoje reduzidos a pouco mais de 15:000!

JUDEU.—Bem sei de que me fallaes. Fallaes-me d'essa instituição sympathica cognominada modernamente o albergue da Ilha das Galinhas?

1.º SUGEITO.—Acertastes viajeiro.

JUDEU *(descalçando as galochas de borraxa e entregando-lh'as)*.—Aqui tendes as galochas d'Ashweros: galochas illustres que deram a volta ao globo, e que tu ó bemfeitor da humanidade, poderás vender ao governo para o muzeu do Carmo, collocando n'essas palhetas legendarias a seguinte inscripção:

Pizaram do Sinay as sarças inflamadas,
Calcaram do deserto o areal immenso,
Com umas solas só, galochas tão damnadas
Quem as pode fazer? Deus ou o Manuel Lourenço.
(Assignado) *Possidonio.*

1.º SUGEITO *(calçando as galochas)*.—Graças, viajor, cá vão para o muzeu *(retira-se humildemente)*.

UM POETA *(sahindo apressado do portão d'uma secretaria)*.—Li o seu nome nos jornaes e creio que o meu não lhe será tambem desconhecido. Chamo-me Arthur. Sou um poeta celebre, socio da so-

ciedada phylarmonica *Os sobrinhos de Minerva* e preparo-me para fazer o meu exame d'instrucção primaria. *(tira um rolo de papel do bolso)*. É um volume de versos. Passei metade da minha vida a escrevel-o e outra metade a procurar um editor.

JUDEU.—Infeliz! *(tira dinheiro do bolso, recebendo o manuscripto)* Não tenho mais trocado, queira desculpar dar-lhe só um pataco.

POETA *(recebendo)*.—Obrigado! Já vejo que sabeis dar protecção ao genio. *(áparte)* Vamos beber um copinho de holanda.

JUDEU.—Já sei que n'este paiz o costume mais arreigado é o de pedir. O que vale é que se contentam com pouco.

POLITICO *(aproximando-se)*. —A folha deu-me conta da sua chegada. Permitta-me que o venha felicitar em nome do grupo politico de que faço parte.

JUDEU.—Oh! meu caro, penhora-me immenso, e visto ser penhorado todo o que vem a este paiz, pedia-lhe o extremo obsequio de dizer o que pretende de mim.

1.º POLITICO.—Tomo a liberdade de lhe pedir o seu voto.

JUDEU.—Mas, não estou aqui recenseado!

1.º POLITICO.—Não tem duvida: vota em Belem.

JUDEU.—Mas sou um estrangeiro?...

1.º POLITICO.—Que tem isso? Vota como morto.

JUDEU.—Mas o meu voto n'estas condicções o que pode valer?

1.° POLITICO *(ao ouvido)*.—Vale uma libra *(dá-lhe uma libra e retira-se)*.

JUDEU. *(guardando o dinheiro, cheio de nobre isenção eleitoral)*.—Extraordinario paiz! Cheguei ha meia hora e eis-me já sem consciencia e sem galochas! Palavra d'honra! de que tenho mais pena é das galochas!

ACCIONISTA D'UMA COMPANHIA *(approximando-se do Judeu)*.—Felicito-me com o meu paiz pela chegada d'um cavalheiro de tantos creditos. Ora aqui está quem me vae ficar com estas 50 acções da companhia do gaz.

JUDEU.—Pois não, meu caro senhor. Com todo o gosto. Quanto quer?

ACCIONISTA.—Bem sabe que com a vinda das noites grandes as acções tornaram a subir immenso.

JUDEU.—Bem sei. Olhe, para evitar questões tome lá por ellas esta caixa de phosphoros, mas mande-me pôr em casa o gazometro; d'esta maneira ficamos ambos habilitados, o amigo para acender um charuto, eu para o apagar.

ACCIONISTA.—Contracto feito. Vou ajustar dois gallegos e pode contar que ainda hoje lhe fica collocado na cozinha *(sae apressadamente)*.

2.° POLITICO.—Eu não tenho o gosto de o conhecer, mas é o mesmo. Não o incommodarei muito.

O gabinete está em crise, as inscripções descem: o paiz, desde Maçãs de D. Maria até Cabeceiras de Basto, levanta-se como um só homem e batendo um murro patriotico no altar da patria exclama: salta Messias para um! Ha tres mezes que pomos este annuncio no *Diario de Noticias: (lê)* «Precisa-se d'um Marquez de Pombal por um semestre.— Dá-se fiador e paga-se aos mezes. Exigem-se as seguintes habilitações. Bigode e pera. A pera pelo menos é indispensavel. Calva a que fôr possivel: antes de mais que de menos. Peso, as arrobas necessarias para um conselheiro, desde 12 a 24, não incluindo a cabeça. Estomago d'avestruz: dentadura em bom estado: ler, escrever, contar, as 4 operações, principalmente a subtracção: estado qualquer, incluindo o de demencia. Idade certa, moralidade incerta: profissão vadio. Sabendo recitar ao piano prefere-se. [6] Carta á rua dos Vinagres, n.º 69, sobreloja.» *(declamando)* Ora como ainda não appareceu concorrente que satisfaça, lembrei-me de o consultar a tal respeito, visto ser um cavalheiro de tal guisa e de tamanho estofo.

JUDEU.—Peço desculpa mas declaro-me incompetente. N'este paiz estão tantas pessoas á meza do orçamento, que acho muito melhor ir para os Irmãos Unidos.

POLITICO.—Então queira perdoar. *(retirando-se)* Para a outra vez será.

Judeu.—Não tem de que, meu caro senhor, não tem de que.

1.º Banqueiro.—Ora aqui está o cavalheiro que eu procuro ha tanto tempo. Meu caro senhor: sou um dos primeiros banqueiros da Parvonia. Não tenho nada de meu e devo 400 contos de réis: é o que se chama entre nós uma fortuna solida.

Judeu.—Quantas vezes quebrou?

1.º Banqueiro.—Apenas 4! É muito pouco bem sei, mas demos tempo ao tempo. A minha questão é esta: pretendo fundar um banco que se deve intitular:—*Sociedade d'Agricultura do Pinhal da Azambuja,*—destinado a fomentar a pobreza do paiz, a ruina dos accionistas e a prosperidade dos directores. O nosso programma é simples: levantar o mais que poder e pagar o menos que fôr possivel: ao cabo d'anno e meio fugimos e os accionistas são metidos na cadeia.

Judeu *(com enthusiasmo)*.—Com mil demonios! Você é um homem de genio. Dou-lhe um abraço, e sabe a rasão por que não aceito o seu convite? É por que ainda não tive tempo de comprar um apito.

1.º Banqueiro.—Então muito obrigado. Virei n'outro dia em que tenha fundos disponiveis *(retira-se e assalta outro sugeito que passa, agarrando-o pelo botão do casaco)*.

Judeu *(reparando n'um individuo que se dirige*

a elle com ar sinistro).—Outro! o que quererá este! Deus do ceu, é um paiz unico esta Parvonia!

GEOGRAPHO *(solemne).*—Preclaro viandante. Sabemos que a sua excursão tem sido das mais aventurosas e das mais proficuas para a sciencia. Sabemos que V. Ex.ª descobriu as nascentes do Alviella; que fez a viagem á roda do Terreiro do Paço em 3 annos—e de gatas: que subiu intrepidamente a calçada da Estrella n'uma corrida á hora, e a pé: sabemos que se não descobriu o Brazil foi por que já estava descoberto: sabemos que está isento do recrutamento; sabemos que é maior; sabemos que é vacinado e por tanto, quer queira quer não, está nomeado socio emerito das mil e duas sociedades de geographia que existem na Parvonia, com a condição expressa de fazer uma prelecção em que demonstre: 1.º que o Alviella é um rio; 2.º que o Tejo é de cristal; 3.º que os caminhos de ferro portuguezes antes de explorarem os accionistas, já tinham sido explorados pelo governo.

JUDEU.—Oh, meu caro senhor. Na verdade sou inhabil para tão grande commettimento! No meu testamento tenho determinado que se me grave na campa fria o seguinte epitaphio:—*Foi bom pae, bom esposo, bom irmão, bom amigo; e não obstante, parece impossivel! Não foi socio da Sociedade de Geographia.*—Já vê que me é impossivel aceitar.

Geographo.—Paciencia: não fiquemos mal por isso; até outro dia.

Viuva.—Meu caro bemfeitor: uma esmolinha pelo amor de Deus: sou uma pobre viuva com 37 annos e 44 filhos todos tisicos: um d'elles é corcunda e tem 4 braços. Tenho um cirro no estomago e deito sangue pelo nariz; de mais a mais ardeu-me hontem a casa!!... (*chora*)

Judeu.—Infeliz! só lhe falta ter cahido d'um andaime! Tome lá um pataco para mandar levantar a casa e a espinhela dos seus meninos. (*dá-lhe dinheiro: a viuva sae agradecendo.*)

Ciceroni (*chegando apressado: grande toilette de belfurinheiro em exercicio*).—Ora onde eu o venho encontrar? Maganão ha tanto tempo que o não via!

Judeu (*absorto*).—Nem eu meu caro senhor. Nunca o vi mais gordo? o que deseja?...

Ciceroni (*fallando apressadamente, e tirando varios objectos das algibeiras e da mala que traz a tiracolo*).—Então o amigo já tem hospedaria? Precisa escovas para o cabello? Quer a pasta da Justiça? Quer que lhe leve as malas ou quer a carta do Conselho? Olhe, ali na rua do Arsenal ha cigarrilhas hespanholas magnificas, mas se quer o habito de S. Thiago tambem se lhe arranja: isto aqui é pedir por boca. Não tem senão escolher: ou vae para a rua dos Vinagres ou então,

se lhe faz mais arranjo, pode meter-se no Tribunal de Contas. No conselho de Estado não ha agora vaga. Prefere ser guarda nocturno? visconde não é mau, mas guarda a cavallo é melhor. Escolha; deseja empenhar a consciencia, deseja empenhar o relogio? Pretende ser deputado? Pelo governo custa-lhe 300 libras, pela opposição 200. Quer casar, quer ser da irmandade dos Terceiros? quer elogios nos jornaes? Ou antes pelo contrario não quer nada d'isto e deseja apenas ser um brazileiro rico e bem conceituado na sua freguezia? Por que não me fica com este decimo da lotèria d'Hespanha e com esta commenda d'Isabel a Catholica? São ambas do Fonseca! Vamos, decida-se: o senhor precisa por força d'alguma cousa. Aqui tem uma pomada para fazer cahir o cabello e os ministerios: aqui tem cartas de conselho, titulos de divida infundada, baralhos de cartas, fluidos transmutativos, microscopios para ver pulgas e grandes homens; titulos para deitar nodoas e sabonetes para as tirar: emfim, aqui tem n'esta drogaria diabolica tudo quanto é preciso para levar um homem desde a immortalidade até á policia correccional!

JUDEU *(enthusiasmado)*.—Eureka! achei o meu homem! O Ciceroni que eu procurava ha tanto tempo! *(dando-lhe o braço)* Vamos dar um passeio pela Parvonia.

CICERONI.—A primeira cousa que ha a fazer,

para obter tudo o que quizer, eu lha digo já,—entretanto será sempre bom disfarçar o nome e a cara. Agora, para abrir caminho e conseguir tudo absolutamente tudo, deve propôr-se deputado. As eleições estão á porta.

JUDEU.—Deputado! Mas se eu não seuber ler nem escrever?

CICERONI.—Melhor! pode já contar com a eleição; não ha tempo a perder, vamos á egreja.

JUDEU *(detendo-se)*.—Mas o demonio é o burro! aonde é que havemos de guardar este jumento?

CICERONI.—Não tem duvida. *(chamando um garoto)* Olé! vae-me metter este burro no tribunal de contas. [7] *(Saem de braço dado.)*

Mutação

QUADRO II

A scena representa o adro d'uma egreja que se vê ao fundo. Em volta casas, e de cada lado uma taberna, tendo uma d'ellas este letreiro: «Cartaxo e governo».—E a outra este: «Oposição e Bucellas».—Trava-se campanha eleitoral.—No adro acham-se estabelecidas muitas vendas de licores com que os votantes refrigeram as consciencias. —Ha discussões acaloradas em varios grupos.—Trocam-se listas, votos, bebidas e outros artigos de commercio.

SCENA I

Candidato do governo. — Eleitores, — Povo, — Cabos de policia,—Galopins,—Vendilhões de capilés e de consciencias, etc., etc.—Familias pelas janellas presenceiam a lucta.

1.º Eleitor *(conversando com outro)*.—Sabes perfeitamente que sou um homem de convicções firmes; o que digo uma vez está dito, e declaro-te debaixo da minha palavra d'honra que ninguem se poderá gabar de me apanhar o voto por menos de 3 libras.

2.º Eleitor *(n'outro grupo)*.—Que burro que eu fui!...

3.º Eleitor *(altamente indignado)*.—E então eu não fui vender o meu voto ha oito dias, quando estavam a quartinho, imaginando que só havia deputado do governo e agora, á ultima hora, apparece

um da oposição que os está pagando a 4 libras, com vinho a rodo e habitos de Christo para quem quizer!

2.º Eleitor *(desdenhoso)*.—Essa não é má! Tu és um asno! Faz o que eu fiz: vendi o meu primeiro por um quartinho e depois por dezoito mil réis.

3.º Eleitor.—E afinal de contas com quem votas?

2.º Eleitor.—Não me apanha o voto senão quem me pagar a renda da casa.

Candidato *(acompanhado de regedor e cabos de policia, detem-se no meio dos grupos, magestoso, limpando o suor com um lenço de seda de ramagens)*.—Meus senhores: é chegado o momento em que o cidadão tem d'exercer um dos direitos mais sublimes que a sociedade lhe confere. Á urna cidadãos; á urna pois; á urna pela moralidade; á urna pela justiça; á urna por este ministerio providencial cuja iniciativa fecunda e benefica tem produzido já, desde hontem ás 7 horas da tarde até hoje ás 11 horas e 3 quartos, as medidas mais rasgadas, os fructos mais beneficos, os commetimentos mais salutares. Dizei-me, senhores; o que era o *deficit* hontem ás 5 da manhã? Nada senhores! uma cousa ridicula, uma divida de merccaria que nos envergonhava em face da Europa culta e de todas as nações do globo que caminham

na vanguarda da bancarrota e do descredito. O *deficit*, senhores, vergonha é confessal-o, ainda hontem era apenas de 720 réis, e em tão pouco tempo, graças á energia da situação que nos governa, eil-o transformado de 720 réis em 720 contos!

Vozes.—Muito bem, muito bem!...

Candidato *(continuando inspirado sempre e transpirando cada vez mais)*.—Desafio os mais acerrimos inimigos do gabinete a que venham contestar esta verdade. Eleitores, se quereis ser guardas a cavallo; se quereis ser arcebispos, escrivães de fazenda, e conegos da Sé; se quereis que as vossas esposas não morram de parto; se quereis uma boa colheita de azeitona; se quereis que vos saia a sorte grande; se quereis que os vossos filhos, os filhos das vossas entranhas, não vão verter o sangue nos campos da batalha de Waterloo ou no cerco do Porto, se não quereis isso cidadãos independentes; se não quereis que vos arda a casa, que vos dê o mal nas vinhas, ou que vos caia o cabello; então eleitores, votae com o governo, votae com João Fernandes Junior, que, nascido na plebé conseguiu com o suor do seu rosto *(limpa a calva)* elevar-se, de simples sacristão em Matacães, até um dos primeiros cargos politicos da nação.

Vozes.—Muito bem, bravo, muitissimo bem. *(Alguns cabos de policia levam galhardamente as*

mãos aos punhos dos bengalões ferrados que lhes servem d'espadas).

1.º Eleitor *(fallando com outro).*—Lá fallar falla elle bem. Agora o que eu quero vêr é como elle canta.

Uma voz dentro da egreja *(soltando um rugido rouco).*—Vae fazer-se a chamada.

SCENA II

Judeu Errante, seguido do Ciceroni.—Varios eleitores, depois o burro.—A multidão mostra-se cheia de curiosidade.—Candidato do governo, n'um grupo faz comentarios.

Judeu *(ao Ciceroni).*—Para que demonio está aquella egreja aberta?

Ciceroni.—É verdade, tinha-me esquecido de te dizer que na Parvonia as eleições fazem-se nas egrejas.

Judeu.—E as missas dizem-se nas tabernas?

Ciceroni.—Não. Nas tabernas convertem-se os fieis ao governo para votarem na oposição, e os fieis á oposição para votarem no governo. Comecemos o nosso trabalho que não ha tempo a perder. A eleição parece-me segura depois da conversa que tivemos com o influente do circulo, entretanto sempre é bom dizer algumas palavras aos eleitores renitentes. Se te sentes inspirado, falla.

Judeu.—Vamos a isso. *(Colloca-se em attitude de fallar).*

Ciceroni.—Começa: não tenhas medo.

Judeu *(com gravidade).*—Srs. eleitores do circulo 13:500... por cabeça! Apresentando-me ante vós a reclamar o vosso sufragio, tenho em mira apenas uma cousa: fazer-me despachar patriarcha e guarda a pé de segunda classe d'uma alfandega da raia. Já vêdes que sou um homem perfeitamente desinteressado. Quem tem estomago, tem fome; eu tenho um grande estomago, logo tenho uma grande fome. De resto srs. eleitores eu sei perfeitamente conciliar o meu apetite com a minha gratidão. Se eu fôr patriarcha hão de vocês todos ser conegos. *(A multidão acerca-se).*

1.º Eleitor *(áparte).*—Isto é que é fallar! Vou já mandar abrir corôa.

Judeu.—Sim, srs. eleitores; por que é uma calumnia dizer que a oposição não quer conegos. Quando o Alemtejo inteiro está luctando com uma sêca calamitosa; quando essa provincia outr'ora prospera não produz hoje nem sequer as bolotas necessarias para adornar as fardas dos conselheiros do Tribunal de Contas; quando populações inteiras de bacoros famintos abandonam os montados e veem ao ministerio do reino pedir providencias; quando vêmos as porcas, ó sacrilegio! contra todos os principios da maternidade, devorarem im-

pelidas pela fome os proprios leitõesinhos recem-nascidos; quando se vêem milhares e milhares de cevados, paes de familia, ainda hontem gordos e felizes e hoje reduzidos á miseria, na triste situação de chegarem a pedir um logar d'amanuense; dizei-me senhores; qual é n'estas circumstancias a attitude que deve tomar um partido que se interessa pela prosperidade das provincias da publica administração que se acham todas tão incultas como aquella a que me acabo de referir? Francamente senhores; a um porco respeitavel, não podemos dar-lhe um logar na alfandega de consumo. Os directores geraes são 8 ou 9 e os cevados são 800 ou 900; qual é pois o meio de cortar as difficuldades, harmonisando os legitimos interesses dos bacoros com as conveniencias dos cabidos? Eia senhores; povoemos as dioceses! que a Sé de Lamego venha em auxilio dos montados do Alemtejo e que áquelles a quem falta a bolota *(chora)* não falte ao menos uma conezia. [8] *(Assoa-se em signal d'eternecimento).*

VOZES.—Muito bem, muito bem. *(Alguns eleitores abraçam-n'o com effusão).*

1.º ELEITOR *(áparte).* — A minha pena é não ser do Alemtejo e não ser mais porco do que sou.

VOZ NA IGREJA *(rugindo n'um acesso de furia constitucional).*—Vae fazer-se a chamada.

CICÈRONI *(ao Judeu).*—Sim senhor, andaste muito

bem. O teu discurso foi um modelo d'eloquencia. Tem só um inconveniente; é que d'aqui a pouco toda a gente quer ser porco n'este paiz.

JUDEU.—Deixa-te d'isso. Se nós formos ao poder as dioceses são todas para nós: metade para cada um.

CANDIDATO *(áporta da tasca, conversando com um galopim)*.—Então o que te palpita, venceremos ou não?

GALOPIM.—Com mais 300 libras arranja-se o negocio.

CANDIDATO.—Demonio! Já me parece muito dinheiro! o que val é que não é meu *(passa-lhe dinheiro)*.

GALOPIM *(áparte, metendo parte do dinheiro no bolso segundo as praticas seguidas em casos d'estes)*.—200 são para me comprar a mim e 100 para comprar os eleitores. [9] *(ao candidato)* Vamos a saber uma cousa, sr. João Fernandes, vossemecê é homem de palavra ou não é homem de palavra?

CANDIDATO.—Essa não é má; pois vossê duvida de mim?

GALOPIM.—Meu caro sr. João Fernandes, negocios são negocios. Cartas na mesa. Vossê vencendo a eleição despacha-me guarda-mór da Penitenciaria?

DEPUTADO.—Isso não prometto: mas em todo o caso, não podendo ser, pode contar desde já com

um gabinete reservado n'esse estabelecimento de *beneficencia.*

4.º ELEITOR *(sahindo da egreja a cambalear, canta:)*

Estou bebado como um caxo,
Ai, agora é que são ellas!...
Depois de beber Cartaxo
Vou-me atirar ao Bucellas.

(á porta da taberna) Bota lá meia canada...

JUDEU *(comentando-o).*—De soberania eleitoral.

4.º ELEITOR *(ebrio, entrando na taberna).*—Isto os deputados deviam fazer *inleições* todos os dias para ajudar a viver os *probes.*

JUDEU *(a Ciceroni).*—O que te parece? a cousa está segura?

CICERONI.—Segurissima. O nosso adversario dispõe de 3:640$000 réis, nós dispomos de réis 3:644$500: conclusão; ganhamos por uma libra.

JUDEU.—Alto lá! isso é uma minoria insignificante. Toma lá os ultimos 5 tostões *(dá-lh'os)* havemos de ganhar por cinco mil réis.

CICERONI.—Vejo ali um eleitor que está com cara de se vender segunda vez. Vamos ver se nos entendemos com elle. *(chamando-o)* V. S.ª dá-me uma palavrinha em particular?

1.º ELEITOR *(aproximando-se).*—Pois não, estou ás suas ordens.

CICERONI.—Peço perdão; mas quero propor-lhe um contracto, para bem de todos nós e do paiz. V. S.ª na qualidade d'um dos eleitores mais independentes d'esta freguezia diz-me quanto recebeu para ir votar com o candidato governamental?

1.º ELEITOR.—Sinceramente; visto conhecer a minha fé inabalavel, dir-lhe-hei que vendi tres vezes o voto ao mesmo candidato; é n'isto que está a minha coherencia politica.

JUDEU.—E por quanto, pode-se saber?

1.º ELEITOR.—A 1.ª vez por um logar de sacristão, a 2.ª por um logar de cantoneiro, e a 3.ª por um logar de bacharel em direito.

JUDEU.—Pois olhe, da 3.ª vez parece-me que fez um mau negocio.

CICERONI.—Muito bem. *(conta dinheiro)* V. S.ª recebe mais estes 240 réis, o prêço d'uma consciencia já em 4.ª mão, e alem d'isso promettemos nomeal-o addido n.º 1485 para ir á exposição de Paris representar a Parvonia na classe de vellas de stearina ou rolhas de cortiça.

1.º ELEITOR.—Negocio feito. Mas, meu caro amigo: mais uma condicção: quero tambem uma commenda.

JUDEU *(em tom reprehensivo)*.—Meu amigo, suppunha-o com mais juizo! Para que quer vossemecê a commenda?

1.º ELEITOR.—Essa não é má! É para a vender.

JUDEU.—Queira desculpar. Effectivamente vocemecê, é um dos eleitores mais francos e mais conscienciosos que tenho conhecido.

CANDIDATO *(aproximando-se e pegando na mão do eleitor que puxa para o extremo oposto da scena)*.—Cidadão independente: vocemecê vê ali escripto «Cartaxo», pois cidadão *(ao ouvido)* para os amigos tambem ha Porto e tambem umas mãosinhas de carneiro: isto é cá para nós.

CICERONI *(invectivando)*.—É indigno attentar contra a consciencia d'um eleitor!

CANDIDATO.—Falta á verdade: offereci-lhe vinho da minha lavra; não estou a attentar-lhe contra a consciencia, estou a attentar-lhe contra o estomago.

JUDEU.—Pois, estomago e consciencia na Parvonia é a mesma coisa.

CICERONI *(puxando o eleitor por sua vez)*.—Aquelle desgraçado offerece vinho do Porto; offerece mãosinhas de carneiro! pois bem; se quereis meio bife votae com a oposição; se quereis salada de lagosta...

CANDIDATO *(bradando com voz convicta)*.—Votae com o governo.

JUDEU *(intervindo)*.—Não se deixe seduzir! *(com altivez)* Vê a minha lista? *(mostra um papel e lê)* Sôpa de cevadinha *(declamando)*.—Sem o diminuitivo tambem se dá se quizer *(continuando a*

lêr).—Costelletas de carneiro ou de thesoureiro pagador.—Cabeça de commarca com ervas.—Rim grelhado com conservadores.—Chispes de conego. —Sobre-mesa; Maçãs de D. Maria.

CANDIDATO *(puxando o eleitor).*—Não vacile homem; aquillo é o caldo negro d'Esparta, em comparação do que resa esta lista do governo; ouça: *(lê)* Sôpa *Zambeziana.*[10]—Cabeça de porco e de districto.—Paio com commendas.—Borrachos á portugueza.—Desenjoativos: mexilhõesinhos pretos de Castello Branco. — Mayoneze de deputados, verificadores da Alfandega e generaes de brigada. — Lombo de Zé Povinho. — Vinhos; — Porto 1815, — Borges de Castro, n.º 23 *A*, rua do Alecrim. *(ao publico)* Queiram desculpar, mas isto é um reclame. *(declamando)* — Sobre-mesa; sonhos. — Neves de todas as qualidades.

1.º ELEITOR *(áparte, reflectindo).* — Francamente, acho a lista do governo muito superior á da oposição, motivo por que vou primeiro comer uma e depois a outra.

CICERONI.—Mas então vota comnosco?

CANDIDATO.—Posso contar comsigo?

1:º ELEITOR.—Os senhores deviam fazer o que quiz fazer el-rei Salomão n'um caso similhante. Devidirem-me ao meio e ficar cada um com metade do meu voto.

CICERONI *(chamando-o a um lado da scena)*.—Bem, aqui está a nossa lista.

DEPUTADO *(chamando-o a outro lado)*.—Bem, a minha lista aqui está.

1.º ELEITOR *(tomando uma resolução)*.—As duas são tão boas que não posso deixar de as comer ambas ao mesmo tempo: sou ecletico. *(Entra na egreja)*.

UMA VOZ *(á porta da egreja)*.—Está a concluir a chamada.

UM ELEITOR *(correndo apressado com um copo de vinho na mão)*.—Deixa-me lá ir depressa que ainda não votei senão 5 vezes!

CANDIDATO *(ao galopim)*.—A nossa gente já veio toda?

GALOPIM.—Parece-me que ainda falta.

UM CEGO *(apparecendo a pedir esmola)*.—Uma esmolinha pelo amor de Deus! quem me dá 5 réisinhos.

JUDEU *(chamando-o)*.—Oh! ceguinho, venha cá! Olhe que n'um dia como este não se pedem 5 réis, pedem-se 5 libras. Então vossemecê não é votante?

CEGO.—Oh, senhor, não estou recenseado n'esta freguezia!

CICERONI.—Não tem duvida: a mesa não repara.

CANDIDATO *(intervindo)*.—Oh, irmãosinho, venha cá; não se deixe seduzir. Vossemecê, quer ir votar pelo governo?

CEGO.—Mas eu não vejo nada!

CANDIDATO.—Tambem eu não, mas isso não faz ao caso; ora diga, deseja algum empregosinho?

CEGO.—Mas bem vê que sou cego!

CANDIDATO.—Ah, então por que não tinha dito isso ha mais tempo! Põe-se-lhe uns oculos azues e vae para olheiro da penitenciaria. *(entrega-lhe a lista e encaminha-o carinhosamente á porta da egreja)* Ora vamos lá...

CEGO.—Seja pelo divino amor de Deus: aqui está um homem que vê ao longe!

VOZ NA EGREJA *(chamando)*.—Polycarpo da Silva Banana.

(Entra um sugeito que recebe de cada candidato, ao passar por elles, a competente lista).

SUGEITO—Ora cá vou cumprir, com o meu dever *(entra na egreja)*.

VOZ NA EGREJA.—José dos Caracoes.

(Passa outro eleitor: a mesma scena, um dos candidatos dá-lhe dinheiro).

ELEITOR.—Sim senhor. Aqui está o que é franqueza. *(áparte)* Realmente nós em vez de fazermos botas deviamos antes fazer deputados.

VOZ NA EGREJA.—Antonio Moita.

(Aparece um homem em moletas).

CANDIDATO.—Ai! coitadinho, deixe-me ampara-l-o! *(ampara-o d'um lado)*.

JUDEU *(acudindo)*.—Ora que incommodo, meu

caro amigo! deixe-me amparal-o. *(Ampara-o do outro lado, acompanham-no ambos á porta da egreja).*

Voz na egreja.—José Gato da Costa.

(Apparece um homem de gatas).

Candidato *(ao galôpim).*—Levemol-o á boca da urna. *(Os dois fazem cadeirinha com os braços e levam-n'o).*

Judeu.—Ora isto é que é uma eleição disputada! Se continua assim levo cheque! Entretanto nunca pensei que tivesse tantas disposições para candidato!

Ciceroni.—Não te assustes. Ainda falta muita gente nossa. O maneta é que se está demorando! mandei-lhe já dois recados.

Judeu.—Quem é o maneta?

Ciceroni.—Eil-o que chega. *(Apparece um homem sem braços).*

Maneta.—Cá estou, venha a lista.

Judeu *(fazendo menção de lhe entregar a lista; como quem procura os braços).*—Mas a este homem faltam todas as condicções necessarias para pegar na lista?

Maneta *(pegando na lista com os dentes).*—Agora a outra!

Judeu.—A outra, que?

Maneta.—A outra lista.

Ciceroni.—Ah, já sei o que elle quer! *(tira uma libra do bolso, mette-lh'a nos dentes).*

Maneta *(mostrando a lista e a libra nos dentes).* — Uma é para o estomago, outra é para a urna *(sae).*

Voz na egreja.—Lazaro do Espirito Santo.

(Aparece uma maca conduzindo um doente).

3.º Eleitor.—Protesto, não pode votar! Este homem não está morto!

O da maca *(deitando a cabeça de fora).*—Não posso votar, essa não é má! aqui está a minha certidão d'obito. Falleci ha 4 dias na freguezia de Santa Justa, tenho por isso todas as condicções que a lei exige para votar nas Mercês. [11]

3.º Eleitor.—Perdão, não sabia; queira desculpar.

Candidato *(aproximando-se da maca e levantando a cortina).*—Meu caro defunto, se vota com o governo arranjo-lhe um logar vitalicio d'archanjo Gabriel de 1.ª classe no outro mundo.

Judeu *(do outro lado da maca, levantando a outra cortina).*—Qual prefere vocemecê, ser anjo no Paraiso ou banqueiro em Lisboa?

O da maca *(reflectindo).*—Eu sei? Parece-me preferivel ir para o céo, a ir para o Limoeiro!

Judeu.—Ser anjo é muito bom, mas olhe que ser da policia civil não é peior!

Doente.—Bem, agora não hesito; vou para o corpo de policia. Venha a lista *(judeu entrega-lhe a lista).*

Candidato.—Lá me roubou aquelle voto com que eu contava!...

Galopim.—Parece-me que temos a eleição empatada!...

Candidato.—Está o demonio! se não arranjamos mais algum voto!...

Galopim.—Mas aonde!...

Candidato.—Na freguezia do alto de S. João.

Galopim.—Era muito bom, mas esses já votaram todos!

Candidato (*passeiando agitado*).—Estamos perdidos! (*para a multidão*) Cidadãos independentes! Qual de vocês quer vender o voto pela corôa da Polonia ou por uma pipa de vinho?... (*Entra nos grupos agitando o chapeu e o lenço de ramagens*).

Ciceroni (*ao judeu*).—Este é que é o momento da crise (*sae*).

Judeu (*mostrando-se afflicto, cantando*).

Que venha o zarolho, que venha o maneta,
Que venha o sepulchro, que venha o hospital,
Que toque a trombeta,
Que toque a trombeta,
Que toque a trombeta,
Do Juizo final!

Os mortos sahindo debaixo do chão
Que venham, que venham de lista na mão,

Fantasmas extinctos,
Sombrios, famintos,
Votar por tres pintos
Na oposição!...

Oh, mortos, erguei-vos das campas marmoreas!
Oh, mortos, oh, mortos, deixae-vos d'historias,
Na vida não ha,
Senão um maná;
Toma lá, dá cá.
Oh, mortos, erguei-vos das campas marmoreas!

Que venham as ondas e os raios e os ventos!
Que venham, que venham milhões de jumentos,
Jumentos sem fim,
Jumentos, jumentos, de patas no ar,
Votar, votar, votar,
Por mim, por mim, por mim!

(Um espectro entra na scena dirigindo-se silencioso para a egreja). [12]

CANDIDATO *(a um eleitor).*—Este é nosso: é o defunto Mathusalem que vota sempre com o governo constituido.

JUDEU *(desanimado).*—Parece que afinal de contas perco a eleição. Não me lembrei de mandar circulares para os Prazeres!

CICERONI *(entra conduzindo o jumento á redea,*

triumphante).—Nos grandes lances é que os burros se conhecem; aqui está o que nos vae salvar!

Candidato.—Protesto! a lei é expressa! não confere o direito de sufragio aos jumentos!

Judeu *(bradando em cima de um marco de pedra).*—É falso! Os parlamentos não costumam legislar contra si mesmos.

Ciceroni.—Não só ha de votar mas ha de deitar 2 listas na urna. É para isso que tem 4 pés.

Candidato.—Protesto! Esse burro está nacionalisado estrangeiro.

Judeu *(correndo ao burro e montando-se n'elle, como triumphador).*—És tu que me salvas! Agora já posso dizer que vou ao parlamento montado no corpo eleitoral! [13]

Cae o pano

ACTO II

QUADRO III

A scena representa uma parodia á camara dos deputados, em sessão.—Lado direito; estrado da presidencia—logares dos secretarios; em frente algumas bancadas com deputados. —Os deputados vestem a capricho.—Presidente usa barbas brancas, oculos azues com aros de metal amarello, calvo inteiramente.—Os dois secretarios, um de 6 annos outro de 9, ambos de bigode e pera.—Em frente, bancada dos ministros. — Presidente entretem-se folheando papeis.— Os secretarios comem bolos. — Varios grupos conversam com a maior semceremonia.—As tribunas estão vazias.

SCENA I

Simplicio das Neves, Presidente, Ministros e Deputados

1.° Deputado *(tirando o casaco.)*—Que calor!... puf!...

2.° Deputado.—Esta manhã assim que cheguei fui ao Manuel Lourenço, comprar umas botas novas que me estão apertando os calos como um milhão de demonios!...

1.° Deputado *(áparte).*—É natural, não está habituado a usal-as...

2.º DEPUTADO *(fazendo menção de tirar as botas)*. —Meus caros collegas, dão licença?

VOZES.—Á vontade, á vontade...

2.º DEPUTADO *(tirando as botas e calçando uns sapatos de tapete)*.—Calçado isto! Foi presente de minha mulher no dia dos meus annos.

PRESIDENTE.—Ordem, meus senhores! Calcem as suas botas que vae abrir-se a sessão.

1.º DEPUTADO *(abrindo uma gaveta e procurando um collarinho)*.—Demonio! deixe-me pôr o colarinho. Não sei por que, é uma cousa que me esquece sempre! *(ata um lenço de chita de ramagem em volta do pescoço assoando-se primeiro a elle estrondosamente)*. Então gravata, é raro o dia em que a trago!...

(Varios deputados durante esta scena estão conversando, palitando os dentes, e praticando outros actos mais ou menos proprios do moderno parlamentarismo). [15]

PRESIDENTE.—Meus senhores, recolham os seus palitos que vae começar a sessão.

(Os deputados cravam os enormes palitos atraz da orelha).

1.º DEPUTADO *(n'um grupo)*.—Então, segundo dizem, Demosthenes, o nosso grande orador, vae finalmente ter o seu rival?

2.º DEPUTADO.—Diz que sim! que é um tal Ci... Ci... Ci...

3.º Deputado.—Um tal Ci... Ce...

1.º Deputado.—Tenho-o mesmo debaixo da lingua!... Ah cá está elle! Um tal Cicero de Freitas.

4.º Deputado *(intervindo)*.—Conheço perfeitamente. Foi do meu tempo em Coimbra.

3.º Deputado.—E que tal, rapaz habil?

4.º Deputado.—Um prodigio! É um rapaz de grande valor!... Só em instrucção primaria teve elle 17! Logo que se formou defendeu nos audictorios de Cabeceiras de Basto um réo e, apesar d'elle estar innocente, conseguiu fazel-o condemnar só a dez annos de prisão! Depois para a musica, isso é um barra! Tem uma mazurka intitulada o *Charuto* que é um verdadeiro primor! Então no verso!... Ah, meu amigo... Ha um epitaphio d'elle feito aos annos de minha sogra!!... Ora deixe ver se me lembro... *(pensa)*

As armas e os barões assignalados...

Ah, não, isto é do Luiz d'Araujo... *(reflectindo)*. [16]

As flores d'alma que se alteiam bellas...

(Emendando). Ainda não vae... ah, cá está, cá está...

Aqui jaz na campa fria, n'este funeral moimento,
A minha sogra Maria do Sacramento
Que foi o meu amor e o meu tormento!

2.º Deputado.—Admiravel! Admiravel, é um prodigio!

Presidente *(ao deputado que recita).*—Tenho a observar ao sr. deputado Simplicio das Neves que não é permittido recitar o «Noivado do Sepulchro» no seio da representação nacional.

Simplicio *(cheio d'indignação).*—Então, uns versos que vieram publicados na «Trombeta de Faro» e no «Clamor da Beira Baixa»!...

Presidente *(interrompendo).*—Meus senhores, ordem. Lembrem-se que estão no seio da representação nacional. Queiram mandar-se tomar assento.

Simplicio *(familiarmente a outro deputado).*—Isto, a capital é uma Babylonia! [17] A D. Gertrudes, mulher do recebedor, encommenda-me um livro de missa e umas galochas de borraxa da ultima moda, de maneira que ha tres dias que ando a correr a cidade por causa d'esta encommenda! Assim que recebi a carta fui logo á Torre do Tombo para comprar o livro de missa; lá disseram-me que fosse á bibliotheca nacional; vou á bibliotheca, começam todos a rir-se; parto d'ali como um raio; corro todos os ministerios, e não encontrando o tal livro, resolvi com os meus bo-

tões, em vez do livro de missa, mandar-lhe o *Crime do Padre Amaro*. Sim, por que isto, um livro escripto por um padre, por força que deve ser um livro religioso. Emquanto ás galochas...

PRESIDENTE *(interrompendo e tocando um grande chocalho que tira debaixo da mesa)*.—Vae abrir-se a sessão. Sr. Simplicio tenha termos!...

SIMPLICIO *(pondo o chapeu e arremetendo)*.—Sr. presidente!...

VOZES.—Péu... péu... péu!...

PRESIDENTE *(aos continuos)*.—Tirem o chapeu da cabeça do sr. Simplicio e obriguem-n'o a tomar assento... *(continuos executam)*.

SIMPLICIO *(indignado)*.—Protesto, sr. presidente! protesto! e se me sento não é para obedecer á intimação da banca! Sr. presidente, eu sou um burro de força e as violencias não me atemorisam. Se me sento... *(convicto)* é para não ficar de pé. *(Senta-se)*.

PRESIDENTE.—Está aberta a Praça da Figueira... perdão! está a sessão aberta, é que eu queria dizer...

(Apparece gente de todos os feitios nas galerias).

SCENA II

Os mesmos, Judeu Errante, metamorphoseado em **Cicero de Freitas:** ar importante; bigode e pera, pardessus no braço, por baixo do qual traz escondida uma casaca, d'um lado azul e do outro vermelha. Cumprimenta para um e outro lado. Fitam-no todos com curiosidade.—Depois um **preto** trajando calça de riscas e casaco de ganga amarella.

Simplicio.—Eil-o que chega. Cá está o nosso homem *(vae cumprimental-o)*.

2.º Deputado.—Bonita figura, sim senhor!

Simplicio *(confidencialmente)*.—É um homem de cunho!

(Entra um preto trajando gravemente... como os pretos e vae tomar assento nas bancadas do fundo).

Simplicio *(a um deputado)*.—Confessemos que vamos ainda na retaguarda do progresso! A liberal Inglaterra e a joven America de ha muito que acabaram com os pretos e entre nós, como se vê, ainda estão em vigor! O que pretenderá este negro?... Virá pedir que lhe quebremos os ferros da escravidão?

2.º Deputado.—Este preto é nosso collega: é deputado.

Simplicio.—Por onde? Por Guiné ou pela Zambezia?

2.º Deputado.—Pela Beira! Não se recorda?

Simplicio.—Ah! é verdade.

Presidente.—Tem a palavra, o sr. deputado Simplicio!...

Simplicio *(para um deputado)*.—São os dois momentos mais solemnes da minha vida. Este e quando nasci!

2.º Deputado.—Coragem, Simplicio, coragem!

Simplicio *(depois de ter tossido muitissimo)*.—Sr. presidente... sr. presidente!... tenha a bondade de me mandar dar um copo d'agua que estou muito afilicto!...

Presidente *(ao continuo)*.—Leve aquelle senhor ao chafariz: [19] perdão, enganei-me; traga um chafariz áquelle senhor. *(Continuo traz um copo d'agua de tamanho incumensuravel, Simplicio debruça-se sobre elle e bebe com soffreguidão)*.

Uma voz.—O homem tem sede?

Simplicio *(acabando de beber)*.—De justiça, sr. presidente, de justiça!... Ha 20 annos que tenho assento n'esta casa, e ha 20 annos que, com a minha voz eloquente, eu venho aqui reclamar todos os dias uma porca!...

Uma voz.—É melhor ir buscal-a ao Alemtejo.

Outra voz.—Ao Alemtejo não: á familia!...

Simplicio.—Sr. presidente, tenha a bondade de chamar á ordem estes malcreados!... *(Presidente chama á ordem tocando o chocalho com violencia)*. [20] Como eu ia dizendo, ha vinte annos que

reclamo uma porca... para o sino da egreja matriz da Alfandega da Fé, e até hoje, sr. presidente, não teem os poderes publicos prestado orelha investigadora aos justos clamores da opinião indignada! é uma questão momentanea, sr. presidente! vae n'esta porca a honra da nação! [21]

Cicero de Freitas *(á parte)*.—Á custa d'essa porca tem o illustre deputado comido como um porco.

Simplicio *(pocesso)*.—Intime o illustre deputado a que retire o porco; é uma insinuação pessoal.

Vozes.—Ordem! ordem!...

(Na galeria sentem-se vozes cantando de gallo, miando, grunhindo, etc.) [22]

Presidente *(para as galerias)*.—As galerias não podem imitar vozes d'animaes irracionaes. Esse direito pertence exclusivamente á camara. [23] *(ao deputado)* Peço ao illustre deputado que, para o bom andamento d'este debate d'instrucção e recreio, ingula immediatamente o porco. O que está na tela da discussão é a porca da Alfandega da Fé.

Cicero de Freitas.—Pois muito bem, sr. presidente: se quer que retire o porco, mande retirar primeiro o sr. Simplicio.

Simplicio *(fulo de raiva, engasgando-se)*.—Eu mato aquelle demonio! Vou ter uma apoplexia ful-

minante! *(Bebe na taça e engasga-se mais. Ao visinho)* Bata-me aqui nas costas: bata!

Presidente.—Sr. Simplicio, retiro-lhe a palavra e a agua!

Simplicio *(abraçando-se á taça prompto a morrer por ella)*.—A palavra pode retirar-m'a: a agua nunca! [24]

Preto.—Que sêde!...

Simplicio.—De justiça! sempre de justiça! sr. presidente.

Presidente.—Tem a palavra o sr. Paulino de Guiné.

(A galeria e a camara expilram intencionalmente).

Preto *(com ar altivo)*.—Sr. presidente: Não sei se os espilros que a camara acaba de soltar, significam uma allusão politica: se assim é, tanto melhor! Orgulho-me de ser preto e só deixarei de o ser quando vá n'isso o interesse do meu paiz.

Voz na galeria.—Atchim!

Preto.—Em nome de que principio quer o governo defender uma eleição em que a urna foi violentada ás 3 horas da manhã com uma gazua criminosa?...

Cicero *(levantando-se)*.—Perdão: não foi com uma gazua, foi com uma chave mandada ir expressamente do ministerio do reino. [25]

Ministro da reinação.—O illustre preopinante

diz isso por que lhe recusei antes de hontem uma commenda do camello branco para s. ex.ª exportar para Pernambuco!

Vozes.—Apoiado, apoiado!

Cicero.—Peço a palavra. Eu logo responderei á alusão do camello. *(Tumulto).*

Presidente do Conselho.—Sr. presidente: tenha a bondade de tocar bem esse chocalho: não lh'o puz ahi para outra coisa.

Preto *(continuando).*—Sr. presidente; para provar á camara as fraudes que se cometteram n'esta eleição cabralina, vou mandar para a mesa a seguinte moção:

(Canta em estylo de tango).

Preto vem, preto ribola,
Preto vem, preto aqui está!
É o preto que vem d'Angola
Com o seu azeite, olá!...

(Declamando) Sr. presidente: não quero cansar mais a paciencia da camara, e por isso peço para a minha moção ser litographada e posta á venda a 200 réis o exemplar.

Vozes.—Bravo, muito bem, muito bem. *(Espilros na galeria e na camara).*

Cicero *(abraçando o preto).*—Muito bem, meu amigo, muito bem! Afianço-lhe que não morro

ainda sem ser preto. *(Dirige-se atraz da mesa da presidencia, voltando disfarçadamente a casaca que traz vestida. — Áparte).* É bom a gente estar preparado para todas as eventualidades. Não é mau nascer branco; em todo o caso não deixa de ser conveniente acômpanhar ás vezes com os pretos.

Simplicio.—Sr. presidente: O illustre preopinante o sr. Paulino de Guiné, cujo caracter respeito e de cuja voz eu não duvido, não apresentou um unico argumento rasoavel, a não ser um tango que, francamente, eu sou o primeiro a aplaudir. Eu respeito o sr. Paulino como poeta, e n'isto não faço mais do que prestar-lhe a homenagem que as duas Beiras lhe consagram; mas sr. presidente, em face da realidade, a voz do tango, comquanto inspirada, é insuficiente! A questão é simples: houve um candidato que teve 5400 votos; outro teve simplesmente 6300: logo a favor d'este resulta uma minoria esmagadora de 900 votos, minoria suficiente para lhe negar o diploma de deputado: eis a verdade! [26]

Vozes.—É verdade! é verdade! muito bem.

Presidente.—Vae proceder-se á votação do circulo de Belem que hontem se discutiu: quem votar pelo candidato do governo deposita na urna uma fava branca, quem votar pelo da oposição deposita uma fava preta. *(Aparece um continuo*

com um açafate de fava que distribue aos deputados: alguns servem-se ás mãos cheias, começando a roel-as).

SIMPLICIO *(mettendo favas nos bolços das calças, no chapeu e nas botas).*—Eu como gosto mais d'ellas não é pretas nem brancas: é torradas.

PRESIDENTE.—Vamos á votação.

CICERO *(áparte).*—É o mesmo que dizer; vamos á fava.

(O continuo traz duas urnas e vae percorrendo as bancadas recebendo os votos).

SIMPLICIO *(mostrando uma fava).*—É a ultima branca: cá vae para a urna. *(Engole-a).*

PRESIDENTE.—Vae proceder-se á contagem. *(Os continuos levam as urnas para a mesa: o presidente levanta-se, arregaça as mangas: declamando).* Meus senhores: como veem aqui não ha preparações. *(Agita as urnas mostrando-as e collocando-as de novo em cima da mesa).* Aqui teem meus senhores n'esta urna o deputado que obteve a maioria de votos, e n'esta o deputado que obteve a minoria. Muito bem. Sr. Simplicio, tenha a bondade de me emprestar o seu chapeu: *(continuo vae buscar o chapeu: presidente colloca-o sobre a urna)* Sr. Simplicio, tenha a bondade de me emprestar ainda uma galocha. *(Colloca a galloxa sobre a outra urna).* Como veem é tudo sem preparação. *(Faz tregeitos de prestigiador fingindo arrancar fluidos d'uma*

A prestidigitação parlamentar

urna para a outra: de cada vez que faz esta operação sente-se cahir na urna do lado esquerdo uma fava. Tira alguns votos d'uma das urnas e mete-os na boca). Como veem é sem preparação. Dou-lhe uma. . .

Simplicio.—Sr. Prezidente! Tem a bondade de não comer os votos da oposição!. . .

Presidente.—Cá vão outros tantos do governo para compensar *(tira da outra urna algumas favas e engole-as, continuando).* Dou-lhe duas, dou-lhe tres. *(Levanta a tampa da urna do lado direito).* Como veem a urna do deputado da maioria não tem nada! *(Bate-lhe no fundo com uma regoa, voltando-a para baixo).* Agora vejamos a urna do deputado da oposição. *(Volta-a de fundo para baixo e tira de dentro um pequenino frasco).* Aqui teem VV. Ex.as eleito um *representante peitoral* que pode servir para os oradores debeis tomarem ás colheres antes de começar a sessão! [27] *(Entrega o frasco ao continuo que o vae collocar muito direito sobre uma cadeira—alguns deputados vão cumprimentar o frasco).*

Vozes.—Muito bem! muito bem!

Cicero.—É uma empalmação perfeita!. . . Já vi isto ha de haver uns 15 annos; mas o presidente da mesa que fazia a habilidade, chamava-se então Mr. Hermann!. . .

Presidente.—Meus senhores, está terminado

este incidente. Se quizerem podem tirar as suas botas que vamos entrar na ordem do dia.

(Alguns deputados usam francamente d'esta concessão da presidencia).

Cicero *(áparte)*.—Nada, já me não convem a alliança com os pretos. O vento parece-me que principia a soprar do outro lado da oposição. *(Vae atraz da mesa da presidencia e volta novamente a casaca).* [28] N'este paiz, é preciso muito cuidado em virar a casaca a tempo.

Presidente.—Está o philoxera na téla do debate. [29]

Cicero *(áparte)*.—Se estivesse só na téla do debate não fazia mal nenhum: o peior é que está tambem nas vinhas.

Simplicio.—Peço a palavra sr. presidente. *(Puxa de muitos apontamentos que consulta).* As origens do philoxera perdem-se nas noites dos tempos. Já Plinio o moço, Strabão e outros... *(revirando os apontamentos por todos os lados).*

Cicero *(áparte)*.—Pedaços d'asnos illustres...

Simplicio.—Como ia dizendo, já Plinio o moço, e em tempos ainda mais remotos o proprio sr. Aguiar, atestam a existencia do terrivel flagello nas vinhas do alto Douro!

Vozes.—Apoiado.

Simplicio *(continuando)*.—No muzeu do Louvre de Paris, bem como no muzeu do Carmo da

Parvonia, encontram-se especimens curiosos do flagello, *(engasgado)* do flagello terrivel... do flagello devastador... *(cada vez mais atrapalhado examinando os apontamentos)*.

Cicero.—Quer que lhe bata nas costas?

Simplicio. —Muito obrigado, muito obrigado. *(Áparte)*. Meti-me n'uma camisa d'onze varas!

Uma voz *(na galeria)*.—Ó Simplicio desembuxa!...

Simplicio *(heroico)*.—Sr. presidente, não posso continuar por duas rasões: a 1.ª porque não o permitte o estado da minha saude: a 2.ª por que me esqueceu em casa o resto dos apontamentos. *(Senta-se)*.

Vozes.—Muito bem, muito bem. *(Alguns deputados abraçam-n'o)*.

Presidente.—Tem a palavra o sr. Cicero de Freitas.

Simplicio *(para alguns deputados)*.—Vão vêr, vão vêr o que é um barra.

Cicero *(desaperta o casaco; passa tragicamente a dextra pela cabelleira e crava o polegar na cava do collete)*.—Sr. presidente. Matemos o bicho. *(Pausa)*. O meu illustre collega o sr. Simplicio remontou-se até aos tempos mais distantes, até ás epochas mais remotas, da biographia do animalsinho que nos occupa; mas, não fiquemos

em Plinio, sr. presidente, e vamos com passo firme procurar a origem do flagello até aos Pharaós!

Vozes.—Muito bem.

Cicero.—Eu não quero, sr. presidente, fatigar a camara—e a platéa, fazendo a historia do verme supracitado, desde a creação do mundo até á creação das cartas de conselho, por isso me limitarei apenas a tratar dos meios mais efficazes para a multiplicação d'este insecto roedor.

2.º Deputado *(a Simplicio)*.—Excedeu a expectativa publica!

Simplicio.—Este demonio faz carreira!

Cicero.—Sr. presidente. Encaremos a questão pelo lado phylosophico. Se a couve tem a lagarta; se o homem tem a pulga; se o marido tem a sogra, qual a rasão, sr. presidente, porque as vinhas não hão de ter o philoxera?...

Vozes.—Muito bem! muito bem!

Cicero.—Sr. presidente: quem é o philoxera, d'onde vem e para onde vae? O philoxera, sr. presidente, tanto pode dar nas vinhas como nas cadeiras dos srs. ministros! O philoxera é tudo: o philoxera é o sr. presidente do conselho; o philoxera é o cedro da montanha; o philoxera é o cavallo branco de Bonaparte; o philoxera são os srs. amanuences; as proprias

estrellas o que são ellas se não o philoxera do infinito?!... [30]

Vozes.—Apoiado! muito bem!... *(enthusiasmo crescente na camara e nas galerias).*

Cicero *(cheio de serenidade).*—Sr. presidente. Descendo ao campo da pratica, vejamos quaes sejam os meios mais proficuos para multiplicar, como disse ha pouco, este verme calamitoso a que bem pode chamar-se o Attila d'entre Douro e Minho. *(Assoa-se).* A sciencia da Parvonia, sr. presidente, tem proposto até hoje os dois expedientes infructiferos que eu passo a enumerar: 1.º pescar o philoxera com um anzol e uma isca, sendo esta isca o logar de *fiscalisador* da Penitenciaria. 2.º mandar uma grande commissão pedir-lhe de joelhos, com as mãos postas, que execute no mais breve espaço de tempo aquelle preceito do evangelho: *crescei e multiplicae-vos;* e até, sr. presidente, já chegou a prometter-se-lhe um caminho de ferro de via reduzida, desde o ministerio da fazenda até ao Pinhal da Azumbuja! e elle, firme nas suas convicções, resistiu ás promessas do governo com uma coragem que sou o primeiro a louvar, confessando que o philoxera é um bixo de principios, incapaz de mudar de casaca, e incapaz de deixar de roer as vinhas para começar a roer as gratificações!

Vozes.—Muito bem, muito bem.

Cicero.—Sr. presidente. Vae n'esta questão a independencia da patria e do decilitro; entre tanto se a camara está fatigada...

Uma voz na galeria.—Faz favor de continuar sobre o decilitro!

Cicero *(depois de uma pequena pausa, com gravidade)*.—Com mão diurna e nocturna eu tenho meditado sobre o insecto, sr. presidente; mas penso ter resolvido a questão! Quereis matar o bixo? Unamo-nos como um só homem: levantemo-nos ás 6 da manhã e bebamos um copinho de genebra, e o bixo, sr. presidente, terá deixado de existir! Fomos nós que o matamos!

Vozes.—Muito bem, apoiado.

Cicero. — Sr. presidente, tenho a honra de mandar para a mesa o seguinte projecto de lei: *(lê)* Artigo 1.º Ficam revogados todos os bixos em contrario. Artigo 2.º É para esse fim nomeada uma commissão composta, do Patriarcha da Parvonia, do vereador do pelouro dos incendios, d'uma parteira approvada pela eschola medica, e d'Herodes rei da Judea. A parteira será presidente e ao mesmo tempo relator. Artigo 3.º, o bixo será intimado para fazer desapparecer todas as vinhas do alto Douro no espaço de 24 horas. [31]

Vozes.—Muito bem, muito bem! admiravel! sublime!... *(Simplicio abraça-o commovido).*

Presidente do Conselho.—Sr. presidente: de ha muito que conheço todos os bixos que prosperam nas provincias da publica administração; já vê V. Ex.ª que o philoxera me não é estranho. Uno-me do coração á proposta que o illustre deputado acaba de mandar para a mesa. Quando se trata de fomentar a ruina do paiz, o ministerio não pode ficar silencioso e não pode deixar de dizer á face da nação: «Vamos ao bixo: matemol-o, como o estão reclamando os mais caros interesses da patria, ás 6 horas da manhã, e sendo tambem necessario, á tarde e á noite». Sr. presidente, pode mandar vir o insecticida.

Presidente *(ao continuo).*—Salta insecticida para... um bixo. *(Continuos entram trazendo bandejas com copos de licor, que distribuem pelos deputados).* [32]

Cicero *(áparte).*—Estou aqui estou a mudar outra vez de casaca e a passar-me para o governo. *(Declamando)* Sr. presidente: visto tratar-se de matar o bixo, proponho sessão secreta para cantar á camara uma moção.

Presidente.—Está aberta a sessão secreta. *(As galerias despejam-se, resmungando, deitando olhos invejosos para a representação nacional—especialmente para as bandejas).*

CICERO *(vae á gaveta da mesa dos ministros e tirando uma guitarra, canta):*

Ó bixo que foste bixo,
Ó bixo que já não és;
Ó bixo que te viraste
Da cabeça para os pés!

Uma regateira um dia
Quiz ir ver os deputados;
Não entrou por não haver,
Porta pr'os envergonhados!

Nas terras de Campolide
Ha mil annos de sobejo,
Que andam duzentos mil ratos
A roer dentro d'um queijo.

Deus quiz que Job fosse pobre
E Job deu tudo, foi franco;
Mas não achando bastante
Poz o dinheiro n'um banco!

—O melhor hotel qual é?
Perguntou-me um estrangeiro.
Se quizer fazer figura,
O melhor é o Limoeiro.

O melhor triumpho vocal d'um Cicero contemporaneo

Quando o mundo estava em trevas
E o phosphoro em santa paz,
Sabem quem fazia a noite?
A companhia do gaz!

Apitei hontem na feira
Com tres facadas á vista,
Deu-me um policia a primeira
E a outra deu-m'a um fadista.

Semeei no meu quintal
Uma abobora chibante,
Nasceu-me um conego gordo
Com uma tromba d'elefante!

Um carro puxado a bois
Plantei d'estaca uma vez,
Nasceu-me pouco depois
Um comboio portuguez!

No meu quintal semeei
Um conego papa-fina,
Nasceu-me ao fim de dois mezes
Uma abobora menina!

Rainha D. Jacintha
Disse ao rei, com grande magoa,

Em Freixo d'Espada-á-cinta
Vamos ter o real d'agoa!

(A camara possuida de sacro enthusiasmo, agita-se toda. A presidencia põe de parte a respeitabilidade, tira os oculos e bamboleia-se. A oposição e a maioria fraternisam ao som do bandolim, grande pandega no seio da representação nacional). [33]

Cae o panno

ACTO III

QUADRO IV

Jardim com estatuas, arvoredos, lago com cysnes, etc. — Ao fundo um letreiro que diz: **Parnaso** [34]

SCENA I

Cicceroni transformado em **Apollo,** passeia preoccupado.—**Innocencia** varre o chão e limpa o pó das arvores.

Apollo.—É preciso ter tudo bem limpo porque hoje espero visitas de ceremonia. Vasculha bem todos os cantos, e se encontrares algumas notas ou algumas rimas difficeis não as deites na barrica do lixo sem m'as mostrares primeiro, por que ás vezes ainda podem servir. *(Ao publico)* Não ha outro remedio. O diacho d'aquelle Judeu Errante Junior, tem-me dado um trabalhão! Palavra que já estou arrependido de me ter encarregado de lhe mostrar a Parvonia! Anda ha uns poucos de dias atraz de mim para eu o apresentar no Parnazo; de forma que, como cá não ha Parnazo com

subsidio dos deuzes, não tive outro remedio senão alugar este quintal e transformar-me eu mesmo em Apollo para fazer as honras do estabelecimento! É bom ir-lhe fazendo as vontades. Com este frio estão todos os dias morrendo as borboletas e os amanuenses, e como elle esta semana pertence á maioria ministerial, pode perfeitamente fazer-me despachar para a secretaria da marinha.

Innocencia.—Está tudo prompto: quer mais alguma cousa?

Apollo.—Sacudiste bem o pó das arvores?

Innocencia.—Está tudo bem limpo.

Apollo.—Bem; agora vae deitar uma quarta de ração ao Pegaso, e depois trata de fazer assorda d'alho para as musas almoçarem.

Innocencia.—As musas já sahiram ha muito tempo.

Apollo.—Já sahiram?

Innocencia.—Algumas nem ficaram em casa.

Apollo.—Mas que patifaria é esta? Nada; eu vou fazer queixa ao ministerio do reino! Então o thesouro está a dar um subsidio d'uns poucos de contos de réis a Melpomene, e a gastar um dinheirão com a aposentação de Thalia, e no fim de contas, se hão de estar aqui para serem apresentadas aos estrangeiros que chegam, andam em orgias fóra do estabelecimento!...

Innocencia.—Provavelmente já não veem senão

á noite! Hoje, como é dia santo, é provavel que fossem ouvir a musica ao Passeio Publico.

Apollo.—Bem; visto a Thalia não estar em casa, prepara-te para seres apresentada em logar d'ella a uma visita que espero logo.

Innocencia.—Mas eu não sei... representar!...

Apollo.—Melhor! vae fazer o que tens a fazer. *(Innocencia sae).* Muito custa a ser Apollo n'um Parnazo d'estes! Só d'aluguel do Pegaso pago eu oito tostões por dia no Arco do Bandeira, e não é um Pegaso de 1.ª qualidade! O melhor anda agora a fazer serviço n'um dos ministerios, com um ordenado formidavel e promessa d'uma boa collocação nas collonias. [35]

Innocencia *(entrando).*—Está ali um senhor que o procura.

Apollo.—Oh! demonio, é elle! Disse como se chamava?

Innocencia.—Disse que era o sr. Ci... Ci... de Freitas.

Apollo.—Não tem que vêr, é elle. Vou-me arranjar convenientemente, porque a fallar a verdade não estou bem a caracter para Apollo. *(A Innocencia).* Manda-o entrar e dize-lhe que espere um quasi nada. *(Sae)*

SCENA II

Judeu Errante e Innocencia

JUDEU.—Sim, senhor! Bem se vê que a civilisação moderna tambem tem penetrado n'este recinto! *(Examinando a scena)*. Ora quem havia de dizer que na Parvonia o Parnaso é a coisa que existe mais parecida com a *Perna de Pau!*... Tambem não admira. Hontem passei eu por um largo aonde havia um grande casarão cheio de frestas, e como ia com um collega, tive um palpite: pesquei o olho e disse-lhe ao ouvido: «Ó collega, aqui é que é o armazem do Quintão, em que hontem se fallou lá na camara?» [36] Nada, diz-me elle, aqui é a Academia das *Bellas* Artes.—Ah! aqui é que é a Academia das *Bellas*? Bem sei. Já li alguma coisa no *Diario do Governo* a respeito d'essa Academia das *Bellas*, mas como sou homem serio não estou resolvido a entrar em semilhante casa.

INNOCENCIA.—O meu amo disse que tivesse a bondade de esperar um bocadinho, porque não se demora nada.

JUDEU.—Ah! pois não, minha menina; sem incommodo! *(Senta-se n'um dos bancos. Áparte)*. Isto, naturalmente, é alguma das musas, ou então a criada de quarto de Thalia. *(A Innocencia)* Como se chama?

INNOCENCIA.—Innocencia, uma criada para o servir. *(Canta):*

Sou a Innocencia pura e singela,
Sou a Innocencia do meu paiz!
Namoro á noite, posta á janella
Quer o sargento, quer o juiz.

A mim perder-me qualquer menino,
Ai, Innocencia n'essa não cáe;
Por que eu sou filha do pae Paulino,
E tenho olho como meu pae!

Já fui criada d'um senhor cura,
Fui vivandeira d'um regimento;
Sou a Innocencia; mulher mais pura,
Ninguem n'a encontra nem n'um convento.

Com pó vermelho sobre o meu rosto
Pinto a innocencia, quem tal diria!
E em noites quentes do mez d'agosto
Vou aos Recreios com minha tia.

Eu vou á missa, toda de preto,
Sem fazer caso que olhem p'ra mim.
Que ricas missas que ha no Loureto!
Nunca houve em Roma tão bom latim!

Ainda ha bem pouco, certo ministro
Foi á noitinha, bater-me á porta;
E ouvi dizer-lhe com tom sinistro,
«Não te me faças mosquinha morta!»

Eu sou mais pura que um jasmineiro,
Sou mais suave que uma essencia,
Ando á procura d'um brazileiro,
A quem unir a minha innocencia!

JUDEU.—Muito bem! Canta admiravelmente e tem um nome muito sympathico. De que terra é; de Xerez ou de Bucellas?

INNOCENCIA.—Nada, não senhor, sou portugueza.

JUDEU.—Ah! é a *Innocencia portugueza!* Olha com quem eu venho encontrar-me! Tenho muito gosto em a conhecer: ha uns poucos de dias que ando á sua procura!

INNOCENCIA *(baixando os olhos)*.—Muito obrigada a V. S.ª

JUDEU.—Que Innocencia! Até baixa os olhos com pejo! Então gosta d'aqui estar?

INNOCENCIA.—Elle... para lhe fallar a verdade... os ares aqui são bons... depois uma vista muito bonita... muito bonitas sombras...

JUDEU.—Vejam o que é a Innocencia! Até acha as sombras bonitas! *(Pegando n'um livro que en-*

Apollo Parvonez, em fins do seculo XIX

contra em cima do banco). O *Primo Bazilio!* que horror! Escondamos este romance querido dos olhos da Innocencia! *(Esconde-o na algibeira).*

INNOCENCIA.—Se quizer pode lêr; eu já li e gostei muito.

JUDEU.—Oh! Santa Innocencia! *(Levanta-se).* Deixa que eu te abraçe! *(Deligencia abraçal-a).* Então não sabes que os livros proprios para uma *Innocencia* como tu, são os do Sr. Monteverde?

INNOCENCIA.—*(Dando-lhe uma palmadinha na face.)* Maganão, olhe que pode vir o meu amo! *(foge.)*

JUDEU *(absorto).* — Que *Innocencia* esta, meu Deus! Passa as mãos assim pela cara dos homens, e hão de depois horrorizar-se se a virem ler o *Primo Bazilio!...* [37]

SCENA III

Os mesmos e Apollo.—Apollo apparece com uma grande cabelleira amarellada, côr de gemma d'ovo; em cima da cabelleira uma lyra de papel doirado. Manto azul semeado de estrellas. Na casaca o habito de S. Thiago em formato grande. Luneta d'um vidro só. Penna atraz da orelha. [38]

APOLLO.—Ora bem vindo seja, meu bom amigo. A Innocencia foi-me agora mesmo dizer, que tinha chegado. Desculpe não ter vindo ha mais tempo.

JUDEU. — A menina Innocencia! que sympathica creatura! Palavra que é das coisas mais curiosas que tenho encontrado n'este paiz! Olhe, se não lhe fizer muita falta ha de ceder-m'a para a levar como recordação!...

APOLLO.—Como queira, meu amigo. Sabe que o meu maior desejo é obsequial-o!

JUDEU.—Ah! mas agora reparo! Foi fazer *toilette* por minha causa? Não merecia a pena! bem sabe que não sou de cumprimentos!...

APOLLO.—Não me incommoda nada! Como lhe quero apresentar varias notabilidades da Parvonia, é conveniente estar revestido das minhas insignias officiaes. Ainda deixei no bahú, 48 gran-cruzes, e 322 commendas; mas não é preciso mais do que isto, por agora.

JUDEU *(áparte)*.—Como Apollo do guarda-roupa do Cruz é dos melhores que tenho visto!

APOLLO.— Ora, meu caro: vou lêr o programma do dia para que veja que a minha unica ambição é que fique conhecendo todas as celebridades que presentemente se podem admirar na Parvonia: oiça.

JUDEU.—Ora diga lá; mas cuidado; se houver alguma coisa com sentido mais livre, não nos escute a Innocencia!...

APOLLO.—Não tem duvida. Agora está á janella; são horas de fallar á policia.

JUDEU.—Muito bem! muito bem! Como é santa esta Innocencia, que tem horas certas para fallar á policia! [39]

APOLLO.—Oiça. O programma é pomposo, e para não fugir ás praxes, contem até varias promessas que não serão cumpridas.

JUDEU.—Então é exactamente um programma ministerial?

APOLLO.—Pouco lhe falta: vá vendo *(lê)*.—O capitão Boyton.

JUDEU.—Conheço perfeitamente: já uma vez, quando andei com vontade de me suicidar, lhe comprei um cinto de salvação para me atirar ao Tejo e ir logo ao fundo.

APOLLO.—Este não vem hoje. Propoz ao ministerio da fazenda o fornecimento de dois mil cintos de borracha para salvar as finanças, e como não havia dinheiro para lh'os comprar, vingou-se com um discurso em inglez na *Sociedade de Geographia* e partiu.

JUDEU.—Deixal-o ir embora. Homem, não sei se a *borracha* nos poderá salvar; o mais que ella tem feito até hoje, é ajudar-nos a perder.

APOLLO *(lendo)*.—Ristori e Holofernes: *(declamando)* tambem partiram; nem eu admittia esta tragica do seculo passado, sem ella cortar muito a sério a cabeça d'Holofernes.

JUDEU.—É tambem essa a minha opinião. Mes-

mo porque era o unico meio que tinhamos de nos vingar d'elle.

Apollo. — O kilometro 92 está em duvida se virá.

Judeu. — Que demonio é o kilometro 92?

Apollo.—O kilometro 92 é um kilometro que nós temos expressamente para descarrillamentos. Isto não quer dizer que os outros não façam a mesma coisa, mas em todo o caso o 92 é o mais celebre; é o kilometro official das catastrophes.

Judeu.—Mas ultimamente o pensamento do ministro, segundo elle mesmo m'o confessou hontem na camara, é tornar todos os kilometros igualmente aptos para os passageiros quebrarem as pernas! Um homem compra o seu bilhete e dão-lhe logo uma senha para ser enterrado em sagrado, sem necessidade de muro no cemiterio. Hade concordar que é um grande melhoramento introduzido na nossa viação accelerada?

Apollo.—É uma idéa que sou o primeiro a applaudir: deixemos pois o kilometro 92 *(lendo)*. Temos mais, apresentação da instrucção publica nacional, com a applicação dos seus methodos.

Judeu.—Ora ahi está por onde devemos começar; pela instrucção publica; examinada ella, tenho comprehendido tudo o mais.

Apollo *(lendo)*.—Ás dez horas grande recepção da Princeza Ratazana!

Judeu.—O que me diz! tambem vem essa prin-

ceza! É celebre! ando a encontral-a desde o fim do seculo passado! Já uma vez almocei com ella costelletas de selvagem nas florestas virgens da America, e outra vez merendei perolas de ceylão no boulevard dos Italianos! Da primeira vez chamava-se, se bem me lembro, a princesa *Magalona*, depois chamava-se a princeza *Azulina*, e agora chama-se a princeza Ratazana! Quanto estimo encontral-a!

APOLLO.—O demonio é se ella se esquece e não vem!

JUDEU.—Não tenha medo; essa princeza é das taes que se esquecem de partir, mas que nunca se esquecem de chegar.

APOLLO *(lendo)*.—Temos mais...

JUDEU.—Basta, guardemos o resto para surpreza; agora mande entrar a instrucção publica.

APOLLO *(chegando-se a um bastidor)*.—Queira entrar a instrucção nacional.

SCENA IV

Os mesmos, professor d'instrucção primaria, menino **Mathusalem** e outros discipulos, velhos de 80 a 90 annos, vestidos de bébé.— Sentam-se todos n'um dos bancos, depois de profunda venia. Alguns metem o dedo pelas profundidades do nariz.

JUDEU *(áparte)*.—Muito boas noites! *(cumprimentando)* é uma dôr d'alma metter creanças d'esta idade na escola!

PROFESSOR.—Então se dá licença, podem começar as provas.

APOLLO.—Não estamos aqui para outra coisa. Pode principiar quando quizer.

PROFESSOR.—Dispenso-me de discurso d'abertura, e passo já á execução, se me dá licença. Menino Mathusalem; tenha a bondade de vir dar a sua lição. *(Mathusalem aproxima-se, o professor escreve n'uma pedra com giz)*. Que cifra é esta?

MATHUSALEM.—Esta... é a cabeça do sr. mestre.

PROFESSOR.—Ó burro! Então você não vê que a minha cabeça é muito mais redonda? Isto é um zéro.

MATHUSALEM.—Mas é exactamente o que eu tinha dito!

PROFESSOR—Hão de concordar que é uma intel-

ligencia precoce. Tratemos de a desenvolver. Venha cá. *(Dá-lhe dez palmatoadas).*

JUDEU.—Por em quanto não merece mais do que 18 valores! deixe-o.

PROFESSOR *(ao discipulo).*—Já o menino fica sabendo que cifra vale dez.

MATHUSALEM *(chorando).*—Antes meu pae me tivesse destinado a ministro da fazenda, que já não precisava aprender contas! [40]

1.º ESTUDANTE *(lendo, a cantar).*—B, á, bá, fugiu a burra; b, é, bé, foi seu pé; b, i, bi, eu bem a vi.

JUDEU.—Aquillo, sim, senhor, aquillo é que é uma creança applicada!

PROFESSOR.—Ha meio seculo apenas que frequenta a minha escola, e parece incrivel! já conhece as vogaes! [41]

JUDEU.—Estou convencido que este rapaz dentro de 24 horas é ministro, e dentro de 24 annos chega a saber o que é um dithongo! Por este systema é impossivel que dentro de 3 ou 4 seculos haja na Parvonia uma pessoa que não saiba assignar o seu nome de cruz!

PROFESSOR.—Permitta-me V. Ex.ª que abunde nas suas idéas. Como V. Ex.ª sabe muito melhor do que eu, não vae longe o tempo em que os conselheiros d'estado da Parvonia sabiam todos lêr e escrever; hoje graças á sollicitude dos governos já

poucos se acham n'essas tristissimas condicções; [42] entretanto, para bem do paiz, é necessario que estes ultimos sejam aposentados, ao menos com o manual de Monteverde por inteiro.

Judeu.—Lamento, sr. professor, que tendo V. S.ª idéas tão grandes, tenha uma palmatoria tão pequena! Não chega a ser do tamanho da roda d'um carro!

Professor.—Ha seis annos consecutivos que reclamo outra pelo ministerio das obras publicas, mas ainda até hoje a minha requisição não foi satisfeita.

Judeu *(ponderando)*.—É verdade que uma palmatoria de primeira ordem, como por exemplo, para a Universidade ou para o Curso superior de letras, tanto para a ignorancia primaria como para a ignorancia secundaria, não custa barata. Ainda ha poucos dias foi encommendada por 600 mil réis uma para o seminario de Pinhel.

1.º Discipulo *(lendo)*.—B, a, bá, fugiu a burra; b, é, bé, foi por seu pé.

Judeu.—Que applicação de creança! Agora, sr. professor, ha de dar-me licença que contemple as provas d'atrazo dos seus discipulos.

Professor.—Com todo o prazer!

Judeu.—Menino Mathusalem Junior, diga-me cá: quantos annos tem?

Mathusalem.—Hei de fazer 3 seculos a 15 do mez passado.

Judeu.—É uma dôr d'alma mandar creanças para a escola assim, no desabrochar da vida! *(profundamente admirado).*

Professor.—Como se chama?

Mathusalem *(enterrando mais o dedo no nariz).* —Como me chamo? *(pausa).* Ah! já me lembro! chamo-me Juca.

Judeu.—É do Maranhão, o meu menino?

Mathusalem.—Sim, senhor; conheci perfeitamente o sr. Alvares Cabral.

Judeu.—Como se chamava seu pae?

Mathusalem.—Chamava-se Simão.

Judeu.—É um digno filho do seu progenitor! Simãosinho, desenvolva quanto fôr possivel o seu nome e a sua cauda, e não se esqueça nunca das tradicções de seu pae, que, segundo ouvi dizer no Curso superior de letras, é o pae do genero humano. [43]

Professor.—Avança, Simão! e esgravata bem esse nariz, porque é assim, esgravatando, que se chega a commendador de diversas ordens... todas ellas menores.

Judeu.—Vejam lá o que é a influencia do clima? Este macaquinho que ainda ha pouco andava talvez trepando pelas florestas da Africa ou da America, estará d'aqui a pouco a trepar pela

arvore da liberdade até chegar aos mais altos cargos da nação!

PROFESSOR. — Vou mostrar-lhe a precocidade d'esta creança.

JUDEU. — Vamos a vêr, isso.

PROFESSOR. — Menino, diga-me cá: O que é que é branco é, a gallinha o põe?

MATHUSALEM *(sempre com o dedo no nariz)*. — O que é que é branco é, a gallinha o põe?... É a cabeça do sr. Barros.

JUDEU *(severo)*. — Menino, se quizer fazer carreira, não tenha má lingua. Não faça allusões, faça relatorios. Agora responda: alto está, alto mora, todos o vêem ninguem o adora?

MATHUSALEM *(absorvido)*. — Alto está, alto mora...

PROFESSOR *(ao Judeu)*. — Que perspicacia!... Vae vêr!

MATHUSALEM. — Alto está... alto está... já sei! É o chapeu do sr. conselheiro Nazareth.

JUDEU. — Ora aqui está quem ha de descobrir a quadratura do circulo, e acabar com a divida fluctuante!

PROFESSOR. — Continuemos. Menino, queira darme uma difinição clara do que sejam os habitos de Christo.

MATHUSALEM. — É aquillo que pode servir tanto á gente de bons habitos, como de maus.

JUDEU *(abismado).*—Falla como S. João, o bôcca d'oiro!

PROFESSOR.—Qual é a 8.ª maravilha do mundo?

MATHUSALEM.—*É a viagem á roda da Parvonia. (Apontando para a platéa).* Pode perguntar áquelles senhores. [45]

APOLLO *(cheio de resolução).*—Ora espere que eu o arranjo; deixe-me fazer-lhe uma pergunta. Menino, quantos são os inimigos do homem?

MATHUSALEM.—São tantos, quantos são os credores.

PROFESSOR.—Ninguem o leva á parede!

JUDEU.—Ora agora deixe-o comigo. Simão, medita bem no que te vou perguntar. Quem é o pae dos filhos de Zebedeu?

MATHUSALEM *(concentrando-se).*—A mãe dos filhos de Zebedeu é facil saber quem é, agora o pae!... n'estes tempos de corrupção e de patifaria...

JUDEU.—É extraordinario! Este Simão, se eu não existisse, seria unico! Espera que eu te arranjo! Ora diz-me cá: qual é mais velho, o Padre, o Filho, ou o Espirito Santo?

MATHUSALEM.—São todos 3 da mesma idade, porque são 3 gemeos.

JUDEU *(indignado).*—Faz desesperar a gente! Mas eu te apanho. Responde: aonde é que nascem os pretos?

Mathusalem.—Na Beira Baixa, e d'ahi são oriundos.

Judeu. — Demonios levem o rapaz! *(concentrando-se todo)* Ora deixem-me meditar n'um problema que nem eu proprio saiba resolver! *(Pausa).* Ah! cá está elle! *(a Mathusalem)* 3 vezes 3?

Mathusalem.—Distingo. Se fôr para eu pagar, 3 vezes 3 é zero; se fôr para receber 3 vezes 3 são 90.

Judeu *(desalentado).*—Uma ultima, e dou-me por vencido. *(Vae á pedra e risca.)* Menino, diga-me uma coisa. *Aonde é que está o gato?*

Mathusalem.—Está a servir de lebre nos restaurantes da Parvonia.

Judeu.—Estou vencido, sr. professor! Proficuos resultados tem vocemessê obtido com um methodo cujo auctor, como todos sabem, é o pae Adão, mas que francamente está um pouco atrazado com relação á nossa época. *(Tira do bolso uma cartilha.)* Acaba de se inventar um novo systema que tem a propriedade exclusiva de fabricar 400 genios por minuto; o homem que não saiba ler nem Titio Livio nem Homero, lê passadas 24 horas correntemente o *Diario de Noticias,* no original.

Professor.—Mas sr. professor, isso é a ruina da ignorancia publica! Se esse methodo se propagasse, estariamos arriscados a que dentro em pouco se

exigisse para o simples logar de ministro da corôa, um exame d'instrucção primaria!... [46]

JUDEU.—É mister entrar com passo firme na senda da civilisação. É realmente vergonhoso que para os altos cargos do estado se exija tão sómente saber recitar ao piano.

APOLLO *(contricto, áparte)*.—Custa-me a confessal-o, mas é verdade.

JUDEU.—Ora, por meio d'este methodo maravilhoso, tomando 3 pilulas, uma pela manhã, outra ao jantar, outra á noite, pode-se mamar e lêr ao mesmo tempo o regulamento do imposto do consummo.

PROFESSOR.—Submetto-me com jubilo ás experiencias. Traz por ahi esse maravilhoso methodo?

JUDEU.—Eil-o. Vamos ensaial-ó. Escolha d'entre os seus discipulos aquelle que lhe aprouver.

PROFESSOR.—Menino Samuel, um passo em frente! *(1.º discipulo approxima-se)*.

JUDEU *(mostrando o methodo n'uma das mãos e uma bolacha na outra)*.—Meu menino, vê isto?

1.º DISCIPULO.—Ah! bem sei, é uma bolacha. *(Tira-lh'a das mãos, e come-a)*. Ah!

JUDEU.—E isto o que é? *(mostrando outra bolacha)*.

1.º DISCIPULO.—É outra bolacha. *(Tira-lha)*. E!...

JUDEU *(ao professor)*.—*A* e *E*. Ouviu?

2.º Discipulo.—Eu tambem quero aprender! Estou com muita fome.

Judeu.—Pois venha cá. *(Mostrando outra bolacha).* Que letra é esta?

2.º Discipulo.—*I*, que bom! *(come-a).*

Judeu *(chegando-se ao professor).*—Que é isto? *(Mostra-lhe outra bolahca).*

Professor.—*Ó*, que bom! *(Abre a bôcca e engole-a).*

Judeu *(distribuindo bolachas por todos).*

Vozes.—Ú, Ú, Ú, Ú!...

Judeu *(ao professor).*—Ora aqui está como vocemecê e todos os seus discipulos só n'uma lição ficaram conhecendo o valor das vogaes.

Professor *(acabando de mastigar).*—Agora, depois de conhecer as vogaes, arrisco-me a perder o logar; mas em todo o caso, se o resto do methodo é assim, bastam-me as consoantes para me dar de comer.

Judeu.—Muito bem; deixe ir os seus meninos embora, porque hão de estar com vontade de tomar o seu caffé no Martinho, ou vêr se pescam a Rainha das Aguas nos Recreios.

Professor *(aos discipulos).*—Meninos, podem sair; mas olhem que em sendo 5 horas da manhã, hão de estar todos já a fazer *ó ó*. Não se recolham tarde. *(Os discipulos saem aos pulos em grandes alaridos.)*

Judeu *(a Apollo)*.—Dou-lhe os meus parabens por este momento de prazer que me proporcionou; como vê, a instucção popular precisa de ser levada á bolacha.

Apollo.—Esse methodo vae fazer uma revolução no mundo! Apenas morrer o resto dos habitantes do Ceará, vou tambem para lá ensinal-o. 47

Judeu.—Faz muito bem, é um methodo tão claro, que é impossivel que no Brazil não renda alguns pretos.

SCENA V

Os mesmos, Thalia com ademanes tragicos, vestida a caracter

Apollo.—Ahi vem a filha de Thalia, sentemonos para ouvir o que ella diz.

Judeu.—Logar á muza! coitada! Ella apesar de ter uns poucos de seculos, ainda parece frescalhota!

Thalia *(avançando lentamente com ar solemne)*. —Deixae-me morrer! Ah! sim, de que serve a vida! Deixae, deixae passar a Thalia!... Por onde andaes vós meus filhos! Ah! eu sinto na face o gêlo do sepulchro! Os vermes começam a morder-me!

Judeu *(áparte)*.—Coitada! Faz dó!

THALIA.—Como faz frio, meu Deus, como faz frio!

JUDEU *(áparte)*.—Que admiração! o thermometro na Guarda está dois gráus abaixo das acções do Banco do ultramar!

THALIA.—Uma pedra, uma pedra para descançar! Ha tanto tempo que procuro aonde encostar a cabeça!... Até que emfim vou dormir! Ah! sim! *(senta-se, encostando a face ao hombro do Judeu)*. Como é bom dormir no seio que amamos quando ao longe se escuta o rugir da tempestade!

JUDEU.—E esta! Então não vem ella representar a *Enterrada* encostada ao meu hombro!

THALIA.—*(com voz cavernosa cheia de odio e de somno)* Sangue, senhor! tenho sêde de sangue!

JUDEU *(compadecido)*.—Oh! minha rica senhora, o melhor é ir para casa; ande, vá, que logo lá lhe mando mais uma corôa por conta do ministerio do reino!

APOLLO.—O melhor é não lhe dizer nada, aliás temos tragedia.

THALIA *(erguendo-se arrebatada)*.—Ah! não quereis ouvir a minha voz? Perfidos! Não importa. Como a sombra de *Branco*, [48] continuarei a perseguir-vos até á consummação dos seculos! *(retira-se a passos lentos)*.

JUDEU *(caminhando atraz d'ella)*.—Até á con-

summação dos seculos, não, minha senhora! Ao menos veja se faz isso por menos 15 dias! [49] *(caindo em si)*. Mas agora me lembro! esta é a voz da Innocencia! *(áparte)*. O Apollo parece-me que me fez partida, oh! mas eu tiro-lhe a desforra, olé! Já com este são dois papeis que vejo fazer á Innocencia!

Apollo *(questionando á porta)*.—Meus senhores, não podem entrar; os senhores não constam do programma.

SCENA VI

Os mesmos, Judeu, Apollo, Satanico e Lyrico, vestidos ambos a caracter, segundo os melhores modelos do genero—*Vidé* Martinho ou casa Havaneza.

Satanico *(indignado)*.—Tenho todo o direito d'entrar, por que estou só em atrazo de dez annos com as minhas quotas do Parnazo.

Lyrico.—Eu tambem; não devo senão a joia de ha meio seculo.

Judeu *(intervindo)*.—Então que é isso, meus senhores? Temos guerra no Parnazo?

Apollo.—Se isto continúa assim, vou pedir providencias ao ministerio da marinha!

Judeu.—Olhe, o melhor é deixal-os entrar. Eu

me encarrego de resolver a questão. Entrem meus senhores, entrém. *(Entram os dois poetas)*

Apollo. — Realmente soppunha-os com mais juizo! Ora os senhores que não lhes falta nada, e que tanto hão de morrer amanuenses, como ministros, para que andam a jogar a pancada no meio da rua?

Lyrico.—Fui insultado por este senhor, quando ainda agora passava pela casa Havaneza!

Satanico.—É falso. Este senhor é que suspirou sem minha ordem, e eu não admitto que ninguem suspire sem me pedir licença!

Judeu.—Ora se me permite, sr. Barnabé Trovão—cuido ser este o seu nome: não era muito melhor andar com o seu collega em santa paz caçando borboletas e meios *grogs*, pelo Chiado?!

Lyrico *(altivo)*.—Nunca, no campo da arte, nunca!

Judeu.—Então, se não pode ser no campo da arte, ao menos no Campo Grande! Fraternizemos todos em espirito!

Satanico.—O meu crédo é explicito—e não abjuro d'elle. *(recita com voz convulsa)*.

Eu quero ver cair batidos pelo vento
Os despotas sombrios!
Abaixo o real d'agua, abaixo o firmamento,
Abaixo os senhorios!

Lyrico *(do lado opposto da scena murmurando docemente ao som da orchestra):*

Ouves ao longe, lá para o pé d'Almada,
Da ermida o sino retumbar alem?
É elle ou ella? Serás tu ou nada?
Dize, responde, quem será? Ninguem!

Judeu. — Oh! meus amigos! pelo amor de Deus! Quanto mais não seja, conciliem a gramatica!

Satanico *(concentrando-se n'um brado de indignação).*

Abaixo quanto existe em toda a humanidade!
Expulsemos o altar e expulsemos o frade.
Illuminemos tudo e ponhamos de novo
A terra, como põe uma gallinha um ovo!

Lyrico *(sempre com voz mavioza procurando dar ao verso a ternura do violino).*

Ninguem! responde n'uma voz tremenda
Funereo dobre que nos causa horror!
Foi mais um amanuense que voou da secretaria da fazenda, [50]
Foi um poeta que morreu d'amor!

Judeu.—Suspendam, senhores, suspendam! Ora eu vou provar-lhes como se podem conciliar as duas escolas. Oiçam o genero lyrico dando fraternalmente a mão ao genero realista! Oiçam! *(recita com enthusiasmo)*.

Oh! meiga lua ideal,
Tu lembras no meio das nuvens,
Um queijo do Rabaçal
Feito com as tintas de Rubens!

Vozes. — Bravo! bravo! muito bem, muito bem!

Judeu *(em extasi)*:

Vem ó anjo do Senhor,
Ó meiga filha do ceu!

(mudando de tom)

Pirolito que bate que bate,
Pirolito que já bateu!

(Os dois poetas abraçam-n'o com effução).

Judeu.—Lá vae outro exemplo em que as duas escolas se combinam ainda em dozes eguaes:

(Recita com o lenço na boca a fingir a voz embargada pelo pranto).

N'este sepulchro enterrada,
Aqui jaz uma florinha.
Viveu uma madrugada,
Amelia, minha sobrinha!

Desde que ella feneceu
Ando todo apoquentado;
E quando assim ando eu,
O que fará meu cunhado!

SATANICO *(puxando por um braço do Judeu).*—Já o não largo. O meu amigo ha de vir para a minha escola!

LYRICO *(idem).*—Nada, ha de vir para a minha!

SATANICO.—Eu é que não lhe largo este braço!

LYRICO.—D'aqui não sae... veremos.

JUDEU *(desembaraçando-se d'ambos com um empurrão que prega com os dois trovadores no chão).*—Oh! com os demonios, lá preguei com as duas escolas em terra! *(ajuda a levantal-os).* Fiz-lhes mal, doe-lhes alguma cousa? *(ao Lyrico)* Queira desculpar, não sabia que o meu amigo estava tão debilitado!...

Lyrico.—Olhe, sabe o que eu lhe invejo? é a força?

Judeu.—Faça, como eu; em logar d'almoçar a brisa da manhã, almoce bifes. [51]

Satanico.—Palavra! se tivesse uma força assim ia já d'aqui ao Terreiro do Paço derrubar as instituições!...

Judeu.—Meus amigos: oiçam a voz da experiencia que é boa conselheira. Querem a celebridade no seu paiz? Querem a multidão de joelhos, absorta a seus pés?

Satanico e Lyrico *(com avidez)*.—Sim, sim!

Judeu.—Pois muito bem; eu lhes vou ensinar o meio pratico d'amanhã poderem dar um beneficio no Gymnasio. *(Dirige-se ao Satanico segurando-lhe intencionalmente no nariz).* O que tem o senhor aqui?

Satanico *(fanhoso)*.—Não me aperte o nariz!

Judeu.—Isto não é um nariz, senhor, isto é uma riqueza! Ora sopre; mas sopre com sentimento! *(Satanico sopra, o Judeu levanta os dedos como quem toca uma flauta).* Vê? o senhor o que é, é um nariz fagote, sem se sentir! Veja a riquesa que tem nas ventas!... Veja!

Lyrico.—Eu tambem quero! eu tambem quero!

Judeu.—Tambem quer! O que eu vou fazer é ensinar-lhe a engulir espadas como os chinezes do Circo.

Lyrico.—Nada, nada! tambem quero dar concertos pelo nariz!

Judeu.—Parecem-me narizes philarmonicos de mais! Mas vá lá; vamos a ver se o seu nariz tem vocação. *(Passa-lhe os dedos pelo nariz que solta uns sons fanhosos de clarinete).* Vamos com Deus! parece-se um pouco com a voz da Pernini, mas em todo o caso a beneficio da ilha das Flores pode tocar!

Satanico *(saltando de contente).*—Vou pedir ao governo para me nomear representante dos narizes parvonezes na exposição de Paris, que é a unica classe que não está representada! [52]

Judeu.—Sobretudo recomendo-lhes uma cousa. Não se assoem; não se assoem que é uma pena darem cabo d'esses dons da providencia.

Lyrico.—Em paga, o meu amigo ha de ficar-me com um bilhete para o beneficio que eu fizer em S. Carlos; se lhe faz conta pode já pagar adeantado *(puxa de bilhetes da algibeira).*

Judeu.—Agora não tenho tempo, logo. O amigo ainda precisa d'alguns ensaios, e sobretudo, muita cautella e nada de lenço! *(a Apollo).* Então a Princeza não chega!...

Apollo.—Admira! Tambem estou já notando a falta.

Judeu *(pegando no chapeu).*—Vou saber a causa da demora, e não tardo nada. Agora cuidado, não

os deixe brigar, porque podem dar cabo dos narizes *(áparte)*. Visto embaçar-me com a Thalia vou tambem ver se o embaço a elle. *(Sae)*.

Apollo.—Meus amiguinhos, oiçam um conselho. Agora que está aqui o sr. mestre, visto os senhores serem tão prendados, porque não aproveitam a occasião para aprenderem a lêr?

Professor *(que tem estado a dormir, acordando estremunhado)*.—Se querem vamos a isso. Em 3 dias faço-lhes conhecer todas as vogaes... do tribunal de contas.

Satanico.—Não me falle n'isso! o senhor está atrazado mil annos! A arte de leitura é indigna do nosso tempo!

Lyrico *(recita ao som da orchestra uma das estrophes antecedentes)*.

Ouves ao longe, lá para o pé d'Almada,
....

Apollo *(acudindo á porta)*.—Sinto rumor: o que teremos de novo?

A successora da princeza Azulina

SCENA VII

Os mesmos. Judeu transformado em **Princeza Ratazana** em *toillete* mirabolante, cheia de pedrarias e de plumas.—Comitiva da princeza, convidados, um creado preto.—O *francez* de todos os personagens é a capricho. [53]

Apollo.—Ahi vem, ahi vem a princeza: logar, meus senhores, logar á princeza. *(Vão todos á porta).*

(Apollo dá o braço á princeza Ratazana que atravessa a scena deitando a luneta com pretenção, e cumprimentando para todos os lados. Diversos convidados sustentam a grande cauda do vestido da princeza).

Apollo.—Cuidado, meus senhores; cuidado não levantem de mais o vestido da princeza.

Satanico.—Pensa talvez que não sabemos lidar com caudas illustres!

Lyrico *(a Satanico).*—Parece-me muito amavel! Ó aquelle, diz-me cá, que tempo levará a pintar uma princeza assim?

Satanico.—Tolo! vossê não vê que não é pintada! Ora ponha-lhe o dedo na cara e verá.

Lyrico *(passando furtivamente um dedo pela cara da princeza, e esfregando-o depois no punho da ca-*

misa).—Ah, eu bem disia que era pintada! vê seu patetinha?

Satanico. — É verdade! quem havia de dizer!...

Ratazana. — Messiús. *(Custando-lhe muito a fallar e pronunciando as palavras d'uma fórma quasi imperceptivel)*. Eu venho aporter a vous un petit super! *(ápartc)*. Digo tanta tolice em francez que é impossivel que me não faça comprehender!

Lyrico. — Oh, madame, que amabilité. *(A Satanico)*. Eim! parece que não respondi mal?...

(Um creado vae dispondo em cima d'uma mesa um serviço de jantar).

Apollo *(ápartc)*. — Deixem-me agora fazer o meu discurso *(voltando-se com ar decidido)*.—Illustre madama! Sêde bem vinda ao torrão Parvonez! ha muito que os nossos estomagos vos reclamam, e queremos provar-vos, illustre madama, que estamos dispostos a trinchar em vossa honra meio bife com batatas, e se tanto fôr preciso a recitar ao piano!

Satanico *(explorando os pratos e a mesa do jantar donde rouba uma azeitona que come)*.—Vamos a ver que tal é esta bagagem litteraria!

Apollo *(ápartc)*.—Não esteja a tirar as azeitonas que parece mal!...

Satanico. — É para abrir o apetite.

Apollo *(continuando para a princeza).*—Como eu ia dizendo, madama, toda a litteratura da Parvonia vos reclama de braços abertos e guardanapo nos joelhos...

Lyrico.—Basta de palavriado; vamos jantar que tenho à barriga a dar hôras. Eu na minha qualidade de poeta lyrico declaro já á princeza que não dispenso orelheira de porco e o competente paio do Alemtejo. Cá os lyricos são assim!

Ratazana.—Monsiú... *(Como quem procura as phrases fazendo ao mesmo tempo corneta acustica com a mão para ouvir melhor).*

Apollo *(fazendo porta voz d'um jornal e bradando cheio de convicção).*—Oui madama!

Ratazana.—Monsiu, como sou etrangere, me farei intender á assemblea por meio de lingua universal, a lingua de vaca, por mostrar l'a admiracion que sinto por touti que na Parvonia touche la lira.

Apollo *(ao preto).*—Pae Paulino, toalhe á la table. *(O preto põe a mesa).*

Lyrico.—Viva a reinação!

Satanico.—Isto é que é um pagode!

Lyrico *(a Satanico).*—Nada, eu vou-lhe fallar. *(Á princesa).* Madame je... je... *(á parte)* ah, já sei. *(Á princesa).* Madame... je vous salute!...

Ratazana *(apertando-lhe as mãos).*—Monsiú,

Monsiú... *(áparte)*. Oh, senhores, que vocação que tenho para a lingua bunda!

Convidado *(áparte cheio de resolução)*.—Nada, eu tambem tenho de lhe dizer alguma cousa em francez: não quero dar parte de fraco diante de tão illustre assembléa. *(Tirando um papel do bolso e lendo ás escondidas)*. Monsiú la Madame! moi le ministre prochaine de la...

Apollo *(intervindo)*.—Basta de sanscrito, meus senhores. Já me parece isto uma torre de Babel! Fallemos n'uma lingoa que se entenda. *(Á princeza)*. Madame la table está posta. *(Os convidados sentam-se todos, alguns põem guardanapos ao pescoço, atando-os atraz da nuca)*.

Lyrico *(para o creado)*.—Traga-me pão!...

Preto.—Já não ha: acabou-se antes do jantar.

Satanico *(bradando afflicto)*.—A sopa! então eu não como sopa?

Preto.—A ultima que havia serviu-se hontem.

Lyrico *(metendo uma gallinha assada na algibeira)*.—Ó amigo, cá vae esta ave de pena para fortalecer o estro.

Ratazana *(reparando)*. — Bem! manja muito bem!

Apollo *(ao preto)*.—Monsiú preto, versê dois decilitros. *(Estende-lhe o copo)*.

Preto.—Já não ha senão agua. A subscripção não chegou para o vinho.

Apollo.—Que me diz d'estes viandas cara principeza?

Ratazana.—Estar bem bom, monsiú, bem bom!

Lyrico *(áparte)*.—É uma pena não haver orelheira.

Ratazana *(erguendo-se de copo em punho brindando a Apollo)*.—Bebo á la santé!... de monsiú.

Vozes.—Urrah!

Apollo *(levantando-se commovido, indo ao pé da princesa a quem aperta a mão)*.—Je... Je... Je... merci, muito obrigado!

Ratazana *(áparte)*.—A commoção embarga-lhe o francez! *(brindando a Apollo)*.—Á lá sante de vous!... grand homme!...

Apollo *(agradecendo commovido)*.—Merci, madame! C'est le mais bello momento de ma course de poete!

Ratazana.—Á lá santé de Mirabeau!

Apollo *(áparte)*.—Meus senhores: não podemos ficar silenciosos. Tenha a bondade de tomar a palavra o que souber alguma cousa de linguas mortas! Ande sr. Mirabeau; não sei qual dos senhores é?

Satanico.—Eu não fallo sem me darem mais paio...

LYRICO.—Pois eu quero mais paio e alem d'isso um dicionario francez.

RATAZANA.—A le fils de son papá! [54]

VOZES.—Urrah! Urrah!... ao filho de seu papá!

APOLLO.—Bem, ninguem toma a palavra, fallo eu. *(Levanta-se, limpando o suor da testa com a toalha da mesa)*. Mademoiselle Ratazana, ma femme! Nous vous remerciamos o acolhimento destinguidô que finisaes de nos dar! Vossos chefes d'obra são remarcaveis, oui madame, oui, oui! Não é celá da nossa parte nem uma mensonja nem uma flateria!... *(áparte)*. Copeci esta falla d'un romance original portuguez que li a semana passada e parece-me que não fica mal.

LYRICO.—Olha que falla bem!

SATANICO.—Podera, já foi mestre de francez no lyceu!

APOLLO.—Permetei que vous salute com toute o desinterressamento! je salute a osted!

LYRICO *(áparte)*.—É francez puro de S. Thiago de Compostella!

APOLLO *(continuando)*.—Finalment, estou chargado pelos meus concitoaiões de vous afirmer le gaudiô enthusiasticô que lhe boulevessa toute la fibre de le estamagô!

RATAZANA *(erguendo-se em attitude de cantar)*.—Ora ouçam agora, seus maganões.

Apollo. — Silencio senhores!

Ratazana *(cantando com voz requebrada ao som do piano).*

Eu venho do mar da Jonia
Metida n'uma liteira,
A vizitar a Parvonia
A patria da larangeira.

É um paiz singular
A patria dos malmequeres!
Pode-se dar um jantar
Ficando os mesmos talheres!

Tem poetas, tem fadistas,
Amannenses e flôres,
Em suma, tem bellas vistas,
E tambem ricos doutores.

Ao partir minha alma afflicta
Dirá com immensas magoas:
É uma terra bonita
E ha por lá bem boas agoas!

Vozes. — Urrah! urrah! *(delirio geral, varios comensaes aplaudem em cima das cadeiras).*

(Um creado chega e entrega um papel a Apollo).

Lyrico.—Temos versos, naturalmente.

Apollo.—Não estão maus versos estes! Meus senhores merenda feita companhia desfeita: são 4 libras por cabeça, contas do Porto.

Lyrico.—4 libras! *(estupefacto).*

Satanico.—4 libras! eu cá não pago nada.

Lyrico.—4 libras ganho eu n'um anno!

1.º Convidado *(com voz cava em que transpira uma resolução inabalavel).*—Eu não pago nem 5 réis!

Lyrico.—O mais que podem fazer é penhorar-me a lyra!

Satanico.—Antes meter-me pela terra dentro! *(abre-se um alçapão no fundo no qual desaparecem o Lyrico e o Satanico, abraçados um ao outro).* [55]

Lyrico.—Cá vamos fazer versos para as profundezas da caixa.

2.º Convidado *(vindo á boca da scena, confidencialmente ao publico).*—Com esta são duas vezes que emigro. Emigrei em 1833 por causa da carta; emigro hoje por causa da conta. *(Mette-se debaixo do canape).*

Apollo.—Cá vae o proscripto para o exilio. *(Mete-se debaixo da mesa dando previamente a conta á princesa).*

Ratazana *(ao creado com a conta na mão).*—Mais isto que vem a ser monsiú?

CREADO.—O que é isto? é o diable, madama! *(chega-se á Princesa estendendo-lhe uma salva para receber o dinheiro).*

RATAZANA.—Então pagar, eu!... Olhe, venha cá entre as 10 e as 11 *(enfiando pelo buraco do ponto).* Muito boas noites, meus senhores; não torno a mudar de sexo tão cedo. [56]

Cae o pano

ACTO IV

QUADRO V

A scena representa *o Olimpo.* Sala phantastica: columnas, porticos, grandes janellas dando sobre uma praça.—Um throno cuja base é envolvida em nuvens d'algodão em rama d'onde imergem, em vez de cabeças d'anjos, varias mascaras exoticas, jumentos com oculos, caras de papagaio, cabeças de coelhos, de raposa, e outros animaes.—O Judeu Errante, trajando de D. Quichote *(vidé os desenhos de Gustavo Doré)* acha-se sentado no throno, pensativo.

SCENA I

D. Quichote. depois dois pagens extremamente graciosos [57]

D. Quichote.—Eis-me nas eminencias do poder! acima de mim ninguem! Quem havia de dizer que tão depressa eu chegaria á alta dignidade de Grão-Lama, director dos destinos da Parvonia!... Eia! seguremos com mão firme as redeas da náu do estado que navega pelo oceano revolto de vulcões da demagogia, conduzindo ás

plagas do futuro o precioso fardo das innumeras provincias da publica administração! Eu estou tão alto, tão alto, tão alto, que quando olho lá para baixo, para os pincaros do Hymalaia, palavra d'honra que tenho vertigens! Quando altas horas da noite me lembro,. que basta uma palavra minha, um gesto, um piscar d'olho, um simples *pst,* para fazer rolar no cadafalso a cabeça de 30 amanuenses e 18 generaes de brigada—já fallecidos, tremo diante de Deus por tamanha responsabilidade! *(voltando-se repentinamente).* O que é isto meu Deus? Ah! é o nastro da ceroulá desapertado. *(Aperta a fita da ceroula, pondo-se de cocoras como um simples mortal).*

(Entram dois pagens com incensadores e collocando-se aos lados do throno começam a incensal-o).

D. Quichote *(chegando o nariz com sofreguidão aos rolos de fumo).*—Embriaguemo-nos! o insenso é o simonte dos deuses!

1.° Pagem.—*(tremulo na orchestra, canta ou recita).*

Eil-o erguido no topo dos mundos
Recostado no seu canapé!
Ao correr nos espaços profundos
Diz o sol ás estrellas, quem é?

2.º Pagem.— E as estrellas tremendo de susto,
Offuscadas por tão grande luz,
Pudibundas respondem a custo,
É o Grão-Lama de Valle dos Perús!

1.º Pagem.— Ainda hontem a ursa maior,
Foi bater-lhe á janella—truz truz,
Perguntando que tal, vae melhor,
O Grão-Lama de Valle dos Perús?

2.º Pagem.— Vem as ondas batidas do vento,
Com o fragor d'um enorme arcabuz,
A dar vivas ao Lama-Espavento,
Ao Grão-Lama de Valle dos Perús!

1.º Pagem.— Hotentotes d'argola ao focinho
Vem correndo ligeiros e nús,
Perguntar, como vae, vae bomsinho
O Grão-Lama de Valle dos Perús?

Os dois.— O universo, de gatas, contricto,
Diz no espaço, caramba! eia sus!
Viva, o grande, o immortal, o infinito
O Grão-Lama de Valle dos Perús!

plagas do futuro o precioso fardo das innumeras provincias da publica administração! Eu estou tão alto, tão alto, tão alto, que quando olho lá para baixo, para os pincaros do Hymalaia, palavra d'honra que tenho vertigens! Quando altas horas da noite me lembro, que basta uma palavra minha, um gesto, um piscar d'olho, um simples *pst*, para fazer rolar no cadafalso a cabeça de 30 amanuenses e 18 generaes de brigada—já fallecidos, tremo diante de Deus por tamanha responsabilidade! *(voltando-se repentinamente).* O que é isto meu Deus? Ah! é o nastro da ceroula desapertado. *(Aperta a fita da ceroula, pondo-se de cocoras como um simples mortal).*

(Entram dois pagens com incensadores e collocando-se aos lados do throno começam a incensal-o).

D. QUICHOTE *(chegando o nariz com sofreguidão aos rolos de fumo).*—Embriaguemo-nos! o insenso é o simonte dos deuses!

1.º PAGEM.—*(tremulo na orchestra, canta ou recita).*

Eil-o erguido no topo dos mundos
Recostado no seu canapé!
Ao correr nos espaços profundos
Diz o sol ás estrellas, quem é?

2.º Pagem.— E as estrellas tremendo de susto,
Offuscadas por tão grande luz,
Pudibundas respondem a custo,
É o Grão-Lama de Valle dos Perús!

1.º Pagem.— Ainda hontem a ursa maior.
Foi bater-lhe á janella—truz truz,
Perguntando que tal, vae melhor,
O Grão-Lama de Valle dos Perús?

2.º Pagem.— Vem as ondas batidas do vento,
Com o fragor d'um enorme arcabuz,
A dar vivas ao Lama-Espavento,
Ao Grão-Lama de Valle dos Perús!

1.º Pagem.— Hotentotes d'argola ao focinho
Vem correndo ligeiros e nús,
Perguntar, como vae, vae bomsinho
O Grão-Lama de Valle dos Perús?

Os dois.— O universo, de gatas, contricto,
Diz no espaço, caramba! eia sus!
Viva, o grande, o immortal, o infinito
O Grão-Lama de Valle dos Perús!

D. Quichote.—Cantam que nem dois rouxinoes! *(Entra uma fada que se vem collocar em frente do throno, cantando com acompanhamento de piano).*

A fada

Quando do cahos tirou Deus o mundo,
No céo profundo fez girar o sol,
Para o Grão-Lama apresentar um dia
O astro do dia posto a tiracol!

Se Deus creou o grande mar dos soes,
Que os rouxinoes fazem gemer nas balsas,
É que Deus quiz fazer botões de chamma,
Para o Grão-Lama mandar por nas calças.

Se o arco iris pelo azul fulgura,
Se por ventura tão comprido elle é,
Foi Deus que quiz dar ao Grão-Lama immenso,
Um grande lenço para tomar rapé!...

Deus é teu genro e somos nós teu neto;
Não ha dialecto que esta gloria exprima;
E em fim, se o globo para o polo é chato,
É que o sapato lhe pouzaste em cima!

Por isso eu venho lá dos céos profundos,
Galgando mundos por cem mil atalhos,
Trazer-te aqui, e pendurar-te ao peito,
Um colar feito d'uma restea d'alhos.

(Enfia pela cabeça de D. Quichote um colar de resteas d'alhos que lhe dá em roda do pescoço duas voltas).

D. QUICHOTE *(examinando os alhos com attenção).* —São enormes e da mais fina agua!... Obrigado archanjo!... Volta para os mundos sidereos d'onde vieste e quando estiveres com o Supremo Architecto do Universo da-lhe lembranças minhas. Feliz o dia em que abordei ás plagas da Parvonia bifurcado n'um jumento! Sou feliz! Sou poderoso, sou unico! *(Toca uma campainha. Apparece um continuo).* Diga ao sr. ministro da reinação que o estou esperando. *(Fica meditabundo. Os pagens e a fada sahem fazendo profunda venia).*

SCENA II

D. Quichote, ministro da reinação, trajando de Sancho Pança. (Vidé desenhos de Gustavo Doré).

M. DA REINAÇÃO.—Eis-me ás vossas ordens senhor.

D. QUICHOTE.—Meu Sancho-Paio! Meu querido Sancho, meu unico amigo! Nunca pensei que fossem tão lancinantes e de tal guisa as agruras do poder! Eu trago os meus pés ensaguentados pelos abrolhos da governança publica!...

M. DA REINAÇÃO.—Ora deixa-te de asneiras. É a eterna cantiga! Diz toda a gente que as cadeiras do poder teem espinhos! Pois eu cá por mim, francamente, é que nunca lhos encontrei.

D. QUICHOTE.—Ai Sancho, Sancho, quem me dera o teu bom humor! A patria está em perigo! Cae tudo, Sancho! caem os bancos, caem as torres, caem os theatros, caem os estadistas!...

M. DA REINAÇÃO.—E nós ainda não caimos, mas olha que estamos quasi!..!

D. QUICHOTE *(indignado)*.—Eu cair, Sancho! É mais facil, cair o céo e morrerem todas as cotovias... Nunca Sancho! a cousa está má, não ha duvida, mas ha ainda um meio de nos salvar-mos.

M. DA REINAÇÃO.—Qual? meu rico amigo: re-

vela-me esse segredo?... Eu só com a idéa de largar amanhã a cadeira do poder emagreci 14 arrobas a noite passada! Só já peso 16!...

D. Quichote.—Sabes o que nós vamos fazer? Vamos arranjar um attentado! Olha que um *attentado* bem preparadinho, feito com todos os matadores; com povo, tropa, realeza e hydra da anarchia, que diacho! ou eu me engano muito, ou ainda não é d'esta que nós vamos abaixo.

M. da reinação.—Quem sabe?... Elle o numero dos tolos é infinito! Se queres arranja-se o negocio para esta noite?...

D. Quichote.—Bem; então ouve lá, Sancho. Primeiro que tudo, é necessario têrmos o regicida.

M. da reinação.—Isso fica por minha conta.

D. Quichote.—Não te esqueças de lhe mandar buscar um barrete phrygio ao guarda-roupa do Cruz. Põe-lhe botas de montar e uma barba grande até á cinta, que é para eu lhe poder botar a unha no momento critico... Sobretudo recommenda-lhe uma cousa: Quando eu o agarrar que não faça muita força...

M. da reinação.—Fica tudo ao meu cuidado. Descança. A que horas ha de ser a cousa?

D. Quichote.—Sete horas em ponto.

M. da reinação.—Bom; deixa-me dar as minhas ordens. *(Sae).*

SCENA III

D. Quichote, depois **ministro das embarcações**

D. Quichote.— Estamos salvos. *(Esfrega as mãos de contente, um continuo traz-lhe um telegramma:—lendo).* «Ultramar á meia noite». *(Declamando).* Olá temos historia! *(Ao continuo).* O sr. ministro das embarcações que venha á falla. *(O continuo sae, entra o ministro das embarcações).* Sr. conselheiro Frota. Acabo de receber o seguinte telegramma. *(Lê).* «Ultramar á meia noite. Gentio sublevado. Exercito Parvonez composto d'um general bateu-se valentemente ficando prisioneiro.»

M. das embarcações.—É muito bem feito; que fugisse; quem o manda ser tolo?... Para que queria elle as pernas?...

D. Quichote *(continuando a ler).*—«O governador e secretario comidos com mandioca pelo gentio; gentio gostou mais do secretario por ser mais tenro.» [58] *(Declamando).* Conselheiro Frota levantemo-nos á altura da situação: medidas energicas!

M. das embarcações.—Eu é que não sei como isso ha de ser! O *Pimpão* anda a fazer serviço do Arco de Bandeira para Bemfica; a *Mindello* está

a concertar no hospital de S. José; a *Bartholomeu Dias* está a preparar-se para um concurso de amanuense, e a *Deusa dos Mares*, essa não a podemos mandar, por que não pode ficar a barra sem defeza!... [59]

D. QUICHOTE.—De maneira que estamos a ver navios?

M. DAS EMBARCAÇÕES.—É isso exactamente o que eu não vejo!

D. QUICHOTE.—E se nós debellassemos os rebeldes mandando-lhes ler aquelle ultimo relatorio que vossê fez!...

M. DAS EMBARCAÇÕES.—Isso é impossivel, porque as bombas de morphina são prohibidas pelo direito internacional.

D. QUICHOTE.—Lembra-me outra cousa. E se nós subissemos ao zimborio da Estrella, e de lá começassemos a acenar com uma carapuça vermelha, quem me diz a mim que o gentio não viria por alii attraído por aquella côr tão grata aos selvagens, e então nós mandavamos pôr o Antunes e o Castello Branco ás portas d'Alcantara, e, quando o gentio passasse, o Antunes apitava, soltava-se-lhe a guarda municipal e...

M. DAS EMBARCAÇÕES.—E a guarda municipal ia talvez para a cadeia; era o resultado. Nada, o que ha a fazer é o seguinte: mandar bater desde já no arsenal da marinha a cavilha mestra d'um

alaúde de guerra. Nomear almirantes da esquadra, os dois cysnes do passeio publico. Estabelecer uma escola naval de rouxinoes, dirigida por mim que sou passaro bisnau...

D. QUICHOTE.—Lá isso é, não ha duvida.

M. DAS EMBARCAÇÕES *(continuando)*.—Mandar construir ahi duas ou tres duzias de bergantins com cascos d'oiro, mastros de marfim e velas de diamantes. Todos estes navios deverão ser artilhados com pianos. Finalmente, aposentar desde já o resto da armada parvoneza com todo o carunchо por inteiro.

(Os dois ficam pensativos como quem medita n'um alto problema).

SCENA IV

Os mesmos, ministro da reinação
acompanhado do **capitão Boyton**

M. DA REINAÇÃO *(entrando apressado)*.—Aqui teem os senhores o capitão Boyton que lhes deseja fallar n'um negocio urgente.

M. DAS EMBARCAÇÕES.—Illustre Boyton, tu és o Asavherus das aguas, o Jonathas dos tempos modernos: não és tu que nadas como os peixes; são os peixes que nadam como tu, e a Parvonia...

D. QUICHOTE *(a Sancho á parte)*.—A coisa arranja-se?

M. DA REINAÇÃO.—Está tudo a postos.

M. DAS EMBARCAÇÕES.—Não me interrompam. *(A Boyton).* E a Parvonia, como eu ia dizendo, illustre Boyton, tem a honra de te offerecer o logar d'almirante-mór da sua esquadra!

D. QUICHOTE.—Accite; olhe que não é máu: 500 mil réis, fora os emolementos, e pulso livre!...

BOYTON.—Agradeço a VV. S.as tamanha delicadesa, mas não posso acceitar.

D. QUICHOTE.—Vou apresentar ao illustre capitão alguns modelos de vazos de guerra feitos no nosso arsenal. *(Sae e volta logo, trazendo um navio pequenino com rodas, puxado por um barbante).* Aqui tem você o bem conhecido *Pimpão, — isto serve para tudo.*

M. DA REINAÇÃO *(áparte).*—Menos para navegár.

D. QUICHOTE *(com enthusiasmo).*—Isto serve para tudo. Põe-se-lhe uma parelha de mulas, e fica uma deligencia. Tira-se-lhe a parelha, colloca-se em cima d'uma mesa, cobre-se com uma redoma, e é um lindo ornamento de sala. Quer-se mandar para a outra banda em commissão de serviço? Prendem-se-lhe umas boias, embrulha-se n'um papel muito bem embrulhadinho, e entrega-se a um homem que o vae lá levar. Nem precisa carvão; são tres vintens no vapor do Burnay. Repito: isto que aqui vê serve para tudo. Já foi arcebispo de

Mytilene; já dobrou o cabo das Tormentas que fica ali ao pé do Banco Ultramarino, já serviu de náu do estado, n'um discurso que eu fiz na abertura das côrtes, e andamos agora com a idéa de o rifar em vinte mil réis, 50 bilhetes a cruzado cada um. Já estão passados doze; quer você ficar com o resto; fazemol-o visconde?

BOYTON.—Eu da Parvonia, meus senhores, quero simplesmente o que ella tem de bom; o Tejo, mais nada. Mas uma vez que VV. S.as desejam reformar a esquadra parvoneza vou apresentar-lhes o modelo que mais convem para a marinha d'este paiz. *(Tira do bolso um navio feito do Diario de Noticias)*. Eil-o! Não ha duvida que isto é um navio em condicções nauticas muito superiores ás do *Pimpão*.

M. DAS EMBARCAÇÕES *(pegando no navio e examinando-o)*.—É extraordinario! Que resistencia de couraça!

BOYTON.—É tudo chapa de ferro!

D. QUICHOTE *(convicto)*.—O ferro dos nossos navios é quasi tão leve como este! mas ainda assim, mister é confessal-o, não chegámos ainda a tamanha perfeição!... *(tomando-lhe o peso)*. Leve como uma penna!... Quem como eu não tivesse estudado profundamente, com mão diurna e nocturna, todos os segredos da arte da guerra, á primeira vista, diria que este navio era de papel!...

Boyton.—Navega quatrocentas e tres milhas por segundo.

D. Quichote *(para o ministro das embarcações)*. —Vamos dar cabo do gentio?

Boyton.—Mas não é tudo. Este barco tanto se pode trazer no mar como se pode trazer na cabeça. *(Faz d'elle um chapeo de bicos, e põe-n'o na cabeça do ministro das embarcações)*.

M. das embarcações.—É engenhosissimo!

M. da reinação.—E depois podemos até fazer uma cousa! Que é mudar a chapellaria da marinha para o estaleiro do Roxo!

Boyton *(triumphante, tirando-lhe o chapeu)*.— Com licença. Esta invenção tem ainda uma propriedade extraordinaria. Depois de servir de chapeu de transporte assim, *(mostrando-o em forma de navio)* e de fragata de bicos d'este modo, *(põe-n'o na cabeça)* serve tambem, meus caros Parvonezes, ora imaginem para que? *(pausa de todos os circunstantes)*. Para saber quando anda a roda!... *(desdobra o periodico e lê)*. Se não ouçam: «Ámanhã anda a roda; o feliz cambista Fonseca, caixa de correio á porta, espera os seus freguezes».

D. Quichote.—E eu que ainda não estou habilitado!... *(toca a campainha; apparece o continuo,— áparte)*. Vae-me já comprar ao Fonseca duas cautellas de doze... bem escolhidinhas; percebes?...

diz-lhe que são para mim, que talvez faça algum abatimento. *(Declamando).* Capitão: vamós ao que importa. O gentio está sublevado. Quer vossê ir passificar os rebeldes com uma frota de 400 galeões, feitos segundo este modelo no estaleiro de D. Cecilia Fernandes e seu marido?

M. DAS EMBARCAÇÕES.—Pode mesmo levar o *Pimpão,* para o não chega.

M. DA REINAÇÃO.—Não, lá o *Pimpão* é que elle não leva. É d'uma côr muito captiva e em lhe cahindo um pingo d'agua fica logo uma nodoa. Vossês lembram-se que, quando elle chegou, metemol-o a navegar d'entro d'uma banheira e ficou logo tão estragado que foi preciso mandal-o arranjar de novo em casa do Baltresqui! [60]

BOYTON *(para D. Quichote).*—Aceito a proposta; quando é a partida?

D. QUICHOTE. — Immediatamente. Uma cousa, capitão. Que material é necessario para uma esquadra de 400 navios como este?

BOYTON *(calculando).*—Eu lhe digo. Uma armada de 400 vazos por este modelo não se arranja com menos... d'um semestre do *Diario de Noticias.*

D. QUICHOTE.—Em summa: material, artilheria, petrechos, mantimentos etc., etc., etc. por quanto é que ficará ao todo a expedição?

BOYTON.—Pouco mais ou menos, mais libra, menos libra, isso é negocio alli para 900 contos de réis.

D. QUICHOTE *(áparte)*.—Um ovo por um real! *(para Sancho, em voz baixa)* Ora vê tu como nós fomos comidos da outra vez! 900 contos custou o *Pimpão* e não é para se comparar com um monitor de guerra como este!... É pegar-lhe já na palavra antes que elle se arrependa. *(Tira uma folha da carteira, escreve com um lapis grande de carpinteiro, e entrega ao capitão)*. Capitão, aqui tem um cheque de 900 contos que irá receber ao ministerio da fazenda nas arcas do thesouro.

M. DA REINAÇÃO *(áparte)*.—Se ellas ainda lá estiverem, do que eu duvido muito.

BOYTON.—Quantas leguas são d'aqui ao Ultramar? *(estupefacção geral)*.

M. DAS EMBARCAÇÕES *(resoluto)*.—Ora deixe-me vêr: d'aqui ao Carregado 10: do Carregado a Leiria 5, faz 15: de Leiria a Cabeceiras de Basto 14, faz 29: de Cabeceiras de Basto á Serra da Estrella contam 10 leguas, temos nós por conseguinte 39 leguas. Ora o ultramar... eu não estou agora bem certo... mas elle fica alli para o pé da Serra da Estrella... [61]

BOYTON.—Muito bem: dia e meio em deligencia d'aqui para o Ultramar, e um dia do Ultramar para cá, porque é a descer... Bom, dentro de 3

dias comprometto-me a apresentar-lhe a cabeça do Bonga.

M. DAS EMBARCAÇÕES *(a D. Quichote)*.—Olha lá, elle o Bonga é preto, não é?

D. QUICHOTE.—Parece-me que sim!...

M. DAS EMBARCAÇÕES.—E quem nos diz a nós que o capitão nos não sae um grande patife, e que em vez da cabeça do Bonga nos não trará um queijo?...

M. DA REINAÇÃO *(áparte)*.—Indo para a Serra da Estrella não admira.

D. QUICHOTE.—Um queijo?

M. DAS EMBARCAÇÕES.—Sim, diz que ha queijos de *cabeça de preto!*

D. QUICHOTE.—És um homem de genio! Palavra d'honra, d'essa é que eu não me tinha lembrado! *(Para Boyton)*. Capitão: nós desejariamos que em vez da cabeça nos trouxesse o Bonga completo.

BOYTON.—Perfeitamente, hei de lhes trazer o Bonga não só inteiro mas vivo: até á vista, *(áparte)* trago-lhes o Pae Paulino. *(Sae)*.

SCENA V

Os mesmos, ministro dos negocios estranhaveis, ministro das injustiças, ministro da fazenda alheia, ministro dos descarrilhamentos publicos, varios pretendentes.

D. Quichote.—Meu caro ministro dos negocios estranhaveis, como vae a politica europea?

M. dos estranhaveis.—Admiravel! ainda hontem á noite a vi n'uma frisa em S. Carlos. Hei de indagar onde ella mora para lhe mandar um ramo de violetas.

D. Quichote *(a um personagem que entra)*.—Oh, meu caro ministro dos descarrilhamentos publicos, sabe-me dizer por ventura se já chegou o comboio do Porto?

M. dos descarrilhamentos.—Sahiu de lá ha de haver uma semana, e posso garantir-lhe que dentro de tres mezes, mais dia menos dia, deve estar por ahi.

D. Quichote.—É que espero minha sogra...

M. da reinação *(áparte)*.—Feliz homem que tem uma sogra a viajar nos caminhos de ferro da Parvonia!

(Entra o ministro da fazenda alheia).

D. Quichote.—Ora viva! ditosos olhos que o veem! Como vae o *deficit?*

M. da fazenda.—Cada vez melhor, cada vez melhor. Está gordo como um cevado. D'aqui a pouco não pode dar um passo; já lhe mandei fazer, pelo ministerio das obras publicas, uma cadeira de rodas. [62]

D. Quichote.—Meus senhores, queiram repoltrear-se n'esses *fauteuils* e tratemos de dar uma vista d'olhos pelas diversas provincias da publica desorganisação. *(Sentam-se todos).*

(Entra um sugeito com ar doentio, traz um braço ao peito).

M. da reinação.—O que pretende?

1.º Pretendente.—Saibam VV. Ex.as que ha de haver dois mezes, não sei se foi d'uma orelheira com feijões que comi ao jantar, ou do que é que foi, tive uma grastica, e depois veiu-me um typho que me poz ás portas da morte. Agora graças a Deus vou um pouco melhorsinho, mas os medicos recommendam-me todo o cuidado e bom ar: que coma bem, que lhe beba melhor, e sobretudo trabalho, lá isso nada!... Vae eu então lembrei-me, para acabar a minha convalescença, de vir pedir aos srs. ministros o logar de governador da Serra de Monsanto que está agora vago.

D. Quichote.—Tenho muita pena em lhe dizer que não, porque vossemecê, pela sua aparencia, tem

ainda robustez demasiada para exercer um cargo de naturesa tão sedentaria. [63]

1.° Pretendente.—Aquella fortaleza é que me convinha... É pacifica, não tem artilheria... depois até lá podia semeiar os meus feijõesinhos, a minha batatinha...

M. da reinação,—Effectivamente, aquella fortaleza bem adubada pode dar um resultado magnifico! O terreno é optimo.

D. Quichote.—Olhe, se lhe convem, na serra de Monsanto, o logar que lhe posso dar é o d'almoxarife das bocas de fogo.

1.° Pretendente. — E são muitas as bocas de fogo?

D. Quichote.—Eu lhe digo: *(conta pelos dedos)* O governador, general de brigada 3; o capelão, 4, fazem 7; 3 cirurgiões, a duas bocas cada um, temos nós já 13 bocas...

1.° Pretendente *(aterrado)*.—Ó senhores! mas como hei de dar de comer a tanta boca!...

M. da reinação.—Está bom, está bom: vá-se embora que se lhe arranja o emprego que lhe convem. Como quer cousa de pouco trabalho, fica desde já nomeado para dar o seu parecer sobre as peças que se representaram no theatro de D. Maria II. [64]

1.° Pretendente *(muito contente)*.—Sim, senhor, serve-me, eu saberei agradecer a V. S.ª

Continuo *(annunciando)*.—Está ali fora um senhor que diz que vem buscar Moçambique.

D. Quichote.—Ah, bem sei, mande-o entrar. *(Entra um moço de fretes)*.

Creado.—Meus senhores, isso será coisa de muito peso? Se é, vou chamar mais alguem.

D. Quichote.—Não é. *(Voltando-se para os collegas)*. Qual de vocês me sabe dizer onde está o mappa da Parvonia? *(Procuram nas pastas, nas gavetas, em cima das mezas, etc.)*

M. da reinação *(encontrando-o no cesto dos papeis velhos)*.—Cá está elle! Será bom mandal-o encaixilhar, senão, olhem que qualquer dia, podemos apparecer no barril do lixo.

D. Quichote *(desenrolando o mappa)*.—Ó Sancho, pega d'ahi. *(Sancho segura uma das extremidades do mappa e D. Quichote com uma tesoura corta um pequeno pedaço, que deixa sobre a meza, entregando o resto dentro d'um envelloppe ao môço de fretes)*. Aqui tem. Entregue lá ao seu amo; e não o perca, que leva cousa de valôr.

Creado.—Baia! Fique descansado *(sae)*.

M. da reinação *(para D. Quichote em voz baixa)*.—Ó homem, tu deste-lhe tudo?

D. Quichote.—Deixa estar; socega; ainda nos fica aqui a Beira-Baixa e um bocado de Traz-os-montes...

M. da reinação.—Ó D. Quichote, n'aquelle ro-

mance da carta constitucional, logo no principio, aonde se diz: «*Rei de tal e cousas, etc., d'aquem e d'além*» sempre é bom riscar *o d'além,* que esse levou-o agora aquelle sugeito...

M. DAS INJUSTIÇAS *(vae para accender um charuto, e dá toda a força a um bico de gaz que espalha um grande clarão).*

D. QUICHOTE.—Ó collega das injustiças, dê só meia força ao registro que tanta luz faz mal aos olhos.

M. DAS INJUSTIÇAS *(agastado).*—Preciso do registro todo para accender o meu charuto, você não vê?

D. QUICHOTE.—Ah, você levanta a grimpa?... *(Colerico).* Meia força no registro que mando eu!...

M. DAS INJUSTIÇAS.—Pois mande você em quem quizer, mas lá em mim é que não manda.

D. QUICHOTE.—Pois n'esse caso, rua!...

M. DAS INJUSTIÇAS *(pegando no chapeu).*—Era a minha vontade ha muito tempo; e vocês tambem não hão de tardar muito atraz de mim. *(Sae).*

D. QUICHOTE.—Ó conselheiro Frota, modere-me ali aquelle registro. *(Ministro das embarcações vae á luz e dá-lhe meia força).* Ainda é muito, ainda é muito.

M. DAS EMBARCAÇÕES *(deminuindo a luz até que a apaga de todo).* Assim é bastante?

D. Quichote.—Sim, senhor, ora assim é que o *(registro)* fica muito bem.

M. da reinação.—Não se vê nada, mas é o mesmo. 65

Um creado *(entrando)*.—Meus senhores: o meu amo o sr. general Grant que foi presidente dos Estados Unidos, disse-me que passasse por aqui, que tinham cá uma cousa para me dar. Não sei se é aqui, se é lá em baixo no armazem?

D. Quichote.—É aqui, é aqui...

M. da reinação.—Já sei o que é. *(Tira da gaveta um grande carachá de folha de flandres)*. Ora tome lá vossemecê este *pendrucalho.*

Creado.—Sim senhor: eu lá entregarei ao sr. general.

M. da reinação.—Isso é para vossê: ao seu amo já offerecemos; não quiz.

Creado *(remirando o carachá)*.—É bem bonito!...

D. Quichote.—Os americanos estão ainda muito pouco civilisados! Bem se vê que o progresso não chegou ainda aos Estados Unidos!... Nem ao menos sabem aonde se põe uma commenda! *(ao creado)*. Isso põe-se no peito do casaco, seu bruto.

Creado.—Sim, senhor, fico sabendo!... *(sahindo)*. Ora então passem por cá muito bem. *(Aparte)*. No casaco é que eu a não ponho, porque embirro com nodoas no fato.

2.º PRETENDENTE *(apparecendo á porta)*.—Meus senhores!...

D. QUICHOTE.—Quem temos mais?...

2.º PRETENDENTE.—Meus senhores: desejo immenso ir á exposição de Paris e não tenho dinheiro; quero por conseguinte que o governo me mande lá estudar.

M. DA REINAÇÃO.—O que? Mas o que quer você estudar?

2.º PRETENDENTE.—Ora o que? O meio mais perfeito de gastar agradavelmente 3 libras por dia em 6 mezes a seguir.

M. DA REINAÇÃO.—Meus caros collegas! É preciso acabar com isto! A Parvonia tem 5 milhões d'habitantes e pêlo menos 4 milhões 998 mil já estão expostos em Paris. São tantos os commissarios que temos mandado á exposição que, se os pozessemos ao comprido uns adiante dos outros, chegavam do Terreiro do Paço ao Trocadero!

2.º PRETENDENTE.—Mas meus senhores, eú tenho tanta vontade de ir á exposição que me compremeto a não receber mais de duas libras diarias e a pôr o resto das despezas da minha algibeira!

D. QUICHOTE.—Coitado! elle é tão modesto que é impossivel deixar de lhe fazer a vontade! Duas libras! Ora que mizeria!... Sancho, manda lavrar a portaria.

M. DA REINAÇÃO *(assignando)*.—Ainda aqui te-

nho algumas lavradas de prevenção. *(Entrega-a ao pretendente)*. Agora, quero ver se não me traz uma lembrança de Paris!...

PRETENDENTE.—Ás ordens de V. Ex.ª Olhe já me lembrei de trazer ahi duas ou tres duzias de cortes de seda, e despachal-os como papel na alfandega do Porto...

M. DA REINAÇÃO.—Muito obrigado, muito obrigado. Vá-se embora e traga-me de lá um assobio!

PRETENDENTE *(áparte)*.—Ora, está-se a divertir! para que quer o assobio?

M. DA REINAÇÃO.—É para apitar quando tiver a felicidade de o encontrar na rua. *(Pretendente sae)*.

CONTINUO.—Estão alli fóra alguns mortos que desejam fallar a SS. Ex.as, e tambem algumas viuvas.

D. QUICHOTE.—Mortos! o que desejarão esses importunos?

M. DOS DESCARRILHAMENTOS.—Ja sei quem são...

D. QUICHOTE.—O que lhes parece? mandam-se entrar?

M. DA REINAÇÃO.—De sorte incommodarão mais que os vivos.

D. QUICHOTE *(ao continuo)*.—Bem, mande entrar: mas não todos: que encarreguem dois de fallarem por elles.

M. DAS EMBARCAÇÕES.—Está-se a fazer tarde para

o jantar, e estes defuntos, se hãode vir ámanhã, vem hoje, a estas horas!

D. QUICHOTE *(chegando a uma janella)*.—Meus olhos divisam maca! Não é isto uma illusão?... Ah! já sei, naturalmente foi o poder legislativo que estava hontem á noite em perigo de vida; coitado! Ainda outra, Sancho Paio?...

M. DA REINAÇÃO *(tambem á janella)*.—Naturalmente é o poder judicial! Outra mais!... Naturalmente é o poder executivo! Deus lhe falle n'alma!...

D. QUICHOTE.—Nada! aqui anda cousa!... *(a um gallego que surge á porta)*. Quem é que vem n'essas macas?

GALLEGO.—Xaiba boxa xenhoria que são axaxinados.

D. QUICHOTE.—Quem os matou? quem os matou?...

GALLEGO.—Xaiba boxa xenhoria que foi o Mattos.

D. QUICHOTE.—O Mattos Lobo?

GALLEGO.—Xaiba boxa xenhoria que num xenhor: foi o Mattos Miranda?

D. QUICHOTE.—O Antunes, que é do Antunes? Aonde é que está o Castello Branco?... *(ao continuo)* mande-me cá um policia... *(continuo sae)*. Nada... é preciso um exemplo terrivel...

M. DA REINAÇÃO.—É a minha opinião desde a semana passada.

(Um policia apparece).

D. QUICHOTE.—Sr. policia. Gazofile-me o Mattos Miranda nas enxovias do Governo Civil, e traga-m'o aqui a perguntas.

POLICIA.—Quem é esse Mattos Miranda?

D. QUICHOTE *(para o gallego)*.—Você conhece-o? sabe aonde elle mora?

GALLEGO.—Xaberá boxa xenhoria que mora ao pé do Entroncamento.

D. QUICHOTE.—Mas os signaes particulares... É alto, ou baixo, usa bigode e pera?... diga depressa.

GALLEGO.—Xe é alto? Ora éxa! tem um kilometro...

D. QUICHOTE.—Um kilometro de comprimento! que tamanho d'assassino! Sancho, chama-me toda a guarda municipal e as reservas!...

GALLEGO.—Mas xaiba boxa xenhoria que o sr. Mattos não é uma pessoa! o xenhor Mattos Miranda é o kilometro 92 dos descarris da Parvonia, que é um barra para descarrilhar!

D. QUICHOTE.—Eu bem lhe dizia, sr. ministro dos descarrilhamentos publicos, que aquella mania d'introduzir nos nossos caminhos de ferro rails de cortiça ainda havia de produzir alguma desgraça! Mas o amigo é teimoso...

M. DA REINAÇÃO.—Olhe eu bem préguei que os rails, em vez de serem de cortiça, fossem de miolo de sabugo!... [66]

D. QUICHOTE.—Bem. Levantemo-nos á altura da catastrofe. Providencias energicas! Sancho, escreve lá tu que tens boa letra. As virgulas mandam-se depois pôr á Academia. Sinto-me inspirado; vaes ver o que é um decreto catita *(ditando)*. Attendendo á celeridade das vias da Parvonia, ao bem do publico, ás urgencias do estado etc., etc., e coizas, hei por bem decretar: No frontão de todas as estações dos caminhos de ferro de Parvonia, será lavrada a seguinte taboleta: «*Ó voi qui intrate, lasciati ogni esperanza*»; e por baixo, para quem não souber francez, a traducção livre: *Ó vós que entráes, fazei testamento.* 2.º—Junto de cada estação será creado um cemiterio com o competente pessoal: capelão, seges, gatos pingados, cavallos e outros funccionarios encarregados de darem á cova o corpo dos passageiros. N'esses cemiterios haverá tres jazigos perpetuos de familia, de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, correspondentes aos bilhetes que os defuntos apresentarem no acto de tomar posse. Recommendar-se-ha que o coveiro assista sempre á chegada dos comboios e que não haja a minima falta de caixões, cirios, e todos os petrechos necessarios para commodidade dos defuntos. 3.º—Será augmentado

o preço dos bilhetes do caminho de ferro para auxiliar a construcção dos sobreditos jazigos perpetuos. 4.º—Arrancar-se-hão desde já todos os encalyptos e mais arvores que guarnecem os caminhos de ferro, sendo substituidos por cyprestes com os seus respectivos galhos e paramentos. 5.º—É demitido o actual director dos caminhos de ferro, e nomeado o sr. Lagoia. 6.º—É nomeada uma commissão composta do vomito negro, da febre amarela, das 7 pragas do Egypto, e de João Brandão—relator, para estudar os meios convenientes d'aperfeiçoar por tal fórma os caminhos de ferro da Parvonia, que saiam de Villa Nova de Gaia 30 passageiros de perfeita saude e cheguem a Lisboa 60 defuntos.

M. DOS DESCARRILHAMENTOS.—Eu já sabia tudo isso e muito mais! Pensa talvez que não estou ao facto dos ultimos aperfeiçoamentos introduzidos na viação acelerada? Este do Porto para Lisboa não foi feito por mim, mas vae ver o meu, que foi feito com todas as condicções de mortalidade! O meu caminho de ferro é de tal ordem, que hão de morrer não só os que veem n'elle mas até os que ficam! É um caminho de ferro de recochete!

M. DA REINAÇÃO.—Hão de permittir *(para os ministros)* que eu acrescente ainda um artigo ao funerario decreto que tu ó Quichote magnanimo acabas de redigir!...

D. Quichote.—Olha, para o não estragar, é melhor por-lhe um *nota-bene.*

M. da reinação.—Então cá vae. *N. B:* ficam suprimidos, por inuteis, os bilhetes d'ida e volta.

SCENA VI

Os mesmos, depois um **correio,** em seguida um côro de **donzellas**

D. Quichote.—Não podemos receber hoje mais pretendentes. Estamos n'uma crise pavorosa! A ordem periclita! Salvemos a ordem!

Continuo *(annunciando).*—Chega o correio com os despachos. *(Entra um correio a cavallo n'um burro).*

D. Quichote.—Oh, o meu jumento! o meu querido jumento! *(avança para elle, e recua commovido).* Calla-te coração! Realmente o meu burro é um homem de genio! Ainda hontem era um burro como qualquer de nós simples, mortaes, e eil-o já transformado em cavallo de correio de ministros!... *(abrindo um maço e tirando de dentro um grande rolo de papel de forrar casas).* Ó Sancho, pega d'ahi. Qual de vocês sabe ler por cima?...

M. da reinação.—Eu aprendi isso ha muito tempo, não sei se ainda me recordo; vamos a vêr;

(lendo) «A hydra da anarchia ha obra de duas semanas que levanta o colo. Foi vista hontem á meia noite a tomar capilé na *Flôr dos Theatros*. Trazia bigode e pera, e um chapeu de chuva de 12 varetas, por signal.»

D. QUICHOTE *(puxando pelo relogio)*.—Sancho, a cousa está preparada? Bem vês que é preciso salvar a patria! Não recuemos, Sancho! Collegas, eia sus!... Está tudo perdido! Cahiu hontem Babilonia e cahiu ha 200 annos o Banco do Ultramar! A provincia conspira! Vizeu agita-se! abatamos a cabeça ao vulcão da demagogia! *(áparte a um dos ministros)*. Olhe, diga lá ao contrarega que faça trovões e relampagos. *(Declamando)*. Tragam-me raios, depressa que a quero fulminar!

M. DAS EMBARCAÇÕES.—Aqui está uma duzia d'elles. *(Entrega-lhe alguns raios de papelão vermelho)*.

D. QUICHOTE.—Ora vamos a isso. *(Põe cuspo na ponta dos raios)*. [67] Anda lá minha hydra da anarchia que eu te vou fazer uma sorte de gaiola! Linguas de fogo descei sobre mim! sob a fronte d'este outro Cid Cam... *(para o ministro da reinação)*. Olha lá, não é Campeador?

M. DA REINAÇÃO.—Não: parece-me que é Campeão...

D. QUICHOTE.—Sim, descei sobre a fronte d'este Campeão... das Provincias! *(O contrarega faz*

uma trovoada equatorial, relampagos abrasam os horisontes caliginosos, crusam-se raios. Tremulo de violinos. Ministros, embrulhados em cobertores, persignam-se. D. Quixote, impavido, dezafia com a dextra os elementos e com a sinistra comprime o coração febricitante. Entra um côro, de donzellas lacrimosas). O que pretendeis, fracas mulheres?

(Côro, cantando no estylo do «Santo Antonio»).

Às donzelas da cidade
Veem hoje ó meu senhor,
A pedir-vos com seu pranto,
Que abrandeis vosso rigor!...

D. QUICHOTE.—Donzellas! A ordem periclita, e, quando a ordem periclita, o vosso unico dever é dar defensores á patria! Retirem-se, virgens! *(côro, repete).*

M. DA REINAÇÃO *(para as mulheres).*—Ó meninas, pirem-se, vão-se embora que não fazem nada com elle! Está como uma bixa! *(ouve-se um gallo cantando).*

D. QUICHOTE.—Ouves Sancho? São os gansos no Capitolio! A hydra apropinqua-se!

M. DA REINAÇÃO.—Qual ganso, nem meio ganso! Aquillo, ou é o gallo da visinha, ou então é a prima-dona de S. Carlos que está a cantar o *Barbeiro de Sevilha.*

D. Quichote.—São os gansos do Capitolio, Sancho, digo-t'o eu!

M. da reinação.—Ó collega, sabe que mais? não me masse com a hydra!

D. Quichote.—Desgraçados, que não sentem as ameaças da demagogia!...

Os ministros.—Abaixo a demagogia!

(Ouve-se fóra um rugido de povo, ao longe).

D. Quichote.—Ouves, Sancho, ouves? Os espectadores estão impacientes! Combinamos o attentado para as sete horas, são sete menos cinco minutos, e não temos nada preparado! Fazemos fiasco, Sancho! [68]

M. da reinação.—Olha eu tinha mandado pôr este cartaz nas esquinas *(mostra um cartaz, que prega na parede. Lendo)* «Grande attentado. Récita unica. Bertoldinho o celebre regicida, que tanto furor tem feito ultimamente em todas as capitaes da Europa e no Perú, acha-se de passagem n'esta cidade aonde dará uma funcção extraordinaria a pedido de varias familias. O attentado terá logar ás 7 horas da noite, no Rocio, com a presença das auctoridades. Preços os do costume.» *(Ruido de povo ao longe).*

D. Quichote.—Sancho, o povo impacienta-se! Arranjaste as cousas mal.

M. da reinação.—Tinha previsto tudo. O regicida não estava ainda muito certo no papel, por

que tem a memoria fraca, e por isso mandei collocar nos cartazes o seguinte contra-annuncio. *(Colloca no cartaz uma tira de papel e lê).* «Por incommodo do regicida, e com auctorisação superior, o attentado que devia realisar-se ás 7 horas só póde ter logar ás 7 e um quarto.»

D. Quichote *(tirando o relogio).*—São 7 e 10 minutos, restam apenas 5 minutos para me preparar. Sancho o meu cavallo de batalha?!... O meu guarda chuva? onde é que pozeram o meu guarda chuva?!... Sancho, *(passeiando agitado)* preciso força... preciso coragem... Sancho, anda aqui pulsear comigo! *(pulseiam sobre a mesa).* Ah, a hydra é levada de mil demonios, desenvolvamos os musculos!... *(faz forças com uma cadeira levantando-a por uma perna á altura da cabeça).* Bem!... *(caminhando para a porta).* Que o Senhor dos exercitos seja comigo!... *(voltando atraz indeciso).* Ora deixa ver se me esqueceu alguma cousa! Cá vae o bruquel, cá vae o montante, cá vão as galoxas... bom, não falta nada! *(sae floreando a espada).* E agora ó hydra, ou eu ou tu!!...

SCENA VII

Sente-se rodar uma carruagem—rugidos de povo, em baixo

M. DA REINAÇÃO *(á janella)*.—A cousa vae bem.

M. DA FAZENDA.—Lá vem o tyranno! é aquelle de bigode e pera...

M. DAS EMBARCAÇÕES.—Ó Sancho, qual d'aquelles é que é o regicida?

M. DA REINAÇÃO.—É o de barbas grandes, com uma cousa vermelha na cabeça.

M. DOS DESCARRILHAMENTOS.—Qual?

M. DA REINAÇÃO.—O que traz uma vassoura na mão! Callem-se: chegou o momento... A tipoia aproxima-se... Olhem o povo ancioso!... Regicida atravessa a multidão... tipoia parou... regicida mete o dedo no nariz como quem vae tirar uma navalha... salto de panthera do regicida!... Deu-lhe um tiro... de vinte libras... que lhe acertou na algibeira do collete... D. Quichote levanta-se... lá prende o assassino pelos cabellos... *(Ouve-se rugido de povo dando vivas)*.

M. DAS EMBARCAÇÕES.—Viva o salvador da patria e das batatas. *(Povo fóra corresponde)*.

D. QUICHOTE *(entra triumphante, povo a aclamal-o e fanfarras tocando o pirolito)*.—Salvei a patria!

D. Quichote em face da Hydra

mas perdi uma galoxa; dou-a por muito bem empregada! 69

M. DA REINAÇÃO.—Deixa estar, que se põe ámanhã um annuncio no *Diario de Noticias!*...

D. QUICHOTE.—Musicas retumbem! Povo aclama-me, e tu ó Jablochoff illumina-me! *(Um jorro de luz electrica bate-lhe em cheio na fronte pensativa).*

M. DA REINAÇÃO.—Sempre será bom beber um cacharolete, que estás muito suado. *(D. Quichote bebe, vae ao throno e tira de lá um immenso cazacão com uma gola de peles; colloca-se no meio da scena, e começa a cahir sobre elle uma chuva d'oiro).*

D. QUICHOTE.—Cidadões! acabo de salvar a patria!... e de soterrar d'uma vez para sempre a hydra da demagogia! Quando a hydra com o dedo regicida, cavilosamente metido no nariz, ia perpetar o assassinato, eu, com os gadanhos salvadores agarrei-a pela grenha, e...

M. DA REINAÇÃO.—E meteste-a no governo civil?...

D. QUICHOTE.—Não; desgraçadamente a hydra era calva, e usava chinó—a perfida!... Eil-o. *(Tira do bolso um chinó de palhaço).* Meus senhores, Hercules trazia aos hombros a pelle que arrancara ao leão de Numea, e eu, se não arranquei a pelle ao leão, arranquei uma, ha de haver

tres annos, á hydra da anarchia! É esta. *(Mostra o cazacão).* É o cazacão do Sousa! *(põe-n'o aos hombros).* Depois d'isto só me faltava ornar a fronte com este chinó regicida, que eu não trocaria por um verdadeiro diadema! *(põe a cabelleira de palhaço a luz electrica e a chuva d'oiro redobram de intensidade: hymnos na scena e na orchestra).*

Tableau

QUADRO VI

A scena representa um bosque

SCENA I

As quatro estações do anno
representadas por mulheres vestidas a caracter,
entram successivamente [70]

O Inverno.—Eu sou o inverno de 1878. Nunca mais aquecerei as minhas mãos enregeladas ao sol claro e benigno d'um bello meio dia de janeiro. Adeus! ó ricas horas depois da missa, aos domingos, quando eu melancolico e janota me sentava nas cadeiras do Passeio ouvindo as harpas dependuradas dos salgueiros entoarem, desferidas pela brisa, o *Relatorio do Sepulchro* e o *Noivado do Registo Civil.* [71] Vou partir para o abysmo insondavel do Tempo, aonde os meus oito mil irmãos, os oito mil invernos preteritos, vagueiam tiritando de frio, assoando aos farrapos das nuvens os seus defluxos immortaes!... *(senta-se pensativo).*

A Primavera *(recitando)*

Sou primavera, rozea irmã da aurora,
Mais bella e pura que a gentil Phriné,
E apesar d'isso vou morrer agora,
Olha que zanga, digam lá, não é?

Eu vou baixar á minha campa fria,
E n'ella ó bardos de tristeza etherea,
Inda que seja sem orthographia,
Gravae-me ó bardos a seguinte leria:

«N'este sepulchro aonde ás horas mortas,
Fazendo o chilo o menestrel suspira,
Dorme um archanjo que comeu nas hortas
Eiroz na grélha, ao soluçar da lyra!

«Que resta ao anjo, á divinal pelintra,
Á Primavera que expirou em flor?
Contas na Aline, uma tipoia a Cintra,
E amanuenses a morrer d'amor!...

(Senta-se merencoria, espirra, assoa-se e começa a desfolhar uma bonina da encosta).

O Outono.

Eu sou o outono, essa estação do somno,
Que os arvoredos vêm despir no val;
Ai, são os mezes em que os bons burguezes,
Pilham á noite sua catarral!...

Chega o inverno; no descanso eterno,
Eu vou dormir á branca luz do luar,
Saudades ricas, ficam ás boticas,
Dos senapismos que eu lhes fiz gastar.

Na minha cova hão de gravar,—é nova,
Esta inscripção que será posta em breve:
«O triste Outono não produz mais somno
Que os relatorios que a Parvonia escreve.» 72

(Senta-se meditabundo).

O Estio.

Eu sou o rubro estio, os mezes flamejantes
Que calcam no lagar as uvas côr de sol:
Dou as brazas do amor ás bocas dos amantes,
E a Julieta eu dou a voz do róuxinol.

Fui a Cascaes, a Espinho, a Nazareth, ao Egypto,
Corri mundo infinito e o mundo atraz de mim!
Eu fui desde Belem correndo p'ra Ericeira,
E fui desde a Figueira á Povoa de Varzim!

No doido turbilhão da minha doida rota
Perdi n'uma batota os meus dois mil réisinhos;

Joguei o voltarete a seis fejões a entrada...
Que vida desvairada a vida em Mattosinhos!

Minha curva exhibi tão languida e tão bella,
Com calças de flanela, atadas co'um cordel;
Por mim morreu d'amor um delegado ancião,
E o ultimo deão da mitra de Pinhel!

Agora desço á cova e desço resignado.
Gosei o meu bocado, e fiz economias;
E se eu voltar de novo, emfim, d'aqui a um anno,
Recitarei ao pianno algumas poesias.

O Inverno.—Minhas irmãs façam o acto de contricção. Lembrem-se que vamos dar contas a Deus das acções que praticamos n'este mundo.

A Primavera.—Vivi apenas 3 mezes, mas posso afoitamente dizer que ninguem viveu tanto em tão pouco tempo. Passei 15 dias nos Irmãos Unidos na companhia lyrica d'um deputado da provincia, e levo ainda para o tumulo uma madeixa composta dos tres ultimos cabellos que lhe ornavam a fronte.

O Inverno.—A calvicia é a corôa de loiros com que as vigilias ornamentam a fronte pensativa do legislador e do filosofo!

A Primavera.—Doze banqueiros illustres fal-

liram d'amor por mim! E então as pandegas no Dá-Fundo, no Collete-Encarnado, em Cintra, no demonio!...

INVERNO.—E não sentes remorso, Primavera, d'essa vida dissipada?...

PRIMAVERA.—Ora adeus meu amigo!... Quando vi que estava chegada a minha ultima hora, dei a ultima gargalhada, bebi o ultimo copo de Champagne, e fui confessar-me a uma egreja da moda, a uma especie de Baltresqui, onde se servem os melhores *bonbons* da divina graça que se fabricam em Paris.

O ESTIO.—E o confessor absolveu-te?

A PRIMAVERA.—Absolveu-me pela mesma rasão por que Christo absolveu a Magdalena. Eu na minha qualidade de Primavera tinha amado muito.

O OUTONO.—Aqui estou eu que n'esse artigo, amor, podia ser vaidosa e não sou. Olhem; só filhos familias, que cantaram o Outono, conheço eu perto de vinte mil na Extremadura, não contando os que me fizeram versos nas duas Beiras, e no concelho de Mortagua. Se querem que lhes diga, até do ministerio da marinha recebi um officio de namoro em verso!

A PRIMAVERA.—Olha lá, vê se te lembras? Gosto tanto de versos!

O OUTONO.—Não sei se me lembro, mas elles começam assim:

Os Delegados que se alteiam bellos
Puros, singellos, recurvados, vivos,
São menos......................

A Primavera.—Ora adeus!... isso é roubado. Aqui ha dois annos recebi de Vizeu uma carta em que se me dizia isso mesmo...

O Estio.—Sempre indiscripções! sempre indiscripções! Então o que direi eu que vi dar o philoxera nas vinhas e no parlamento! Eu que assisti ás eleições! que vendi o meu voto quatro vezes, tendo alem d'isso a habilidade de não sair deputado!... Eu que vi a guerra do Oriente no *Diario de Noticias,* e assisti á guerra do Parnazo no *Jornal da Noite!*... eu...

O Inverno.—Calla-te segarrega! No que as senhoras não podem deixar d'estar de accordo é no seguinte: que vamos morrer dentro de poucos instantes, e que é necessario entregar a alguem o testamento de nosso pae o anno de 1878.

O Estio.—Precisamos uma pessoa de confiança.

O Outono.—O melhor é fazer isso no cartorio do tabellião Scholla.

A Primavera.—Isso é impossivel por que foi prezo. Está no oratorio, e vão enforcal-o outra vez ámanhã pela manhã. [72]

O Inverno.—E se nós depositassemos o testa-

mento na torre do Tombo ou no Banco do Ultramar?...

O Estio.—Lá isso de modo nenhum, por que não sei qual é mais do *Tombo:* se o banco se a torre.

O Inverno.—Creiam n'uma cousa. Ha 600 annos que aqui passo o inverno e conheço bastante este paiz. Na Parvonia ha só uma instituição que dê garantias de segurança, uma instituição legendaria, eterna...

O Estio.—É o arco das Aguas-livres?...

O Inverno.—É a Carta?

O Estio.—É o poder judicial?

O Inverno.—Não, desgraçadas. Na Parvonia ha apenas uma cousa duradoira, uma coisa inviolavel. É o José do Capote!

Vozes.—Ah! o José do Capote!...

O Inverno.—Esperem que elle ahi vem *(olhando para a esquerda e chamando)* Ó sr. José do Capote, faz favor d'uma palavrinha?

SCENA II

As mesmas. José do Capote, depois a Morte

J. do Capote *(entrando)*.—Ora minhas senhoras, não me massem. Sabem as senhoras dizer-me por que rua se vae para o exilio?

O Inverno.—O José do Capote para o exilio! Jámais!. . . Esse capote José, tem 7 cabeções de saragoça, 7 seculos de gloria e...

J. do Capote.—Muito obrigado a VV. Ex.as mas eu é que na Parvonia não fico nem mais um instante. Estou farto de desgostos.

A Primavera.—Ó sr. José do Capote! por alma de quem tem lá no outro mundo demore-se mais um quarto d'hora n'este inferno! Faça-nos este obsequio!...

J. do Capote.—Não estou para mais massadas. As senhoras acabam de me vêr desempenhar um papel de 200 paginas na «Viagem á roda da Parvonia» e, quando eu ia muito descançado metter-me em valle de lençoes, começam a chamar-me! Sabem que mais, muito boas noites!

O Inverno *(supplicante)*.—Ó sô Taborda!

J. do Capote *(aterrado, áparte)*.—Reconheceu-me! não ha remedio senão obedecer. *(Ao Inverno)*. Como José do Capote vou-me deitar na minha cama, agora como particular aqui estou ás ordens de VV. Ex.as

A Primavera.—Olhe; nós somos quatro irmãs, as 4 Estações, e lêmos hontem no Almanach do Preto que devemos morrer á meia noite em ponto. Escrevemos as nossas ultimas disposições, e encarregamos o sr. José do Capote de as transmittir á posteridade, para recreio dos presentes e exem-

plo dos vindouros. *(Entrega um papel).* Eis o testamento. *(Um sino dá meia noite).*

A Morte *(aparecendo com a sua fouce).*—Minhas meninas toca para o sepulchro que está ali o *char-á-bancs* do Lagoia á espera...

A Primavera *(supplicante).*—Ao menos deixe-nos estar até á meia noite e um quarto!

A Morte.—Vamos já para a eternidade!... toca para o jazigo de familia *(bate-lhe com a fouce).*

O Inverno.—A unica pena que levamos d'este valle de lagrimas é não poder tornar a ouvir o José do Capote!...

Todas.—Adeus, sô José do Capote, adeus! *(sahem acenando com os lenços).*

J. do Capote *(acenando tambem com o lenço).*—Coitadas! No fim de contas pareciam-me boas raparigas! chegou-me a lagrima ao olho!... Eu depois que cahi das alturas do poder, depois de tamanhas desiluzões queria ir para longe d'este paiz ingrato... já tinha comprado um bilhete d'omnibus para o Desterro, porem o demonio das raparigas demoraram-me tanto que só posso partir ámanhã pela manhã. Vamos lá a vêr o testamento. *(Assoa-se e começa a lêr).*

Eis d'este mundo a miseravel farça!
Eu que hontem fui galan, eis-me comparsa!
Em poder excedi Sardanapalo,

Despachei tres mil guardas a cavallo,
Viscondes fiz aos centos e aos milhares,
Ricas parelhas fiz de ricos pares,
E obrei milagres de tal guiza em summa,
Que não fiz afinál cousa nenhuma!

Quantos barões creei nem já me lembro!
Mil e oito fiz eu só em dezembro. [73]
Amanuenses sem conta, generaes,
Bocas de fogo, conegos, fiscaes,
Guardas nocturnos, bispos, conselheiros,
Recebedores, juizes, aguadeiros,
De direito escrivães, o que sei eu!
Não ha no mundo nem'um primo meu,
Que a esta hora não seja patriarcha,
Ou cabeça de porco—ou de commarca!
Sobrinhos despachei por toda a párte,
E a tanto me ajudou o engenho e arte,
Tal genio eu tive e tive taes cuidados,
Que cheguei a arranjar cem deputados,
Cem paes da patria, apparelhados, promptos,
Gastando apenas oito centos contos!

Fiz um milagre phantasioso, inedito,
Puz na caixa de credito,
Solor, Timor, Mossamedes, Maçau
Por trezentos mil réis:—já não é mau!
Gente enviei da França á capital,

Mas tanta gente e d'uma ordem tal,
Que eu proprio disse com os meus botões,
Olha que gajos, olha que ratões!...
Marrocos me enviou ministros bellos,
Com seus cavallos e com seus chinellos,
E a todos elles, caso nunca visto,
Eu mandei dar o habito de Christo!...
Lá n'esse Campolide sublimado
De ficto feito e caso mui pensado,
Um grande templo enorme, esmagador,
Mandei erguer de verão pelo Calor.
Eu fiz chegar—que extraordinarios brilhos!
Nossos fundos; isto é, nossos fundilhos,
A quarenta, a cincoenta, e isto tão bem,
Que ficou toda a gente sem vintem!...
Fiz uma cousa immensamente bella.
Escrevi uma carta ao Alviella,
Em cuja carta eu lhe dizia:—Ó rio
Manda depressa ainda que seja um fio
Da tua agua fresca e transparente,
E não podendo tu vir «pessoalmente»
Alviella, eu t'o rogo de mãos postas,
Diz a um gallego que te traga ás costas!—

Dos dois *processos* de que fallo agora,
O dos Recreios é o da Boa-Hora,
Direi apenas em linguagem chan;
Na Boa-Hora, foi o do *Can-can*.

O Chiado illuminei de tal maneira
Que o policia não pode á cozinheira
Seu namoro fazer já como d'antes.
Que bello que era o gaz para os amantes!
E agora ó pobre gaz que vaes morrer
Só já serves para tinta de escrever!

Eu tudo achei de pé n'esta nação,
E fiz tudo cahír de trambulhão;
Desde os bancos, meu Deus, quem tal diria,
Até ao ministerio, e á casa pia!
Desde que annos ha, não houve um anno,
Tão patusco, tão rico e tão magano!

Escrevam-me na campa, nos Prazeres,
Com bella orthographia estes dizeres:
«Aqui jaz n'esta cova um bom pandilha:
Gozou, bebeu, comeu, causou furor.
E como conseguiu tal maravilha?
—Creou um banco e fez-se director!»

(Declamando). Bom. Sejam os senhores testemunhas de que cumpri com o meu dever. Compremetti-me a lêr este papel e graçás a Deus sahi-me muito melhor do que esperava. Por que é preciso que se saiba; não sou homem de principios, mas sei ler e escrever. Meus paes eram pobres e não me poderam formar senão em cinco

faculdades. Ah, mas agora o que quero é o meu jumento! Com as maldições da Parvonia bem me arranjo eu, agora o burro é que eu não dispenso! Aquelle diacho do Ciceroni que me appareceu quando eu cheguei, tomou-me conta da alimaria e não sei o que foi feito d'elle!...

SCENA III

José do Capote,—Mendigo, (Ciceroni disfarçado)

MENDIGO.—Ó meu fidalgo: não ha por ahi uma pontinha de charuto, uma libra, um logar d'amanuense? Qualquer cousa me serve?...

J. DO CAPOTE *(desvairado)*.—O meu burro! Ponham-me já para aqui o jumento. *(Ao mendigo)*. Diga-me uma cousa; você não o encontrou por ahi?

MENDIGO *(áparte)*.—Eu já vi esta cara, não me lembro aonde!

J. DO CAPOTE *(áparte)*.—Esta physionomia não me é extranha.

MENDIGO.—Meu caro senhor. Eu, burros tenho encontrado tantos aqui por esta rua por onde vim, que francamente não lhe posso dizer se algum d'elles seria o seu. *(Áparte)*. Este homem parece-me o Judeu Errante que eu encontrei aqui ha uns tempos no Terreiro do Paço!

J. DO CAPOTE *(á parte)*.—É o mesmo não ha duvida! É o Ciceroni que eu encontrei debaixo da arcada no primeiro acto da revista. *(Ao Ciceroni)*. Ah, meu caro, vem a meus braços, magnanimo patife!... Em que ministerio d'onze varas tu me metteste!... E eu que quando estava nas alturas do poder, andei á tua procura por toda a parte para te despachar fiscalisador-mór das burras do thesouro!...

MENDIGO.—Que queres! perdi-te de vista! O mundo é assim; é uma roda levada da fortuna!... Eu era esperto e tu quasi idiota, e talvez por isso mesmo tu subiste e eu desci! Convence-te d'uma cousa; as bolhas do sabão sobem e hãode subir sempre!...

J. DO CAPOTE.—D'acordo: mas nada d'isso me consola da perda do meu burro. Digo-te mais; é o meu burro a unica cousa que me prende á existencia! Traz-mo e eu te darei immediatamente por conta o resto das provincias ultramarinas!...

MENDIGO.—Mal imaginas tu aonde elle pára!...

J. DO CAPOTE.—Em Cacilhas, em Cintra, em Nazareth, no Egypto?...

MENDIGO

O teu burro preclaro, amigo meu,
De tal modo, comeu, comeu, comeu,

Tantos pinotes na Parvonia deu,
Tão burro se mostrou e tão sandeu,
Que agora vamos vel-o, tu e eu,
Quando este pano se levante ao fundo,
De burro de Cacilhas oriundo
Mudado, ó ceus, em burro-mór do mundo!

(Mutação, ao fundo avista-se o burro cercado de nuvens, remontando-se nos espaços translucidos: musica na orchestra.)

J. DO CAPOTE *(com extasi).*

Eis o burro immortal que aqui n'este proscenio
Ovante vae subindo, á apotheose, á gloria!
Isto é que foi um burro, isto é que foi um genio,
É o jumento maior de que nos resa a historia!

Vae perder-te no Olympo entre as fulvas centelhas,
E diz da minha parte ao sol com teu focinho
Que me mande de lá mais dois metros d'orelhas,
A fim eu ser feliz na Parvonia! — Adeusinho. [74]

Fim [75]

NOTAS

Nota 1—Pag. 18

Lia-se outro dia no *Diario de Noticias*:

«**Homicidio involuntario.**—Succedeu em Pernambuco uma grande desgraça. F. de tal desfechou um tiro contra seu proprio cunhado, julgando que atirava a um veado.»

Um sujeito que sabia d'uma desgraça similhante, e folgava de a contar, em ella lhe lembrando, interrompia logo a conversa e perguntava sobresaltado:

—Não ouviram agora um tiro?

—Nada! Não ouvimos tiro nenhum.

—A proposito de tiro...

E impingia a tragica anedocta.

Eu tambem, que não sei senão uma, direi agora: Banqueiros, inscripções, alta e baixa, moralidade, bancos, directores de bancos, são idéas associadas.

A proposito:

O coração do povo não é incorruptivel, mas encerra um fundo de bondade e de justiça que o faz abraçar todas as idéas generosas.

A janeirinha trouxe eleições sob o Poncio Pilatos do progresso, actualmente chamado duque de Avila. Propõe-se pelo meu circulo Barros e Cunha, Barão de Alcantarilha e José Figueiredo, todos bem esperançados; mas José Figueiredo vence, sem alcançar maioria absoluta.

Os dois retiram, e alguns se lembram de me propôr, contra José Figueiredo.

Eu conhecia este bom rapaz, e sabia o natural empenho do pae em o levar ao parlamento: sabia de politica apenas o necessario para a detestar. Por isso resisti a todas as instancias, até que emfim, ponderando o secandalo que seria não chegar a querer de graça, sem compromisso nem sacrificio algum, o que tantos, tantissimos desejam a troco de todos os compromissos e sacrificios, acabei por dizer, uma quinta feira á noite: Pois se me elegerem, acceito.

No domingo immediato, contra as instrucções de Poncio Pilatos, e apesar dos trabalhos accumulados da numerosa e prestigiosa familia Mascarenhas, saio eleito por cem votos de maioria.

Assombro geral! Os proprios vencedores custava-lhes reconhecer a sua obra; parecia-lhes que uma potencia invisivel os tinha auxiliado.

E tinha: era a grande potencia do coração do povo.

Não me surprehendeu; previa-o.

—Deus fez o mundo em seis dias, e nós não havemos de ganhar uma eleição em tres? dizia eu aos que arrepellando-se pela minha irresolução viam correr um tempo precioso e irreparavel.

Nós nem sabiamos que tu podias ser eleito disse o

povo; mas agora que nos dizem que podes ser, tu não tens feito mal, tu recommendas o outro, tu és bom rapaz; pobres somos nós todos, vamos-te eleger de graça.

E os pobres festejaram a sua propria victoria, quotisando-se para beber á saude do deputado.

Assim cahi das nuvens no parlamento, por uma eleição singular, (que podia ser a coisa mais ordinaria d'este mundo).

Transporto-me a Lisboa e quebra por esse tempo um negociante meu patricio, involvendo na quebra fortuna e credito d'um pobre amigo seu muito dedicado, que só com certo favor do Banco de Portugal se podia salvar.

Já varias vezes o quebrado tinha sollicitado esse favor, debalde; e pede-me pelo amor de Deus que o acompanhe a casa d'um director do banco.

Fomos. Apenas o director o avista, rompe em justas queixas pela insistencia com que apesar das suas advertencias era importunado com negocios do Banco em sua propria casa, onde tinha direito e necessidade de repousar.

O quebrado, não sabendo que dizer, apresenta-me por nome e titulo...

Eu nunca fiz tão alta idéa da dignidade de deputado, nem uma idéa tão approximada da transfiguração no Tabor.

O director tira o semblante e o bonet: prova-me que sabia de cór as *Flores do Campo*, desde o primeiro até ao ultimo verso: convence-me de que eu nada pedia do Banco, antes lhe proporcionava a elle occasião de pôr em pratica o espirito e a letra d'aquella instituição essencial-

mente patriotica e humana; que se alguem devia favores, era o Banco que m'os devia a mim...

N'esta certeza, sahi nadando em delicias por ter ao mesmo tempo salvado uma familia e penhorado o Banco de Portugal.

Esta historia parece-me um justo comentario á frase que Gil Vaz me encarrega d'annotar.

João de Deus.

Nota 2—Pag. 19

Admiremos a reserva do commendador Gil Vaz, não revelando o segredo pronunciado pelo segundo bacharel, ao ouvido do primeiro.

Quem seria o empenho do feliz candidato?

Mysterio que morrerá naturalmente com os dois e com o ministro da corôa que assignou o respectivo despacho.

Livre-me entretanto Deus de pensar que um secretario d'estado na Parvonia obedeça a outros dictames que não sejam os da sua consciencia. Se porventura algum espirito maligno faz suposições temerosas, aventurando, por exemplo, que a fallecida Margarida Gauthier, pode obrigar a desviar da linha recta da justiça um ministro parvonez, ousamos desmentil-o peremptoriamente.

Na Parvonia as mulheres galantes nunca tiveram influencia nos negocios publicos,—depois de mortas.

Aviso aos pretendentes.

G. V.

Nota 3—Pag. 21

Parece que o cheiro peculiar e caracteristico de Lisboa—cheiro, por anti-phrase—resulta de uma combinação hybrida entre as emanações do cano e as da mercearia, prevalecendo os elementos do esgoto. Como se deverá designar esse cheiro particularissimo?—Eis o problema, *that is the question*. Os sabios, chymicos e physicos, quando se vêem atrapalhados para exprimir o cheiro d'alguma substancia, diverso dos cheiros conhecidos, chamam-lhe, com a sua auctoridade d'oraculos, cheiro *sui generis;* porque não ha nada como o latim para dar aos sabios um tom d'auctoridade infallivel. Outras vezes, os mesmos sabios, dizem que o cheiro é *empyreumatico;* porque tambem não ha nada como o grego, para deixar a gente—grega.

Ora, se em vez de cheiro *empyreumatico*, os sabios dissessem apenas — cheiro *a queimado* — é natural que toda a gente, que não é sabia, os entendesse logo. Mas, se nós entendessemos o que elles dizem, então não haveria ignorantes, e, não havendo ignorantes, claro está que deixaria por isso mesmo de haver sabios — o que seria uma grande desgraça... para elles.

Deixando, pois, na sua gloria os sabios, e voltando ao cheiro que faz o objecto d'esta nota, eu declaro que acceito, porque tem graça, a designação que lhe deu o ex.^mo commendador Gil-Vaz, de cheiro *pouco parlamentar;* e acceito a, apesar de que o dito cheiro me parece antes — muito *para lamentar*. Comtudo, e sem trocadilhos de mau gosto, eu votaria que se lhe chamasse unicamente — cheiro de Lisboa.

Já não floresce na Parvonia essa livre instituição nacional chamada *Agua vae*. Lord Byron, que teve occasião de a apreciar na sua passagem entre nós, ha 70 annos, não se esqueceu d'ella, nem do cheiro de Lisboa, e dedicou-lhes, do fundo da Grecia, uma estrophe agradecida. Eu acho que o satanico poeta do *Childe-Harold* foi sobre-maneira injusto para nossos avós, quando os taxou de immundos. Seriam; mas não eram hypocritas. Tinham a velha sinceridade portugueza. Não acontece o mesmo aos netos. Aquelles não se lavavam, é certo; mas tambem tinham a franqueza de o mostrar claramente, usando a camisa suja, conforme o testemunho do bardo inglez. Os netos, porem, ostentam camisas deslumbrantes d'alvuras; mas tambem se não lavam, como já provou irrefutavelmente o sr. Ramalho nas *Farpas*, pela simples observação de que, nas inumeras mudanças de casa a que procede duas vezes por anno a população da capital, é rarissimo o vêr por essas ruas os seguintes utensilios domesticos: banheiras e bidés. Eu accrescento que, em compensação, abundam os ferros de engommar. Não ha *ménage* lisboeta sem um ou mais ferros de engommar. O ferro de engommar é o symbolo, não sei se *augusto*, da hypocrisia do lisboeta contemporaneo, no tocante ao accio individual. O lisboeta do tempo de Byron não se pejava de que o estrangeiro o visse deitar pela janella fóra... o substantivo de Cambronne. O lisboeta de hoje guarda as conveniencias, guardando o dito substantivo, em casa nas pias, e, fóra d'ella, nos canos da cidade. É verdade que se dá o luxo de mandar varrer as ruas. Em 70 annos não se póde exigir maior adiantamento á civilisação de um povo.

O cheiro de Lisboa é assumpto que dá para uma monographia em muitos volumes. Recommendo-o á nossa douta Academia.

E, para fechar estas desleixadas linhas, que excedem talvez o espaço que para ellas me foi offerecido pelo sr. commendador Gil-Vaz, dou em seguida, por especial obsequio aos patriotas lusos, a estancia de Byron a que atraz alludi, e uma versão d'ella, que fiz livremente como sabia e podia:

«But whoso entereth within this town,
That sheening far, celestial seems to be,
Disconsolate will wander up and down,
'Mid many things that grieve both nose and ee:
For hut and palace show like filthily:
The dingy denizens are rear'd in dirt;
No personage of high or mean degree
Doth care for cleanness of surtout or shirt,
Though shent with Egypt'splague, unkempt, rowash'd; unhurt.»

«Mas quem entrar na occidental cidade,
Que faz ao longe tão brilhante vista,
Divaga triste, vendo a sujidade
Que offende a cada passo o olfacto e a vista;
Choça e palacio mostram igualdade
Na porcaria; *Parvonez* que vista
Camisa, não se importa de a ter limpa:
É gente immunda... mas levanta a grimpa.»

FERNANDO LEAL.

Nota 4—Pag. 21

Conta-se que sua altesa o principe de Galles, passeiando ha dois annos o seu *spleen* pelas classicas terras do sr. D. Affonso Henriques de gloriosa memoria e encontrando-se por acaso, fóra de portas, exclamára n'um impeto de saudade e de enternecimento:

—«Ó céus de Portugal, que eu visito; ó solidões, que recolheis meus reaes suspiros; ó sonhos do meu throno; ó visões da minha Inglaterra; ó batatas da minha Grã-Bretanha: vinde a mim e ajudae-me a supportar o enorme peso do meu tédio e da minha nostalgia. Eu quero uma lembrança! ó ministros, ó famulos, ó gentes do poder, procurae depressa! procurae-me um **B**, um **B** grande, enorme, tamanho como o *Serapis* ou maior ainda! um grande **B**, que me encha o coração em trévas, um **B** formidando, um **B** nunca visto, um estupendo **B**, um desalmadissimo **B**. Depressa, depressa o **B**,— *a stupendous and ominous* **B**.. »

E o **B** chegou. Pelos modos era côr de rato, matreiro e custava dez libras.

Mas sua alteza não olhava a dinheiro. A questão era possuil-o, encher-lhe os dois ventres, engordal-o, metter-lhe alguma palha no estomago e leval-o depois aos seus queridos inglezes, exclamando ainda com orgulho e magestade:

«Eu! que tive a meus pés *rajahs* opulentos e principes orgulhosos; eu, que presenciei as phantasticas illuminações do Ganges e os mirificos jogos de luz do Elephante; eu! que trago commigo *bailadeiras* encantadoras e tigres ferozes; eu tambem tenho um **B**, um **B** que me

custou dez libras *(ten pounds)* e que é a mais notavel expressão de um povo que adoro, de um povo, que venero.

«Olhae-o e vereis que elle é bizarro, como os mais bizarros fidalgos, e pensativo como os mais insignes pensadores.

«Olhae-o, olhae-o e saudae-o.»

E os *hurrahs* estrugiram os ares—violentos, impetuosos, vulcanicos...

Só a patria, alarmada, suspirou languida:

«*Tu vaes partir sem que talvez o pranto...*»

Soube-se alfim *(que ratice!)* que o tal **B.** o maganão, era nem mais nem menos que um pequeno jerico de Cintra, magro, macillento e de poucas palhas na barriga.

Vem agora o *Judeu Errante Junior*, e affirma-nos ter comprado em leilão o animal, cuja perda o paiz ainda hoje deplora.

E vá lá um burro fiar-se na amisade de um principe!...

MAGALHÃES LIMA.

Nota 5—Pag. 22

Pode ser que o commendador Gil Vaz não tenha imitado condignamente o estylo de gala da mais terna, mais authorisada, mais conspicua, e mais sensata tuba da opinião parvoneza. Se incorreu n'esse peccado, que a referida tuba perdoe ao contricto e já assás pateado commendador, a falta cometida, attento a que o desventurado, chamando *Canoro epico* a Luiz de Camões, e empregando a chave d'oiro final *da acolhida lisongeira a que tem jus*, mostrou que não lhe falta boa vontade de ser agradavel

aos srs. chefes de repartição e outras pessoas graves que prezam este apuro de linguagem e estes extremos de cortezia devidos a um cavalheiro apreciavel como o foi innegavelmente o author do *Luziadas*.

G. V.

Nota 6—Pag. 26

Querido Gil Vaz; no teu relatorio menos extraordinario que muitos que conhecemos editados pela folha official, ha lacunas importantes que causariam a desgraça eterna de qualquer commendador de Christo de carne e osso que ousasse perfilhal-as. Sim querido amigo, a recitação entre nós é tudo, mas por isso mesmo que é tudo e mais alguma cousa. é necessario marcar-lhe restricções, definir-lhe as procedencias. Senão examinemos a sociedade portugueza, ou melhor, aquillo que em Lisboa a representa, a synthetisa—O bairro d'Alfama e a Baixa—porque de resto Oh! sociedade *raffiné!* tu és n'este meio de faias bandurristas e burguezes lyricos a modesta e ignorada violeta:—não fallemos em ti.

Nas estreitas e tortuosas ruas d'Alfama reina o ditoso fado.

Na baixa imperam as *Flores d'alma*.

Aquelle conduz á Rocha tarpeia do Limoeiro com escala pela Boa Hora.

Estas levam directamente ao Capitolio, ás cadeiras da governação.

Ora vê tu como partindo da mesma origem, com as mesmas notas dolentes, os mesmos tremulos vibrantes se vae parar a regiões tão diametralmente oppostas!

Mera questão d'acompanhamento, dirás; por um lado a nefasta influencia da perfida guitarra, por outro o doce o meigo auxilio do pianno. E para o meu marquez de Pombal, para o marquez de Pombal que necessito, prefiro o que souber recitar ao piano.

Não basta, não basta, affirmo-o, juro-o até se quizeres Gil Vaz. Então imaginas tu por acaso que aquelles que tem o longo tirocinio da guitarra, a sua unha crescida, emmudecem porventura deante das brancas teclas d'um piano, quando uma mão pallida, franzina, as faz gemer sob a delicada pressão dos seus finos dedos esguios? Não, mil vezes não. E que seria de nós, da nossa patria, das nossas instituições, da nossa politica, das nossas finanças, da nossa sociedade *União e Capricho*, das nossas colonias, dos nossos bancos—se acceitasses um faia, um bandido que se te apresentasse com a figura monumental do sr. conselheiro Nazareth, a calva lusidia e aguda do sr. Barros e Cunha, o farto bigode do sr. Costa e Silva, a pera levemente retorcida do sr. Carrilho, a voz sonora e valente do sr. Manuel Tribuno d'Assumpção, que lêsse escrevesse e contasse como qualquer mestre escola d'aldêa? Dize-me, dize-me o que seria d'isto tudo, o que seria de nós? De nós que segundo a expressão, textual, do sr. Presidente do Conselho estamos ha já 30 annos no cairel do abysmo!...

E é por isto que tu Gil Vaz, vendo perfeitamente a grande necessidade que a nossa patria tem d'um reformador, deverias ter acrescentado ao trecho que tenho a honra de annotar as seguintes linhas: *Os que recitarem á guitarra estão por este facto fóra das condições. Não podem concorrer.*

Bernardo Pinheiro.

Nota 7—Pag. 31

A intenção do auctor da *Viagem á roda da Parvonia*, enviando a repousar no remanço do tribunal de contas, em personagem tão francamente classificado no reino animal, não foi lançar um vituperio sobre aquella digna repartição, que não merecia de certo mais do que outras um tão lacinante epigramma. No Tribunal de Contas jazem conselheiros, srs. officiaes de repartição e amanuenses, de juizo atilado e porte digno, mas como por outro lado aquella serena mansão, é a aspiração commum de todos os politicos da Parvonia, sabios e ignorantes, d'orelhas minimas e d'orelhas grandes, parece concluir-se d'ahi que entre um burro e tão digno tribunal não ha incompatibilidade de maior importancia.

G. V.

Nota 8—Pag. 37

O canonicato e a bolota são por egual considerados entre nós como fructos d'engorda. A exclamação do Judeu Errante justifica-se pois em vista d'esta crença arreigada na opinião dos scepticos da Parvonia, de que tanto as Sés como os montados produzem identicos resultados em face da balança.

G. V.

Nota 9—Pag. 38

Na Parvonia os galopins eleitoraes nem sempre teem a abnegação d'este. Na maioria dos casos, quando dispõem de 300 libras para comprar votos, elegem-se elles deputados—vendendo-se depois ao governo por metade do preço.

Um eleitor desiludido e roubado.

Nota 10—Pag. 42

Esta sopa é uma especialidade do *Restaurante da Marinha*. É demasiadamente forte e só estomagos robustos a podem suportar sem inconveniente. Offerecel-a aos eleitores é abusar da sua innocencia. O primeiro habitante da Parvonia que provou a sopa *Zambeziana* em dezembro de 1878, ainda a não poude digerir completamente, e ninguem prevê se a sua compleição acabará por ceder ao peso que traz no estomago.

Tanto a sopa que leva *Zambezia* como a que leva lagosta ou colorau, pode irritar o systema constitucional e digestivo se não houver cuidado com ella.

G. V.

Nota 11—Pag. 46

Os mortos da Parvonia gozam, na maioria dos cazos, da regalia de se acharem recemseados e de poderem votar livremente nos circulos aonde por ventura a luta eleitoral corra mais acesa. Alem d'esta vantagem, de primeira intuição para quem conheça a estrategia do sufragio, votam por um candidato e ás vezes pelo outro, sem aproveitarem do vinho de nenhum.

G. V.

Nota 12—Pag. 48

O espectro antigamente, tinha a insignificante missão de fazer chorar as crianças e de alimentar as tonterias dos supersticiosos.

Vivia, apenas, conhecido n'uma pequena roda e estavamos certos de que não o encontrariamos no *Restaurant*

Club a comer meio biffe, nem nas plateias dos theatros a fazer a côrte ás nossas namoradas.

Apparecia depois da meia noite, não para trepar, por uma escada de seda, ao balcão d'uma mulher bella, mas para ir, mysteriosamente, recitar á lua um poema de dôr, acompanhado pela fallada *musica das espheras*, á falta da walsa dos *dois mundos*, ao piano.

O seu aspecto era deselegante; esguio como um romantico, absorto como um maniaco, funebre como um cypreste; de braços abertos como que pretendendo abraçar o espaço e arrastando umas cadeias de ferro como um forçado das galés.

Era incapaz de prestar um serviço á patria que o aturára uma vida inteira dando-lhe muitas vezes um talher á meza do orçamento e a farda de cavalleiro fidalgo.

Hoje, porem, graças á influencia de varios galopins, habilitados com o curso completo de eleições, o espectro saiu da sua obscuridade e tem todas as regalias de cidadão que paga decima e sabe ler, escrever e contar.

Continúa a receber pelo correio as listas dos candidatos e, no dia do renhido combate, vem envolto na sua modesta e no seu lençol branco, sem consciencia e sem carne—que são dois enormes pesadellos, lançar na urna o seu voto, fazer proclamar o deputado ministerial ou o deputado da opposição segundo o que apresentar—melhor programma? não:—melhor vinho.

É recebido com todas as honras, isto é, com sorrisos d'amisade, pasteis de bacalhau, abraços febris e moedas de cinco tostões.

Não é progressista, constituinte ou regenerador, não

tem côr politica; cabe-lhes sômente salvar a que estiver mais arriscada, mais duvidosa.

A sua influencia é notavel desde que se comprehendeu que a *seriedade*, a sua unica inimiga, não passa d'uma pretenciosa ridicula, d'uma insupportavel *poseuse*, cheia de escrupulos e, portanto, incapaz de continuar no exercicio das suas funcções n'estes tempos de loucura.

Desde que a *seriedade* passou a andar espetada nas baionetas da chacota, apedrejada como um hydrophobo, ridicularisada como um charlatão... o espectro começou a figurar nos cadernos do recenseamento e a prestar optimos serviço. Que o diga... Nada de indiscrições.

Ó progresso... vou mandar fazer um ajectivo para te lançar aos pés a minha admiração.

A *liberdade de voto*, essa generosa carta d'alforria, apupada, entre nós, como Christo nas mãos dos judeus, tem aqui toda a physionomia d'uma dança grutesca, que o voto dos mortos veio aprimorar.

Vamos, entretanto, fazendo a digestão com a nossa palavrosa *blague* até novo espectaculo, em que a consciencia nacional envergue os trajos de *clown* e venha á praça trabalhar conforme lhe pagarem.

O publico quando viu apparecer em scena, Um Espectro, córou e não gostou.

Teve rasão. Com espectros ninguem brinca... São privilegio dos recenseamentos eleitoraes.

C. de Moura Cabral.

Nota 13—Pag. 49

Garanto como testemunha de vista, sem ser necessario apellar para as proprias declarações parlamentares, este periodo do Relatorio do commendador Gil Vaz.

Assisti á scena, não no theatro porque lá não fui n'essa ruidosa noute da *Parvonia*, mas no recinto de uma Egreja do Porto. O que então se elegia não eram deputados, mas cousa que o vale, a Camara Municipal e a Junta do Districto. Tinha ido para ver como era aquella cousa.

No adro achei homens mal encarados e mais mal lavados ainda. *Passavam listras.* Tinham o olhar avinhado, os cabellos em pastás sobre os olhos, cigarro ao canto da bôca, e debaixo do braço bengallas de canna com castão de marfim... *por causa!* O sachristão, coxo e gago, tambem furava no meio da gente, á surrelfa, *trabalhava.* Era pelo governo.

Alli ao pé havia uma casa onde se ia comer carneiro assado com molho de vinho verde. Ahi se vendiam os *botos.* Regulavam por dois mil réis, fóra o vinho.

Dentro da egreja presidia á cousa um bacharel impòrtante, rispido e da opposição.

O burro que eu vi votar não era o da *Parvonia*, era um cidadão bebado como um cacho, que entrou na egreja resmungando a cambalear. Quem vinha montado no *corpo eleitoral* não era o *Judeu Errante*, eram os fortes braços do Sentieiro, o primeiro homem do Porto para eleições. Escarranchados nos hombros do animal, os braços do Sentieiro amparavam-no contra a turba. Era um formigueiro de eleitores em volta da

Mesa e o presidente, rispido, no alto. Havia alli um cheiro penetrante a vinho e a homem; havia ditos e chalaças.

Com um ar petulante de cidadão bebado o eleitor passou das mãos do Sentieiro ás do presidente, rispido, duas listas. Este: Qual é da Camara? —O eleitor virando-lhe as costas com enfado e nauseas de ambas as especies: Eu sei lá *quaes é!*

O. M.

Nota 14—Pag. 52

Cedo virá o dia em que as botas recebam tambem a consagração publica e sejam elevadas ao pantheon das celebridades, em vez d'irem parar aos barris do lixo.

Pois julgam que a bota não tem influencia directa nos destinos das nações? Enganam-se meus senhores, e é facil proval-o.

Esse deputado que se queixa dos calos é talvez um conhecido vosso, e cuja historia vos vou contar. Chegou a Lisboa ha mezes. Era uma formosa manhã. Viu-se pela primeira vez em plena cidade de Ulysses. A *Memoria* do Terreiro do Paço absorveu-lhe por longo tempo o olhar extatico. «Grande terra!» exclamou elle ao confrontar o aspecto da cidade com o da sua aldeola. E então um pensamento lhe atravessou o cerebro: ser grande, fazer figura, tornar-se celebre. Isto hade constar, dizia elle comsigo, e talvez um dia me recebam lá na terra com foguetes, musica e vivorio. Mãos á obra.

Foi para uma hospedaria, almoçou, arrumou a bagagem, mudou de fato, *narcisou-se* um pouco e só quando

ia para calçar as botas é que reconheceu a saliencia dos tornozellos!

«É preciso disfarçar isto para não parecer provinciano. Ó rapaz onde é o melhor sapateiro?»

E eil-o ahi vae até ao Manuel Lourenço escolher um par de botas de primeira qualidade.

D'ahi a tres dias abriu-se o parlamento. As suas botas novas rangiam com um som particular: quando entrou, todos os olhares dos collegas se voltaram para ellas. «Bom signal, pensou, já fico conhecido pelos pés.»

Um dia na camara encheu-se d'indignação contra o discurso de um director geral da fazenda e julgando-se no theatro começou a patear violentamente, dizendo para os collegas do lado: «*Hic mores hominum corriguntur.*»

A aura da sorte bafejava-o e as suas moções eram sempre approvadas na generalidade. Os calos tinham-lhe augmentado, é certo, mas ao pé de um triumpho o que importa um calo!

Tem corrido muitas sessões e graças a estas botas benemeritas, nós aspiramos hoje a plenos polmões o ar da liberdade!

Gil Vaz travou relações com este cavalheiro e é a elle que se referem as palavras que commentamos.

Resta-nos agora fazer um apello aos corações patrioticos: Que as botas d'este pae da patria sejam obtidas por subscripção nacional e dependuradas no alto da camara dos senhores deputados para perpetuarem ás gerações vindouras a memoria dos nossos triumphos parlamentares. Disse.

JAYME VICTOR.

Nota 15—Pag. 52

Quem é que um dia n'uma tarde chuvosa e triste, uma tarde de janeiro quando anda no ar uma melancholia vaga, não foi espairecer o mau humor e desopilar o figado, para uma galeria de S. Bento, ver a representação nacional, essa eterna fonte de galhofa e de alegria? Ali encostado ao parapeito de oleado esgarçado, atravez do qual passa a crina do recheio—o que é uma mina de distracções para os labios das praças de pret, que assistem á sessão,—quem é que não tem visto o espectaculo desordenado, caprichoso, que offerecem os deputados ao paiz que os contempla?

Ninguem occupa o seu logar e ninguem escuta o orador. Ha um ruido constante de portas que se abrem e que se fecham, de carteiras que batem ao cerrarem-se, de cadeiras que se arrastam, de grupos que palestram, de friorentos que aquecem os pés ao calor do fogão, de bronchiticos que tossem, de turbulentos que berram—e dos secretarios que entoam n'uma malopêa somnolenta umas leituras, que ficam sendo para todos como uns mysteriosos hieroglyphos—fallados.

Alguns deputados pacatos e ordeiros fazem tranquillamente a sua correspondencia, e outros estão muito recostados nas suas cadeiras, com as pernas erguidas, os joelhos á altura da bocca, n'uma posição tão familiar, como as que se tomam n'uma sala d'um *cercle* depois das duas da madrugada, quando com meia duzia d'amigos se fuma o ultimo charuto do dia e se contam as anedoctas galantes e as observações picarescas.

É esta a physionomia do nosso parlamento. A esta

desenvoltura, a este *á vontade*, corresponde uma eloquencia tambem de joelhos á bocca, e os discursos teem, como os deputados, o collete meio desabotoado, a gravata á banda, o peitilho amarrotado. A nossa rhetorica parlamentar é uma rhetorica *deshabillé*, é uma rhetorica de chinellos, é uma rhetorica de fato feito comprado em algibebe, é uma rhetorica, finalmente, que nunca calçou luvas.

O deputado ao pedir a palavra, levanta-se e acena para o continuo, levando a mão toda aberta á bocca, mettendo o pollegar entre os labios, com um signal expressivo, que se usa no *Collete encarnado*. Depois, de *paletot* de panno piloto, forrado de castorina — um paletot da Ribeira Velha — um pouco aberto, as mãos mettidas no coz das calças, ou no meio dos arrebatamentos dos seus raptos oratorios, coçando nervosamente a cabeça — começa a expectorar phrases tremebundas, accusações virulentas.

A influencia da *toilette* sobre a eloquencia não é uma phantasia, é uma realidade. Um facto perfeitamente authentico, ha pouco succedido com um dos representantes do povo, confirma-o exuberantemente. É o nosso deputado um dos mais garrulos berradores da Camara, e alem dos seus discursos atroadores, são celebres os seus *ápartes* em oitava alta e os seus murros atheleticos, que arrombando as carteiras, affirmam o vigor, tanto das suas opiniões como do seu *biceps*. Pois bem! uma d'estas manhãs o nosso homem por um d'estes singulares caprichos da imaginação, ao passear pelo Chiado, fazendo horas para ir para a camara, entrou n'um luveiro e envergou as suas fortes mãos vermelhas e cabelludas,

n'umas luvas de pellica que o logista a muito custo lá ajustou e abotoou. E ahi vae o nosso homem pelos Paulistas abaixo, olhando sempre para as mãos, sem saber onde as havia de metter, ao mesmo tempo, com os receios de quem tem um crime a esconder e a altivez de quem quer patentear uma gloria immortal.

Em S. Bento sentou-se na sua cadeira, não escarrou, já não tinha nos grossos labios carnudos o palito do almoço, as pernas conservavam-se modestamente, uma ao lado da outra, e os pés pacatamente appoiados no chão, e nem estrondeou os ares com as suas apostrophes clamorosas, nem interrompeu os oradores com as suas phrases plebeias, nem esborrachou a carteira com os seus gestos esmagadores. Causou pasmo esta attitude: todos lhe perguntavam o que tinha — se lhe fizera mal algum guizado dos Irmãos Unidos, se lhe subira á cabeça a musica da *Aida*, se tinha saudades da *terra*, se se lhe seccara a garganta — ou emfim se algum imprudente lhe viera fallar n'esse monstro horrendo — a civilidade? E o homem a tudo dizia — não — acenando melancholicamente com a cabeça, n'uma attitude de extasis, como quem não vê nem ouve o que em roda de si se passa. Afinal soube-se a causa d'aquella transformação — eram as luvas — eram as traiçoeiras, ellas, as perfidas, as de côr d'amendoa torrada!

Portanto, querido paiz, se queres morigerar o teu parlamento, não procures nenhum politico, nenhum revolucionario, nenhum poder do estado, procura simplesmente os srs. Baron e Ferrier. Se elles entrarem um dia pela camara dentro, com um pacote de luvas debaixo do braço, produzirão mais effeito do que Pavia

entrando de kepi na cabeça e a espada em punho em pleno congresso hespanhol.

CARLOS LOBO D'AVILA.

Nota 16—Pag. 53

O equivoco d'este deputado é desculpavel. O sr. Luiz d'Araujo, apreciado escriptor e poeta, da-nos nas suas graciosas trovas os *Luziadas* do seculo XIX. Em vez d'um epigrama de mau gosto ha pois uma pequenina satyra, inofensiva e justa, no facto de se atribuir ao author das *Intrigas no Bairro* um verso de Camões.

Nem um nem outro tem por tanto rasão de se achar offendido. G. V.

Nota 17—Pag. 54

A diligencia—d'aquellas enormes diligencias do Minho, que comportam 18 passageiros dentro, 3 na almofada da boleia e 6 na imperial do tejadilho—estava quasi a partir.

O cocheiro, já no seu logar ageitava as redeas duplas, que haviam de guiar seis cavallos possantes, muito arreiados, com uma coleira de guisos.

—Ahi chega o sr. deputado!—exclamou o caixeiro da companhia, que estava á porta da estação, com a penna atraz da orelha, para dar ordem de partida.

E ao desembocar da rua das Gaivotas appareceu então o deputado Simplicio, flanqueado de dois abbades rechumchudos e triumphantes de patriotismo, e acaudilhado por uma horda de eleitores enthusiastas.

O doutor Simplicio encaminhava-se tremulo de com-

moção, bem trajado, com sacca a tiracollo e paletot côr de pombo lançado ás costas com as mangas perdidas.

Antes de poisar o pé no estribo anediou circumspectamente a barba cerrada, uma barba nacional, que lhe passava debaixo do queixo, como uma presilha, que lhe repuxasse a cabelleira, e despediu-se dos amigos, aos abraços.

As manas do doutor, duas honestas solteironas de papeira pennugenta e olhos bogalhudos, tinham vindo ao bota-fóra.

O doutor abraçou-as, e disse-lhes a tremer:

—Adeus, mana Dorothéa; adeus, mana Felicia.

As duas senhoras, n'aquelle doloroso transe, não tiveram mão em si. Deram em chorar um grande chôro amargo, com soluços afflictivos, abraçadas no doutor Simplicio, com tal força, que foi mister a intervenção do Padre Ignacio para os separar. A Egreja venceu mais uma vez.

—E Jesus, meu Pae do céo!—exclamava o abbade afflicto—soceguem, minhas senhoras! O mano ha-de voltar. Então!...

E ora alentava D. Dorothéa, ora D. Felicia, n'aquella separação angustiosa.

Quando a deligencia partiu, a mais velha das manas, que era attreita a achaque de nervos, desatou n'uma tal berreira e estrebuxamento, que fasia dó. O abbade interveio ainda.

—Isso é flato—explicava elle ás pessoas, que acudiam em torno d'ella. Deixem-na chorar! É flato, é! Então que querem? É mana!...

D. Felicia arrancou tres arrôtos do intimo esophago e desandou para casa com o coração alanceado.

A representação nacional—digam as satyras o que disserem—custa muita lagrima de senhoras honestas.

O suffragio faz-se á custa de vinte costaneiras e ao som tympanico de outros tantos arrôtos hystericos. O que seria da patria sem esta artilheria de ôdres!

Emquanto as manas se encaminhavam para casa, seguia por entre aquelles cerrados pinheiraes do Minho a diligencia em que viajava Simplicio, o deputado parrana, que tinha de ir salvar a patria exaltando-a ao pinaculo da celebridade com o seu verbo inspirador.

O deputado atlante havia de alçapremar a autonomia, como condôr audaz, que arrebata nas suas presas um kagado de charneca.

Pelo menos, no craneo escandecido tumultuavam-lhe os discursos de Cicero e de Demosthenes, onde ia forrageando a oratoria selecta e redemptora.

Na capital — onde nunca Simplicio fôra — deparava-se-lhe o *Forum*. A multidão das galerias ouvil-o-ia attonita. Os deputados da opposição teriam de pasmar da sua eloquencia. E, se accaso o governo não attendesse ás suas queixas e reclamações, havia elle de voltar á sua aldeia, ao amanho da sua casa, á rabiça do arado, como um Cincinatus do seculo XIX.

Vejam que honestidade e que innocencia se perdia ali!

Aquella doce vestal de Ribadojo ia macular as suas vestes candidas na chafurda de S. Bento. *Pro, pudor!*

Chegou. Apeou lesto e pressuroso. A matula de fretes, ao observar o doutor achaparrado, perdido n'aquelle bulicio, seguiu-o até á hospedaria com chufas e assobios.

Depois de entrada tão auspiciosa o duputado Simplicio, sahiu á noite de casa, a vaguear pelas ruas de maior transito. Ia atordoado!

Ao passar no Largo do Rocio, endireitou com elle uma graciosa rapariga, com chapellinho desabado e saias sofraldadas.

A tentadôra segredou-lhe qualquer palavra provocante, e desatou ás gargalhadas, quando viu aquelle José do Egypto de chinó, erguer tremulo a bengala, e responder irado e rouco:

—*Isto é uma Babylonia!...*

N'esse anno as galerias de S. Bento não tiveram cocegas; mas as plateias do Gymnasio e o Principe Real riram e choraram quando os autores da *Parvonia* resuscitaram o deputado Simplicio.

E o deputado Simplicio, que assistia da sua cadeira ao espectaculo, o deputado Simplicio — vejam que devasso!—principiou a manifestar a sua assistencia ali... pelos pés!

Ah! Simplicio! ah! Simplorio!

Nunca as mãos te dôam, commendador *Gil-Vaz!*

ALBERTO BRAGA.

Nota 18—Pag. 55

Quando no seculo passado Graisset pedia a Deus Nosso Senhor que lhe perdoasse o ter incorrido no desagrado da misericordia divina escrevendo peças de theatro, Voltaire consolou Graisset, mostrando-lhe que a obra da sua mocidade inexperiente o não levaria tão directamente como elle receava ás penas do inferno, porque a circum-

stancia de haver posto em scena na bocca de alguns personagens alguns bons ditos não era rasão sufficiente para que elle, Graisset, julgasse ter consumado essa obra dos demonios chamada uma peça.

Os auctores da *Viagem á roda da Parvonia*, pela obra que fizeram representar no Gymnasio, incorreram evidentemente no desagrado litterario do sr. D. Luiz da Camara, e estão muito arriscados a que este pretor os mande justiçar, mas não incorreram no desagrado divino. O temor do inferno não deve attribular os seus derradeiros momentos, e sobre o patibulo, com o alfange do sr. D. Luiz da Camara suspenso sobre suas cabeças, elles podem sorrir, ainda que amarelamente, com o sorriso dos justos, porque a alma d'elles, como a de Graisset está pura do peccado theatral.

Elles não fizeram uma peça, n'esse ponto estão innocentes; elles fizeram apenas uma troça.

Como troça o publico pateou a *Viagem á roda da Parvonia*, e pateou-a merecidamente. Porque o Gymnasio não é um logar de troça. A esphera legal da troça é S. Bento. Quem quer troçar não vae para os theatros, vae para as camaras. Para sermos patuscos até o ponto de pormos a chacota em mangas de camisa e de lhe darmos sopapos no ventre é preciso acharmo-nos habilitados para esse fim pelas leis do reino, é preciso termos o mandato dos povos, é preciso estar-mos auctorisados pelo suffragio dos regedores, e que pela bocca da urna os mesmos regedores nos tenham dito: *Ide e séde indecentes!*

Troça em S. Bento de dia e troça no Gymnasio á noite é troça de mais para as forças parlamentares e representativas do paiz.

Alem d'isso os auctores da *Viagem á roda da Parvonia* foram irreverentes e aleivosos com uma instituição pura, que para os proprios senhores deputados havia sido até hoje inviolavel e sagrada. Refiro-me á praça da Figueira.

Dizer ao publico e á posteridade—*Está aberta a praça da Figueira*—e abrir em seguida uma sessão do parlamento é infamar a praça da Figueira, é calumniar os mercados.

Eu ainda esta manhã lá estive, n'essa digna praça, onde fui comprar as minhas hervilhas, e ninguem me descompoz. Percorri todos os logares, examinei detidamente a caça, as capoeiras, os mariscos, as fructas, as saladas, e em todo o congresso nem uma só figura de rhetorica feriu os meus ouvidos. O aspecto da assembléa era perfeitamente digno e respeitavel. Era geral a decencia. Dir-se-hia que n'aquelle recinto se não estava legislando. E via-se bem pela cordura dos interlocutores que não era a honra do sr. Fontes nem a capacidade do sr. Bramcamp o que se discutia, mas sim a couve lombarda.

RAMALHO ORTIGÃO.

Nota 19—Pag. 57

O parvonez viu n'estas palavras uma allusão ao seu proverbial horror pela agua e indignou-se.

Mas, na verdade, meu caro indigena, eu não sei porque tu te não has de lavar; e todavia é certo que tu te não lavas. Ás vezes, em uma certa época do anno, acossado pelo teu reumathismo ou pelo amor impertinente de tuas filhas, vaes com a familia para as praias. Se és

habitante da capital e vives na abastança vaes para Cascaes ou para Pedrouços, e se os teus haveres não consentem que te alargues muito, limitas-te simplesmente a ir á barca.

Mas em tudo isto andas contrafeito. Caminhas para o banho como quem caminha para o patibulo. E depois, o banho de mar tão aconselhado na medicina não é por forma alguma um banho de lavagem. A gentil dama parvoneza ao recolher do oceáno não é precisamente a Venus saida das espumas, mas uma chrystalisação disforme de chlorureto de soduim com alguns limos na base.

E o que fazes tu meu caro parvonez em todo o resto do anno? Deixas campear por toda a parte com um imperio que horrorisa as mil doenças que se repastam na immundicie. O typho, por exemplo, é uma bella flor que tu acaricias em teus braços e que não necessita de rega. Ahi onde ha menos agua é que ella melhor se dá. Se eu tivesse tempo, parvonez amigo, havia de explicar-te como as doenças produzidas pelas rapidas variações de temperatura ou pela mudança repentina de um meio para outro podem ser evitadas pelo uso quotidiano dos banhos frios, e assim tu quasi chegarias a desconhecer a pneumonia que não pequeno contingente dá no correr do anno para o banquete dos vermes.

Ó Parvonia onde estão as tuas thermas? Onde os teus estabelecimentos balnearios? Não os possues? recorre para as tuas abluções ao chafariz, ao tanque, mas, por Deus, lava-te.

Enfurecendo-te contra as palavras de Gil Vaz, não querendo que te conduzissem ao chafariz na pessoa do teu

representante Simplicio, provaste que necessitavas simplesmente de um duche.

SILVA RAMOS.

Nota 20—Pag. 57

O chocalho é um instrumento demasiadamente rustico para um parlamento, mas que se comprehende n'uma representação nacional que muitas opiniões insuspeitas já teem chegado a considerar demasiadamente rustica para um chocalho.

G. V.

Nota 21—Pag. 58

O deputado Simplicio quando bradava cheio d'enthusiasmo: «Vae n'essa porca a honra da nação,» servia-se apenas de um grunhido oratorio com que pretendia commover a sensibilidade da camara.

Sabia que em face de uma porca—ainda que seja crua, não ha na Parvonia resistencias que não se vençam.

G. V.

Nota 22—Pag. 58

Estas vozes d'ordinario só se ouvem na Parvonia no seio da representação nacional, quando a opinião se indigna ou se constipa. No Gymnasio, na memoravel noite da representação da peça, estas exclamações foram tão bem emitadas que dir-se-iam feitas pela soberania popular e não por animaes escripturados expressamente para tal fim.

G. V.

Nota 23—Pag. 58

Accusa muita gente o parlamento da Parvonia d'abusar d'este direito que lhe confere o regimento. Não é tanto assim. O parlamento só grunhe em occasião d'excitação partidaria. Fora d'isso ressona.

G. V.

Nota 24—Pag. 59

Simplicio tinha o grande pressentimento da influencia da agua no parlamentarismo da *Parvonia*: «—A palavra póde retirar-m'a; a agua nunca!» clama Simplicio em alta grita. N'estas phrases ha um brado eloquentissimo de dôr e uma conquista notavel para a rhetorica. Os braços de Simplicio, uns robustos braços de aldeião, de pulsos vermelhos, fortemente apertados nos punhos estreitos, abraçam com amor a velha taça da camara dos deputados na Parvonia. É que Simplicio via n'ella a redempção do seu paiz pelo discurso e a excellencia d'este pelas libações do protoxido d'hydrogenio. E Simplicio tinha rasão. O copo d'agua era para elle uma tradição, e mais do que isto:—uma crença. Senão vejamos. Um dia Simplicio sahiu de casa n'uma manhã, cavalgando um macho que partiu n'um chouto capaz de despegar as costellas do arcabouço humano mais bem construido, e deixando em casa a esbracejar com gritos e flatos hystericos um bando de tias solteironas, que ainda cantavam, acompanhadas ao cravo e á guitarrinha, as trovas melancholicas das Marcias e dos Cupidos. Simplicio foi para um seminario estudar latim, ajudar á missa cantada nos domingos e ouvir de tempos a tempos as prelecções

do sr. bispo — uma pessoa alta, toda bondosa, que dizia as suas conferencias e conselhos com sorrisos e palavras melliflua, fazendo pequeninos gestos com as mãos, em cujos dedos os brilhantes d'um anel punham scintillações miudinhas. E ao lado uma taça d'agua. Faltava-lhe a palavra, ao bispo? O gesto ficava incompleto? Os textos da Biblia sahiam gaguejados, sem nitidez e sem uncção? Elle curvava-se um pouco, pegava delicadamente no copo, beberricava a pequenos goles, enxugava os labios no linho finissimo do seu lenço, parava um pouco... e a palavra sahia corrente, o gesto docemente desempenado. Influencia da taça!

I

Simplicio acabou os preparatorios e matriculou-se em direito na Universidade. Assistiu ao latim syllabado dos discursos da abertura das aulas e distribuição dos premios. Presenceiou os doutoramentos, as theses, os actos de licenceiado na grande sala dos capêllos, sob os olhares ferozes dos reis da Parvonia, e ao som triumphante d'uma charanga de serpentões e cornetins. Lá estava o copo d'agua! E Simplicio notou que era elle o grande salvador das situações difficeis, uma especie de virgula que separava os argumentos *pró* dos argumentos *contra*.

II

Simplicio bacharelou-se. Tirou os seus diplomas que resavam d'um *neminé* e uma *distincção* em *Direito Romano*. Veiu para a sua aldeia; foi administrador

e ganhou as eleições de parceria com o morgado, o abbade e o mestre de primeiras letras. E Simplicio notou ainda que nas fallas eleitoraes do parocho—um façanhudo galopim—a agua era uma parte obrigáda; e que os discursos do mestre-eschola, acompanhados pelo copo, sahiam um *non plus ultra* de trica e patifaria. Ainda a taça!

III

Simplicio foi tambem advogado. Defendeu com grandes periodos cheios de *misericordia*, de *martyr do Calvario*, de apostrophes lamurientas aos jurados. dois assassinos que tinham sido seus regedores, e que levavam 20 votos á urna. Simplicio notou que aprumando o corpo, atirando os braços e os berros com grande força de convicção, bebendo de tempo a tempo uns goles d'agua com um ar vagaroso e cheio de dignidade, se conseguiam grandes effeitos persuasivos. A agua, e sempre a agua!

IV

Finalmente um dia Simplicio sahiu deputado pelo governo, teve foguetes e musica, partiu para Lisboa, foi um Calixto Eloy da *Queda d'um anjo*, com dinheiro de menos e mariolice de mais, prestou juramento á Carta, e ouviu discursos. Notou ainda Simplicio que o sr. ministro da fazenda ao passo que alliviava de numeros o estomago, ia-o enchendo com agua; que o *cavallo branco de Napoleão*, pertencente agora aos discursos d'um deputado da provincia, assado, cosido, guizado, frito, feito em *mayonaise* por aquelle *parvoniense*, depois de

adubado a gotas d'aquelle liquido, produzia na camara tempestades de *apoiados* e *bravos* de admiração; e que nas gloriosas estreias parlamentares dos deputados da maioria a capital da Parvonia — terra pobre d'agua, mas rica de procissões — corria perigo de morrer á sêde. A agua gastava-se nos discursos do parlamento.

Simplicio ouviu, tomou apontamentos, viu e tirou conclusões. Um dia sentiu a gloria fazer-lhe cocegas na ponta da lingua. Lembrou-se de José Estevão; quiz fallar, quiz ser orador. Pediu a palavra, barafustou, gritou, bebeu, e quando o presidente quiz parar os rios d'aquella eloquencia, Simplicio agarra-se á taça e brada: «a palavra póde retirar-m'a; a agua nunca!» Ó Simplicio, que grande verdade tu descobriste! Foste maior que Quintiliano, venceste o sr. Borges de Figueiredo e o seu compendio de oratoria! N'essas palavras, grande homem, querias tu dizer: ó srs. deputados: para ser orador na Parvonia, não basta ter peito forte, voz sonora, figura agradavel e conhecer as cinco partes do discurso. É preciso mais que tudo e sempre — o copo d'agua!

José M. d'Alpoim.

Nota 25—Pag. 59

O espirito facioso das opposições na Parvonia, costuma ás vezes assacar calumnias d'esta natureza ao governo. A insinuação cae todavia por terra se considerarmos que para violar uma urna não é bastante uma chave: d'or-

dinario estes arrombamentos fazem-se por meio d'um administrador do concelho e um presidente de meza.

G. V.

Nota 26—Pag. 61

Para elucidação do texto cumpre explicar que na Parvonia a circumstancia de ter mais votos não é sufficiente para um candidato se considerar eleito. É necessario não só ter mais votos mas tambem mais regedores que o seu antagonista.

G. V.

Nota 27—Pag. 63

Na Parvonia, o reclame não se faz só nas columnas dos jornaes ou nas esquinas das ruas; faz-se tambem nas sessões parlamentares aonde d'ordinario sae muito mais barato. Em certa época, por exemplo, toda a fortuna do *xarope peitoral de James* proveio d'elle ter *assento* no parlamento. Sómente foi impotente contra o *deficit*, aliás apregoado como uma maravilha pelo Verbo bourocratico dos karrilhos do paiz.

G. V.

Nota 28—Pag. 64

Este epigramma, a havel-o, não se entende com um politico em especial, entende-se com todos em geral. *Que atire a primeira pedra o que ainda não virou a casaca:* São as palavras textuaes do evangelho constitucional da Parvonia. Só n'uma dada circumstancia se é inabalavel e firme. Só n'uma dada situação se não vira: —é quando se usa fraque.

G. V.

Nota 29—Pag. 64

Ex.^mo Amigo.—A maior parte das coisas que V. diz na sua *Viagem á roda da Parvonia* parecem-me tão inteiramente exactas que é da melhor vontade que lhe envio para um tal Relatorio o documento que me pede.

Mostra-nos a sua satyra o Parlamento em busca dos *meios de melhor multiplicar o phylloxera.* Pois meú caro amigo, consultado eu como especialista no assumpto tenho a responder-lhe que é exactamente o que em Portugal se tem feito.

Ha 8 annos que se sabe da existencia do phylloxera no valle do Douro. Ora eu posso dar testemunho de que os governos, os Conselheiros Directores Geraes, e os Presidentes das grandes commissões teem empregado toda a incuria, todo o desleixo e toda a ignorancia que em suas forças cabe para a melhor multiplicação do insecto damninho.

Durante esses 8 annos evitou-se com todo o cuidado estudar os phylloxeras em Portugal, ou ensaiar os meios de os destruir, ou prohibir a entrada de vinhas que os trouxessem de fora; e ainda hoje as plantas do Douro viajam livremente por todo o paiz conservando nos poderes publicos a doce esperança de que o bicho se digne emfim, um dia ou outro, estabelecer morada nas provincias, por ora, ignora-se porque rasão, ainda livres da protegida praga.

Pouco mais resta fazer, como vê, aos nossos altos funccionarios para promover a multiplicação dos terriveis insectos,—por que emfim não se pode tambem exigir do sr. Ministro das Obras Publicas e do sr. Dire-

ctor Geral do Commercio e Industria que vão requestar amorosamente os phylloxeras poedeiras.—Sou de V. etc.

JAYME BATALHA REIS.

Nota 30—Pag. 67

Esta forma de julgar o phylloxera é toda parvoneza. Só não a comprehende quem não tiver lido o *Diario official* aonde o bixo é de quando em quando apostrophado por este theor.

O phylloxera tem até hoje nas nossas regiões vinhateiras soffrido uma tenaz perseguição de phrases e não está naturalmente longe de ser tambem combatido com *preces*, outro dos grandes recursos de que a sabedoria dos povos e dos governos nos momentos extremos lança mão para esconjurar os flagelos.

Com dois tropos e uma caldeira d'agua benta resolvem-se na Parvonia todos os problemas.

G. V.

Nota 31—Pag. 68

Ha toda a esperança de que o philloxera, sempre benevolo, não aguarde a intimação, procedendo antes d'isso, voluntariamente, ao trabalho a que o governo o pretenda coagir pelos meios administrativos e judiciaes ao seu alcance.

G. V.

Nota 32—Pag. 69

Este *inseticida* é regularmente servido na Parvonia uma vez por semana aos representantes do povo.

Para que as galerias não tentem, contra as determinações expressas do regimento, intervir n'este ponto da *discussão*, o debate realiza-se aos calices, em sessão secreta.

G V.

Nota 33—Pag. 72

O auctor tendo sempre em attenção os processos da moderna escola *naturalista*, quiz que a sua peça fosse copiada ao vivo da camara palpitante. Para se comprehender bem o delirio indigena é preciso ler os orçamentos, compulsar a legislação e observar as instituições da Parvonia. Só depois d'isto é que a gente pode dizer em consciencia—que patuscada Deus do céo!

G. V.

Nota 34—Pag. 73

O *Parnazo* do theatro do Gymnasio na primeira noite da representação da *Parvonia*, pelo estado da lona que o constituia, chegou a offender o pudor da musa inspiradora d'alguns amanuenses que assistiam á recita. A referida musa não deixou pois de o estigmatisar devidamente por meio d'algumas botas e n'algumas locaes que davam conta da recita em estylo ainda mais pelintra do que o proprio Parnazo em questão.

G. V.

Nota 35—Pag. 75

O Pegaso na *Parvonia* está sempre ao serviço das colonias—na qualidade de correio, o que é realmente humilhante para um animal que vê tantos collegas, d'uma

cathegoria realmente inferior, no goso da carta do conselho—com as honras e as *rações* correspondentes ao cargo.

G. V.

Nota 36 — Pag. 76

Quem não conhece o *Quintão*, a taberna mais popular, mais typica e mais nacional da Parvonia, quem a não conhece? Só quem não for portuguez, não tiver o mandato dos povos, ou não se interessar pelas cousas patrias!

Um armazem lageado com as paredes forradas de colxões, com uma porta para cada rua—afim de salvar as retiradas;—a um recanto uma pequenina camara mysteriosa como santuario privado das libações occultas—eis o aspecto geral do *templo*.

É um armazem espaçoso, amplo, de tectos altos aparentando a solidez das construcções babylonicas e para o fundo do qual dá ingresso uma larga escadaria por onde os devotos escorregam até á bateria de cascos infileirados ao longo das paredes como canhões de quarenta almudes desafiando todas as virtudes theologaes em geral e a da temperança em especial.

O *Quintão* communicando duas das principaes ruas da capital da Parvonia, pode considerar-se como uma d'essas *passagens* que hoje são o encanto da moderna Paris. Em explendor é um pouco somenos, talvez, do que a passagem Geoffroy ou a *Berlington arcade* de Londres, mas em todo o caso na Parvonia é *unica*, com a vantagem de dar sahida d'uma rua para a outra, e ao mesmo tempo

abrir caminho do mundo dos desenganos para o mundo dos decilitros.

Raras vezes ali dá ingresso a gente de má nota. O aspecto do Quintão é pacato. Os colxões que forram a ante-sala são como uma legenda. Querem dizer: — *Entrae, bebei e dormi.*

O *dilettanti* do *termo* ou de Collares, entra silencioso, convicto, sereno; depõe uma moeda de cobre sobre o balcão recebe do locandeiro um copo que enborca d'um trago, dá um estalo com a lingua no ceu da bocca, e sae gravemente pela porta do fundo—entrando quasi sempre outra vez pela da frente...

Pelo Quintão deslisa no decurso do anno, no espaço comprehendido entre duas colheitas, toda a galeria de typos da Parvonia. Gil Vaz, obrigando o Judeu Errante a dizer que um collega lhe tinha fallado nas camaras no Quintão não commeteu sacrilegio por que mereça a indignação dos seus conterraneos.

O *Quintão* é uma instituição que se conserva pura. Os seus cascos tem logo no tampo marcada a giz a quantidade de litros que encerram, emquanto os representantes do povo parvonez, não teem signal algum nos *tampos* pelo qual nos deem a conhecer a qualidade d'idéas que conteem.

É por isso que a maior parte das vezes enganam a *freguezia.*

RUY DA CAMARA.

Nota 37—Pag. 79

Na Parvonia, escriptos na lingua do paiz, existem varios livros mysticos muito mais perigosos do que o

Primo Basilio. Em todo o caso a Innocencia antes de frequentar os modernos romances da escola realista já frequentava as operetas d'Offenbach, aonde aprendia a amar o vicio ornado de *couplets*.

G. V.

Nota 38—Pag. 79

Como Apollo, na Parvonia, d'ordinario é segundo official ou chefe de repartição, não é d'admirar que, em vez d'ir para a secretaria no carro do Sol, vá no omnibus do Ratto, e que em vez de trazer um astro, traga uma penna atraz da orelha.

G. V.

Nota 39—Pag. 81

Isto não é simplesmente um *bon-mot*, é uma synthese historica.

O grande merecimento da *Viagem á roda da Parvonia* é este: o seu humourismo é a historia contemporanea do paiz, contada a largos mas profundos traços. A historia da Innocencia, da creada e da policia indigena cifra-se n'isto—namorar.

E tudo isto se prende—a *innocencia*, a policia e as creadas, pelo grande laço do amor da janella a baixo.

Ha uma grande loquacidade meredional, nos policias e nas *innocencias* da nossa boa terra.

Todas são palavrosas—não ha Innocencia sem rhetorica de «secretario dos amantes» e relentos apanhados na janella da travessa.

A policia então, falla e ama—são quasi as suas unicas occupações. Quando d'estes dois prazeres pode rea-

lisar um—namorar da janella, está nas suas sete quintas. Embora os apitos prudentes dos burguezes gorgeiem nas viellas ante as navalhas inivitaveis de Lisboa nocturna, embora as vozes do commando rouqueijem nas guellas esganiçadas das donas de casa impacientes, a creada não deixa a janella debaixo da qual os homens de fita azul e branca no braço, bebem sequiosos e apaixonados as palavras d'amor e a agua das biqueiras.

A policia, a creada e a Innocencia vivem do coração e do namoro.

As flores de laranja, os terçados e os tachos de cosinha são sacrificados muitas vezes a este grande prazer indigena.

A phrase de Gil Vaz é uma pagina profundamente verdadeira da vida parvonesa.

GERVASIO LOBATO.

Nota 40—Pag. 85

Effectivamente para resolver a crise financeira com que luctamos ha tantos annos, é necessario possuir entre as qualidades negativas que deve ter todo o ministro portuguez, a falta absoluta do conhecimento de contabilidade; necessidade provada pelo crescimento constante da divida publica durante as sabias gerencias dos homens eminentemente instruidos nas sciencias mathematicas que teem occupado a cadeira de ministro da fazenda em todas as épocas do sapientissimo regimen monarchico constitucional que felizmente nos rege.

Nos regimens representativos e constitucionaes puros todo o movimento civilisador da sociedade depende da

existencia de dois partidos—conservador e progressista, —os quaes teem funcções distinctas no machinismo administrativo e politico.

O primeiro conserva, ordena e desenvolve, quando poder, as reformas e expedientes progressistas e progressivos que o segundo tinha adoptado; de sorte que, sendo a sua funcção conservadora só, não pode fazer retrogradar e annular o que encontrou, emquanto que a funcção do partido progressista é progredir, caminhar em progressão. D'esta theoria do movimento constitucional se conclue que nenhum partido pode, sem mentir ao seu programma e perder a popularidade, desfazer o que o outro fez, accrescendo que o progressista tem, conforme aos seus principios, de pôr os elementos sociaes, que encontrou quando, chamado aos conselhos da corôa, n'uma progressão cuja rasão se acha tomando a média do movimento realisado até a esse momento.

Appliquemos o systema á questão financeira. Sendo impossivel a vida moderna sem o credito, e apparecendo o *deficit* em virtude das perturbações revolucionarias, internacionaes e agricolas, não só, um partido não pode matal-o mas até o outro tem de o augmentar. Isto é elementar, consequente e tem a sua compensação no augmento das fontes de receita, equilibrando-se o *deve* e *ha de haver*, provando-se o aforismo economico—*uma nação é tanto mais prospera quanto mais deve.*

Na Parvonia, porem, não ha partidos que se digam conservadores; são todos progressistas, de sorte que a progressão do desenvolvimento politico-social é continua. Mas, como, pela ignorancia dos nossos grandes homens e pelas circumstancias internacionaes, não se desenvol-

vem as industrias proprias, o crescimento progressivo dá-se unicamente na divida publica. O unico remedio possivel seria pois chamar para a pasta da fazenda quem não tivesse a mais pequena noção de calculo. Simplicio tem rasão.

COELHO DE CARVALHO.

Nota 41—Pag. 85

A escola parvoneza do *b-a-ba fugiu a burra*, é uma das maiores curiosidades e ao mesmo tempo uma das maiores calamidades d'este seculo de luzes. Garrett esqueceu-se d'ella nas *Viagens na minha terra* e tarde virá quem, como o espirito poderoso e invencivelmente artistico do auctor do *Fr, Luiz de Sousa*, nol-a apresente em traços vigorosos de mestre, n'um livro onde o seu desenho tivesse melhor cabimento.

A proposito, uma anedocta:

Um dos innumeros convencionados de Evora Monte, que chegára a aspeçada, depois de muitos annos de activo serviço, terminada a guerra civil voltou á aldeia natal.

Não se pode dizer que o defensor de D. Miguel trocasse a espingarda pela charrua e pelo arado, porque a espingarda ficou como um tropheu em poder dos vencedores; o que é facto, porem, é que veiu a ser um dos criados mais cuidadosos e trabalhadores d'um rico lavrador do lugar.

A vida do campo é sadía e enche-nos de vigor; já na antiguidade Régulo e Cincinato pensavam d'esta meneira.

Quando o *Methodo João de Deus*, a obra mais altamente revolucionaria da nossa idade, atravessou todo o

reino n'uma rapida marcha gloriosa e triumphal, o antigo convencionado de Evora Monte, retirado já do mais activo serviço dos campos, ia acompanhar á *residencia* da aldeia os netos radiosos e alegres do abastado lavrador que o acolhera no seu lar amigo e consolador.

D'uma vez entrou dentro da modesta saleta onde o cura ia iniciando os pequenitos n'aquella obra suavissima: terminava a lição das vogaes e passava-se aos ditongos. E o antigo campeão da legitimidade exclamou em voz alta e como que possuido d'uma grande tristeza intima:

—Ditongo? Isso nunca o meu amo, o sr. Christovam chegou a ser. Lá vogal, foi elle por muitos annos... Ora ha que tempo isso lá vae! E todos me perguntavam: o sr. vogal está em casa? Tudo era o sr. vogal. Mas ditongo, ditongo?

E apezar de nos seus tempos de rapaz ter aprendido a *ler*, por mais que lhe explicassem, não comprehendia, não prestava attenção e repetia comsigo, baixinho, quasi mentalmente:

—Ditongo!

Este facto sinthetisa a escola parvoneza, de que o aspeçada fora digno filho.

De quantos teem sahido d'ella, mais de trez pelo menos, leem irracionalmente. Toda a boa vontade se quebra de encontro aos systemas de leitura, qual mais incompreensivel, qual mais absurdo; o proprio Castilho que tantó a peito tomou a causa da Instrucção Popular ensinava as vogaes com *simplicidades* ingenuas, como esta:

A, e, i, o, u, vozeiam,
Quando em cima o pau lhes vem,
E vão sempre caladinhos
Quando carapuça tem.

A carapuça era o circumflexo: *u* e *i* com accento circumflexo, nem mesmo nas obras do sr. Castilho se encontra; apenas nos textos saoskritos conhecemos essa especialidade.

Ao cabo de seis annos sahia-se da escola, lendo os nomes—*Antão, Bento, Cazimiro, Daniel* e uma parte da *Cartilho de Mestre Ignacio.*

O methodo João de Deus, aparecendo de improviso, maravilhoso e milagroso até para muitos que não acreditam em milagres, acabou com essa absurda e tyrannica entidade do mestre tradiccional e fez do professor um ente humano, abrindo difinitivamente no grande muro *Ignorancia* trezentas portas de azul, como ha pouco dizia nos seus versos epicos e sempre gloriosos um dos maiores poetas do nosso tempo e um dos amigos mais intimos de Gil Vaz...

J. D'ARAUJO.

Nota 42—Pag. 86

O estado manteve sempre inalteravel o preceito de não exigir exame d'instrucção primaria para o cargo de conselheiro. Esta salutar medida tem produzido os resultados mais beneficos. Oxalá que para bem das repartições d'estado ella fosse adoptada igualmente com respeito aos amanuenses e chefes de repartição

G. V.

Nota 43—Pag. 87

O commendador Gil Vaz descobriu a verdade, atravez o monoculo do seu *crachat* da rosa—que regula os ventos da importancia commercial e burocratica nas praças do velho e do novo mundo.

A instrucção nacional pode representar-se n'um quadro completo com dois traços espirituosos do lapis de Bordallo Pinheiro:

Mathusalem na aprendizagem do alphabeto

E aos lados, com ares solemnes, com fallas patrioticas, tres homens a protestar: D. Antonio da Costa, João de Deus e o chefe do partido que estiver na opposição.

Ora, estando Bordallo Pinheiro no Brazil, a explorar exactamente o que lá não ha talvez com abundancia, —o espirito,—Gil Vaz fez a critica. A prosa substituiu a caricatura. Em vez da *Lanterna Magica*, a *Viagem da Parvonia*.

E a Parvonia, pateando, quebrando bancos, soltando gritos, atirando com assobios e com obscenidades, cerrando os punhos e enchugando as camarinhas, veio dar rasão ao Commendador:

Mathusalem ainda não lê por cima.

*

Porque é necessario conhecer a verdade, vêl-a, viver em boa paz com ella, tratal-a com mais respeito e com menos rethorica, com mais consideração e menos familiaridade.

Um bom dicto, fino, perspicaz, mesmo petulante, vale mais que um artigo de fundo. Uma scintillação de *verve* tem maior poder que uma brochura.

Aquella é um relampago que se rasga n'uma fita artistica, ondulada, em *zig-zags* caprichosos, phantasiosos, bonitos.

Quando o relampago apparece ou o bom espirito se mostra no meio da grande escuridão, da tempestade ou da vulgaridade, tudo se illumina por instantes e todos se conhecem n'um momento.

A brochura portugueza é quasi sempre uma banalidade, que passa despresada, sem que lhe acenem com importancia.

Destina-se á gloria, e produz decepções: para o auctor e para o editor, que ficam de mal para sempre, inimigos.

Gil Vaz é uma intelligencia moderna, cheia de boas concepções, embora commendador. Por isso dispensou a estatistica comparativa, despresou Larousse, Mauricio Block e os grossos tomos de erudição facil, e dirigindo um requerimento ao sr. ministro do reino, um homem de espirito com setenta annos de edade, em vez de o publicar na *Voz do Echo*, «hebdomadario» de Freixo de Espada ou de Santarem, apresentou-o na figura classica e respeitavel de um velho patriarcha.

E os frequentadores do Gymnasio, assobiando — injuriaram a Biblia e a Carta; aquella n'um dos seus mais notaveis symbolismos, e a esta na liberdade de petição.

Por que Gil Vaz só pedia ao governo alguns professores pelo methodo de *João de Deus.*

*

Mas, a Parvonia seria offendida nas suas crenças, por fallar na *cauda* do genero humano?

Não cremos. Os problemas do cruzamento das raças e

da selecção natural, assim como os nomes de Darwin e de Heckel, andam tão desviados do nosso mundo, que os sabios atiram com as suas doutrinas como quem commette um delicto.

Por que a final o pseudonymo é uma capa á hespanhola, é um chapeu desabado. E a sciencia portugueza segue o processo dos namorados do romantismo:—coze-se com as paredes para ir fallar com Lamarck.

N'este ponto faremos justiça á geral ignorancia. Ninguem protestou.

Mathusalem continuava na soletração

SERGIO DE CASTRO.

Nota 44—Pag. 88

«Alto está alto mora, todos o veem, ninguem o adora,» pode effectivamente ser a cupula de feltro d'este sr. conselheiro, com uma unica differença;—como vulto *dominante* o sr. conselheiro tem a consagração unanime do mundo portuguez, o consenso unanime do mundo bourocratico, sendo duas vezes um *grande homem*.

Desde que s. ex.ª é um verdadeiro phenomeno aposentado com o ordenado por inteiro, ha o direito de discutir a sua individualidade, pelo menos aquella que é do dominio dos chapelleiros. Não vae n'isto a minima offensa.

G. V.

Nota 45—Pag. 89

A platéa confirmou plenamente a opinião de Mathusalem. Applaudir uma peça com delirio é um caso vulgar: basta para isso que a peça representada seja mais ou menos detestavel. Agora patear um relatorio com fernesi

é caso nunca visto n'um paiz aonde os fabricantes de relatorios o menos que costumam a apanhar é a commenda da Conceição.

Esta circumstancia é extremamente lisongeira para o auctor da peça, que devia ficar bastante penalisado se o publico recebesse a sua obra como costuma receber as do sr. José Romano ou as do sr. Quirino Chaves.

G. V.

Nota 46—Pag. 91

Esta sensata observação do previdente professor parvonez bastaria, só por si, para desanimar os apostolos do methodo João de Deus, o qual longe de ser um beneficio para o paiz, como elles proclamam, é uma verdadeira calamidade nacional.

Se o *b-a ba*, e a palmatoria conseguirem habilitar para a gloria meninos de 10 annos, ensinando-lhes a ler rasoavelmente, e dando-lhes na certidão do exame de primeiras letras um diploma de membro da sociedade dos immortaes, imagine-se o que nos aguarda no futuro!

Imagine-se o que ainda virá a ser d'este abençoado paiz onde as summidades, ao mesmo tempo que marram nos astros, se dignam enxameiar de genios os botequins, as arcadas do Terreiro do Paço, e as redacções dos mil e um periodicos de cada bairro! Imagine-se o formigueiro de numes que darão d'ora avante ingresso na gloria... e na alfandega do consumo!

E em que bonita edade!

Está provado que 5 annos e 60 lições do novo methodo de leitura, podem hoje em dia habilitar para a immortalidade um menino portuguez.

Que galanteria!

Estou vendo de cá o pequenino immortal. Tem um covado de altura, chapeu alto, bengala de canna da India, relogio e corrente dupla, calças de bocca de sino, e uma reputação... uma reputação, que se espanta a gente de ver como tanta gloria cabe em tão franzino corpo!

Ora, mesmo assim, o receio do timido professor da Parvonia parece-nos de somenos importancia na particularidade que cita. O paiz nem sempre costuma ser muito exigente com os ministros.

Ás vezes nem se lhes pede outra certidão que não seja a do baptismo.

Essa é que ninguem lhe dispensa.

CHRISTOVAM AYRES.

Nota 47—Pag. 93

Esta descrença pela vulgarisação da arte d'aprender a ler é perfeitamente admissivel n'um Apollo em exercicio no Parnazo da Parvonia. Ainda assim revela uma certa caridade d'intenções não querendo complicar no Ceará o flagello da fome com o da letra redonda.

G. V.

Nota 48—Pag. 94

Thalia naturalmente quiz dizer *Banquo*. A muza da tragedia que preside aos destinos do theatro parvonez, na sua qualidade de genio nacional, vota um soberano desprezo á sintaxe e á prozodia e tem pela grammatica aquelle horror instintivo que é caracteristico dos que usam aureola official.

G. V.

Nota 49—Pag. 95

Esta suplica commovedora que o Judeu Errante dirige a Thalia só pode ser comprehendida pelos que não teem logrado adormecer no começo d'um primeiro acto e acordado altas horas no silencio da noite, aos roncos d'uma platéa beatifica espreguiçando-se no meio do acto quinto. Esses são os felizes.

Os precitos são os que padecem d'insonia sufficiente, e de coragem bastante para velarem toda a noite em desforra do bilhete que compraram e em homenagem aos elogios da gazeta que leram.

G. V.

Nota 50—Pag. 97

O auctor a fim de dar a commoção precisa a este verso, fel-o o mais comprido que lhe foi possivel.

Provou assim o seu respeito pelos amanuenses mortos em flôr, demonstrando que sabia honrar o metro com que os bardos do thesouro publico medem as suas trovas e os sentimentalistas do Pote das Almas os seus pannos crús.

G. V.

Nota 51—Pag. 100

O espiritualismo neo-cabolico, essa deploravel reacção do sentimentalismo beato contra o espirito critico e eminentemente scientifico do seculo XVIII, tão brilhantemente affirmado nos grandes trabalhos dos encyclopedistas francezes, deu á Europa essa coisa absurda, monstruosa, incongruente e doentia, que se chama romantismo, uma das mais notaveis e perniciosas doenças

mentaes de que tem padecido a humanidade, doença que a atrasou quasi um seculo no seu natural desenvolvimento, prevertendo-lhe o systema nervoso, empobrecendo-lhe o sangue, arruinando-lhe o estomago e encurvando-lhe a espinha. É notavel que um dos maiores genios litterarios de que se gloria a nossa especie, Victor Hugo, apesar de respirar desde o berço a atmosphera asphyxiante do romantismo, tenha encontrado na robustez do seu organismo forças para nunca se deixar invadir pelos miasmas d'essa falsa sentimentalidade. É esta uma prova de alto valor para a avaliação da superioridade excepcional d'aquelle extraordinario talento.

Devemos a essa doença, eminentemente depressora do systema nervoso, diversas calamidades publicas, e entre ellas a praga interminavel dos poetas sentimentaes e incomprehendidos, faltos de côr e de senso commum, cheios de caspa e de vicios, malandros e esquipaticos, declamadores e ignorantes, que são o *phylloxera* das nossas secretarias e o *oidium tukeri* da nossa politica. São elles que, por uma infracção ainda inexplicavel á immortal theoria da selecção natural, invadiram todos os nossos altos empregos e dão por conseguinte a toda a nossa vida publica este caracter sentimental, balofo, declamador, profundamente immoral, radicalmente inutil e genialmente esteril que a distingue como uma nodoa na vida actual dos povos da Europa. É preciso limpar a cabeça do paiz d'esta caspa repugnante, que ameaça de lhe perfurar o craneo, absorvendo-lhe os poucos miolos que lhe restam. Ao commendador Gil Vaz se deve o grande beneficio de ter applicado bons antidotos contra este grande envenenamento nacional. Agora começa a dar encontrões

n'estes safardanas. É preciso não parar ahi; é preciso ir até ao murro e ao pontapé, aliás não faz nada.

Mais bifes pois e menos brizas.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

Nota 52 — Pag. 101

Effectivamente, n'uma exposição em que muitos parvonezes subsidiados foram *meter o nariz* a pretesto de representarem cousas insignificantes, o não haver quem representasse esta classe, foi muito notado não só por nacionaes, como por estrangeiros que sabem ser este povo essencialmente *senhor do seu nariz.*

A Parvonia patentearia ali uma collecção completa a unica no seu genero, dividida em duas secções, uma antiga outra moderna.

A antiga seria representada pelos narizes fosseis da época prehistorica encontrados pelos srs. Carlos Ribeiro e Delgado nas suas investigações ás bacias do Tejo e Sado, e tambem pelo da celebre estanqueira do Loreto, conservado cuidadosamente no museu do Carmo, a cargo do sr. Passidonio.

A moderna conteria todos os *narizes de cera*, base dos discursos feitos no seio da representação nacional, nos comicios, na geographia, nas associações, incluindo a agricola: por todos aquelles que tocam fagote quando ressonam até aos que tocam flauta quando accordados, e finalmente por um notavel nariz politico que pelo seu descumunal tamanho pode occultar em caso de perigo, bem á vontade n'uma só venta o seu partido, *quando julgue ir benzer-se e quebre o nariz.*

Nenhuma nação do mundo nos poria ali o nariz adiante, e o proprio jury da exposição decerto não *torceria o nariz* ao conferir-lhe o grande premio d'honra; e de futuro este producto parvonez seria mais considerado pois que em logar de ser guarnecido com borbulhas ou verrugas sel-o-hia com medalhas.

G. Gorjão.

Nota 53—Pag. 103

Quem ler esta rubrica imaginará que Gil Vaz, por azedume, por misantropia, quer negar aos portuguezes, ás classes illustradas que formam o sequito da princeza Ratazana, a habilidade incontestada que ellas possuem de fallar bem as linguas extrangeiras. É verdade que os portuguezes e os russos formam na Europa uma verdadeira excepção, quando se trata de linguas. Ha portuguezes que tem o puro *accent* do boulevard dos Italianos, e outros que possuem por tal forma os segredos, e os *tics* do inglez que ninguem acredita que não seja essa a sua propria lingua. Não obstante eu sou testemunha auricolar de que ha em Lisboa pessoas que pertencem ás classes derigentes, que fallam um francez tal que se torna impossivel serem comprehendidas, quando por acaso as necessidades da vida social as obrigam a empregar esse idioma. Não é não terem pronuncia, não é não terem uma idéa precisa e nitida das regras da grammatica, é fazerem um tal amalgama de vocabulos francezes alinhados n'uma construcção phantasista, entremeados por verbos desconhecidos, com conjuncções e artigos especiaes, tudo isto com uma pronuncia por tal forma ingenua, que

é mister ser d'uma rara prespicacia para perceber vagamente o que elles querem dizer.

De resto o processo que empregam é d'uma extrema facilidade e não é mister muito trabalho para o surprehender. Fal-o-hei sentir melhor por meio de um exemplo frisante, do que por uma analyse mais ou menos theorica.

Eu estava um dia em Cintra no hotel Victor, no dia de S. Pedro que como todos sabem é no mez de junho. Estava um dia extraordinario. Não havia quasi calor; os alvores tinham scintillações de esmeralda adoraveis, a serra no cimo estava coberta por uma nevoa ligeira que envolvia a Pena como n'um veo de gaze e lhe dava o aspecto fantastico de um castello de legenda. De Lisboa tinha ido immensa gente; os omnibos succediam-se perfeitamente apopleticos de homens e mulheres, as tipoias rodavam por aquellas estradas com estrondo, enfileirados, a villa tinha uma animação ruidosa, uma vida anormal. A cada momento repiques de sinos e estallar de foguetes; uma musica de regimento tocava na praça em frente do palacio real o repertorio italiano de uma sentimentalidade doentia. Nos Pizões, na estrada nova as senhoras em grupos riam e conversavam; radiosas nas suas *toilettes* de verão, combinavam *soirées*, passeios, pic-nics, aqui e acolá fallava-se n'um baile no palacio, porque a familia real estava em vigiliatura por aquelles sitios.

No terraço do Victor estavam tres pessoas, um diplomata estrangeiro, recentemente chegado a Lisboa, um alto dignitario da côrte, e eu. O diplomata admirava-se da animação da villa, do seu aspecto festivo, e sobretudo

da multidão que andava pelas ruas. Foi então que o dignitario supracitado, quiz dar-lhe uma explicação d'esse facto e começou de testa franzida a meditar na resposta. Eu seguia perfeitamente a lenta elaboração da phrase que elle ia soltar, e aproximei-me desfarçadamente para não perder nem uma syllaba.

E ahi deixo para exemplo de vindouros e ensinamento de contemporaneos o que elle disse.

—*Mon cher, quand les magestés, sont ici, il tombe ici le pouvoir du monde.*

Olhei para elle: estava sereno, tranquillo e feliz, como um homem que não tem a pesar-lhe na consciencia, nem uma má acção, nem uma asneira.

ALBERTO DE QUEIROZ.

Nota 54—Pag. 108

Para comprehender este brinde da princeza Ratazana é preciso saber que na Parvonia para se ser celebre, basta ser filho de seu pae.

Desde que se é filho de seu pae as funcções mais reles que se podem exercer, são as de legislador. De resto d'ahi para cima, tudo.

G. V.

Nota 55—Pag. 110

O alçapão é uma das mais respeitaveis instituições da Parvonia. É por intervenção d'elle que no momento opportuno se salvam tanto os estadistas como os devedores. Graças a esta abertura providencial consegue a Parvonia

ver d'anno para anno medrar o seu *deficit* a ponto de ser já hoje um dos mais florescentes do mundo civilisado.

G. V.

Nota 56—Pag. 111

A scena 7.ª do 3.º acto não foi representada no theatro do Gymnasio, não por que o auctor a julgasse offensiva do decoro publico, mas simplesmente por o actor Taborda se julgar incompativel com a *toillete* d'uma grande dama.

O auctor não quiz entretanto privar a posteridade da sua obra, motivo porque a incluiu no presente relatorio, conscio de que a insomnia do leitor não deixará de lhe ficar agradecida.

G. V.

Nota 57—Pag. 113

Os dois pagens *extremamente* graciosos foram incluidos na peça de proposito para satisfazer a anciedade publica, sedenta de paixão no decurso da recita.

Os pagens do Gymnasio satisfaziam a todas as condicções plasticas exigidas pela rubrica; outro tanto parece não ter succedido no theatro do Principe Real do Porto, attenta a compunção com que o *Commercio* da referida cidade, lamentava nas suas columnas a falta de mulheres.

Infeliz *Commercio do Porto!* Em obsequio a elle Gil Vaz promette, na outra peça que tiver a loucura de fazer, incluir como primeiras damas Cleopatra, Phryne, a Bella Helena, e outras por quem a rua das Flores se contorce em ancias de lubrico desespero.

G. V.

Nota 58—Pag. 120

Uma das coisas que mais profundamente impressionaram a sala do Gymnasio Dramatico na memoravel e sombria noute de 18 de janeiro de 1879 foi, sem a menor duvida, a leitura do telegramma que temos a honra de anotar, lido tetricamente pelo actor Taborda. Caso este de novo complicado por outro telegramma lido no dia 20 pelo illustre poeta Thomaz Ribeiro na secretaria dos negocios da marinha. Hoje, depois dos documentos mandados publicar pela camara dos dignos pares, de aturadas investigações a que procedemos e da mais escrupulosa narração dos factos que da Guiné nos foi amavelmente enviada por um cavalheiro de Jafunco, alheio ás lutas partidarias e commerciaes da sua terra, podemos facilmente explicar o texto.

Somos inteiramente de parecer que o telegramma do relatorio do ex.^mo^ sr. commendador Gil-Vaz lhe foi realmente enviado do ultramar e que elle encerra, com leves incorreções devidas a má organisação do serviço telegraphico, a historia dos acontecimentos de Bolor. O governador não foi tal comido com mandioca porque assim o prova exuberantemente o seu officio, de 1 de janeiro ao governador geral de Cabo-Verde, no qual relata a sua— infausta expedição *n'um clamor do fundo da sua alma!* Tambem não teve essa sorte o seu secretario porque no citado officio s. ex.^a^ diz ter embarcado na escuna Bissau com 55 soldados, 1 corneteiro, 2 officiaes, 50 grumetes e grande numeros de papeis das tribus de Mata e de Bianza, não mencionando no rol da equipagem o seu secretario. Mas asseverando, o supracitado officio, o facto

de ter o rodizio recuado com furia e arrombado a amurada *lançando-se* ao mar, somos de opinião que aquillo que o gentio achou duro foi o rodizio. E o que o mesmo gentio de Jafunco, Oçor e Jim achou mais tenro foi, não o secretario, que se não achava a bordo onde se conservava o governador prompto—como elle o declara—a ir morrer com os seus soldados logo que para isso opportunamente o chamassem, mas sim os referidos papeis da tribu de Bianza entre os quaes averiguamos achar-se o poema *D. Jayme:* logo d'aquillo que o gentio gostou foi do—lyrismo do sr. Thomaz Ribeiro. Historiando esta celebrada jornada affirmamos que a palavra—fatalidade! que se encontra no ainda citado officio, no ponto que se refere ao desastre do rodizio, vem no original em grego: ΑΝΑΓΚΗ

Assim como somos levados a crêr que no momento em que a escuna levantou ferro, o governador olhando ao longe a carnificina e o canibalismo das negras cohortes recitava no tombadilho:

E n'isto no intimo
tremia-me o peito
d'ouvir sem respeito
fallar de meu pae.

(D. Jayme, canto II)

O facto, porem, das incorrecções telegraphicas do texto causou, como dissemos, um enorme abalo no espirito publico e esta foi talvez uma das rasões que levaram o sr. marquez de Vallada a interpellar, na sessão de 5 de março, com as vehemencias das suas mais sentidas co-

leras o sr. ministro das obras publicas sobre a pessima organisação do serviço dos telegraphos.

VICENTE DE PINDELLA.

Nota 59—Pag. 121

Preferia dar uma nota de dez mil réis, das de oiro, a escrever uma nota de dez linhas ao alcance das vistas coroscantes d'aquelle que, sob o docel da *Parreirinha* põe as *uvas* em pisa e faz em *bagaço* os tristes dos seus governados que lhe caem sob a *vara do lagar*. De mais a mais uma nota a proposito da *Deusa dos Mares* e do *Pimpão* maritimo, quando foi o *Pimpão* terrestre que levantou contra mim todos os cabellinhos rancorosos que se abrigam sob as azas nasaes de s. ex.ª!! É quererem fazer-me victima sem necessidade nenhuma, cortando-me até a retirada por mar. No dia em que o Santo Officio da Parreirinha me indigitasse para figurar n'um auto de fé, em companhia dos auctores da *Viagem á roda da Parvonia*, do cambista Fonseca, do Sousa Bastos, do *phenomeno* do Arco do Bandeira, dos guardas nocturnos, do Manuel Camarão e demais vendedores da loteria hespanhola, todos nós, mais ou menos perseguidos nas respectivas especialidades pelo novo Torquemada, e victimas da sua perseguição, eu tencionava seguir aquelle caminho já trilhado por D. João VI e por outros personagens não menos medrosos, isto é, tencionava safar-me por mar. Pois nem esse recurso me deixam! Indispondo-me com o *Pimpão* e com a *Deusa dos Mares*, essas duas vigilantes sentinellas da capital pelo lado do Bogio, terei, no dia em que se decidir da minha sorte, de optar pela

fogueira do auto de fé crepitando no largo de S. Carlos ou pela morte ingloria nas salsas ondas, entre aquelles dois monstros maritimos. Se ao menos, na minha desventura, eu podesse salvar uns calções e umas boias!? Mas não é de crêr que a colera do terrivel Inquisidor me consinta aquelle atavio de meu recato, nem que a sua generosidade feche os olhos á precaução de seis rodellas de cortiça enfiadas n'uma corda de linho.

Eis-me, pois, entre o fogo e a agua, por causa de uma nota! E eu juro que não tenho odio nem ao *Pimpão* nem á *Deusa*. Elle no seu genero d'inutilidade official é o mais completo que se pode encontrar; ella como exemplar premiado do aceio nacional é a mais perfeita expressão. Emquanto elle apanha ostras no costado como um cão deitado ao sol apanha moscas, ella encarrega-se de substituir a sugidade individual com que cada pessoa entra no banho pela imundicie collectiva, que deslisa quotidianamente para o Tejo. Cumprem ambos a sua missão e tão bem que a patria lhes deve um monumento, senão de pedra, ao menos de especiaria no mostrador do sr. Rosa Araujo. Interpertrando os sentimentos do meu paiz, não ouso melindrar aquelles dois padrões nacionaes e por isso findo aqui a nota, antes de a ter começado.

ALFREDO RIBEIRO.

Nota 60—Pag. 126

Apoiado! Mil vezes apoiado!!... O illustre, o excellente Ministro da Reinação tem carradas de rasão.

Os melindres da pintura do *Pimpão* clamam energicamente contra a ida d'elle para a Guiné. Nenhum patriota

quererá ver o *Pimpão*... manchado, e... as mãos dos indigenas africanos não são das menos sujas nem das menos asperas.

Alem d'isso não se ha de pegar no *Pimpão*, depois de um tratamento *regenerador* e de bem polvilhado com *grangea*, e sujeital-o a um morbido regimen de... *bolor*. Seria um crime de lesa-confeitaria e uma offensa a Brillat Savarin qne todos os politicos e diplomatas devem respeitar por necessitarem de lhe pedir emprestada a capa da elegancia para encobrirem as suas feias tendencias vorazes.

Emfim, concordo tanto com o Ministro da Reinação que preferia que o *Pimpão* fosse... para Munich ornar o Pinacotheco, ou mesmo para a Academia de Pintura de Lisboa, a que fosse para Guiné. Gostava de o vêr... pintado. E acho peor que seja comido de... *Bolor*, do que seja tratado a chocolate por algum philantropo de S. Francisco, ainda com o risco de ter alguma dozesita de bolor. O *Bolor* de lá póde desfazel-o, e o *bolor* de cá mesmo no fim de muitos annos, por meio d'uma simples fustigadella com um Ramo de Ortigas, desapparece e deixa *livre* a pintura, como acaba de ser praticado com feliz resultado n'uma paisagem de Matias Lopez.

CARLOS FARIA.

Nota 61—Pag. 127

É evidente que esta sabia resposta do ministro das embarcações foi dada depois de ouvida a junta consultiva do ultramar. N'aquella resposta observam-se os sulcos do pesado criterio *arrobiano*, e os lampejos espiri-

tuaes do imaginoso pae da patria (que mais exactamente poderia ser denominado a *ama secca das colonias)*, o qual guindou á cathegoria de *lanefiçio* o algodão africano, collocando a varzea de Collares ao sopé das origens do Zambése.

E d'aquelle theor são quasi todos os documentos, resultantes das funcções productoras de muitas das estações officiaes, que jámais atraiçoarão o seu destino, transigindo com o senso commum, ou dando treguas sequer á incorrecção grammatical.

Todavia, continuará a manter-se tal estado de cousas, em quanto o espirito *arrobiano* pairar sobre as instituições nacionaes, servindo de nume e oraculo a alguns dos poderes do estado. E foi precisamente esse espirito (synthese de todas as calinadas) quem se apossou da consciencia administrativa do sr. governador civil, obrigando-o a prohibir as representações da *Viagem á roda da Parvonia*, no momento solemne em que lhe mettia na mão o implacavel gladio exterminador dos cautelleiros.

Oxalá tal gladio se não transforme em cana verde quando ao Mavorte, regedor do districto, lhe saia branco algum bilhete de Hespanha.

João de Sousa Araujo.

Nota 62—Pag. 130

D. Quichote, que até nos moinhos via terriveis gigantes não podia, na sua visita á Parvonia, deixar de pedir noticias do *defict*, e *Gil Vaz*, no nosso entender, foi verdadeiramente inspirado pondo aquella pergunta na boca

do famoso cavalleiro andante e não na de outro qualquer.

Porque é bom que se saiba que D. Quichote quando descerra os labios n'aquella interrogação: *Então como vae o defict?* não é porque tenha curiosidade de inquerir do nosso estado financeiro. Se assim fosse perguntaria tambem a como estão as inscripções. Quando elle diz:—*Então como vae o deficit*, é como se dissesse:—*Então como vae o gigante?*

E não havia D. Quichote perguntar por tão formidavel monstro?

Quanto á resposta do ministro da fazenda alheia parece-me excellente. Na ultima parte porem ha uma coisa que se me figura naturalmente impossivel, a qual é declarar o ministro que mandou pelo ministerio das obras publicas fazer uma cadeira de rodas para o *deficit*.

Esta ordem é engraçadissima!

Então no ministerio das obras publicas ha por ventura madeira que chegue para similhante construcção? O sr. ministro imaginará que uma cadeira para o *deficit* se faz ahi com qualquer pinhal, com qualquer matta, com qualquer floresta?

Nem talvez com todas os florestas da Zambezia, senhor ministro da fazenda!

URBANO DE CASTRO.

Nota 63—Pag. 131

A fortaleza de Monsanto é uma praça de guerra—de recreio, instituida para descanço d'um governador que, por si só, constitue a guarnição e armamento da terrivel

fortaleza. Em consequencia de não poder *vencer* o inimigo, este governador *vence* o competente soldo, gratificações e forragens, estando prompto a vencer tudo o mais que for necessario para bem dos destinos da Parvonia.

G. V.

Nota 64—Pag. 131

Os premios á melhor peça no theatro normal da Parvonia são tirados á sorte. Para fazer parte da commissão que *faz andar a roda* é precico em primeiro logar não ser dramaturgo, em segundo nunca ter ido ao theatro, em terceiro não ter lido as peças. Dadas estas garantias d'imparcialidade é facil obter o logar.

G. V.

Nota 65—Pag. 134

Esta historia é pouco mais ou menos a da instituição do registro civil na Parvonia. Reclamado pelos espiritos liberaes, o referido registro que tantas seducções apresentava em theoria, posto em pratica deixou tudo ás escuras.

G. V.

Nota 66—Pag. 139

Houve tempo em que as obras na Parvonia se faziam de *lavar e durar*, hoje não duram desde que apanham a primeira lavagem. Não se julgue que este horror pela agua provém de serem feitas com falta de aceio; os inqueritos teem mostrado que muitas d'ellas representam uma verdadeira limpeza! A longevidade explicada muitas vezes pela locução popular, *é de ferro*, não existe na

Parvonia nem nos caminhos de ferro. Ha-os que desabam por mal conservados; ha-os que se vão a baixo por mal construidos, logo depois de abertos á circulação. Para paiz pobre, como a Parvonia, optamos por estes, porque ao menos poupam as despezas de.... conservação, e surpreendem o indigena que, ouvindo fallar muito em caminhos de ferro novos, descobre que só tem caminhos de ferro velhos.

Os trabalhos de Franklin conseguiram dirigir a faisca electrica para determinado ponto de um edificio, preservando-o do incendio e da ruina por meio do para-raios, que, por assim dizer, localisou a queda do raio; a humanidade celebra com louvores a memoria do sabio do novo mundo. Na Parvonia os sabios do mundo velho, não menos benemeritos, conseguiram como resultado dos seus profundos estudos localisar o descarrilamento, que sendo um accidente fortuito, incalculavel, passou nas suas linhas ferreas a ser um facto necessario, rigorosamente determinado. De todos os descobrimentos modernos não conhecemos outro que se lhe avantaje; as leis de Kepler, não valem seguramente as leis do descarrilamento, descobertas e demonstradas pelos sabios parvonezes. O indigena tem, com a gloria de ser compatriota de tão prestantes philosophos, a suprema ventura de saber onde pode partir as pernas e que tem onde cahir morto.

Na Parvonia, um dos citados auctores de caminhos de ferro com descarrilamentos periodicos e localisados, depois de completar a sua obra, foi encarapitar-se n'uma cadeira de ministro, como logar mais apropriado para vêr os seus trabalhos; assim pintor de fama depois dos ultimos toques na tela escolhe um bom ponto de vista

para observar o effeito, que produz o seu quadro. E o feliz reconheceu que tinha ali obra de auctor, precisando apenas uns ligeiros retoques, que se resumiam em fazer de novo o leito da via, substituir as travessas pôdres, e collocar *rails* que prestassem. Não se seguiu, porém, a impossivel indicação do ministro da Reinação, não se pozeram *rails* de miolo, porque não o havia. É o *miolo* a materia prima que falta em todas as obras da Parvonia.

T. B.

Nota 67—Pag. 142

«Christovam Pedro de Moraes Sarmento, commissario geral da Policia Civil de Lisboa: Mando a qualquer agente de policia que, visto este por mim assignado, expedido em virtude de ordens recebidas do Ex.mo Governador Civil, intime a Empreza do Theatro do Gymnasio, para que retire immediatamente da scena a peça *A Viagem á roda da Parvonia*, cujas representações ficam prohibidas; bem como para que ordene que seja desde já contra-annunciado o espectaculo d'esta noite; sob pena da lei desobedecendo.»

Está conforme.

Gil Vaz.

Nota 68—Pag. 144

—Fazemos fiasco Sancho?!

Uma voz na platéa.—Parece-me que sim!

Voz de compadre.—E *fiasco* de encommenda; se não ha exemplo de *fiascos* em theatro portuguez! As comedias vão ás nuvens, os dramas são sagrados, e as tragedias tem premio. Porque haveria de fazer fiasco esta

peça, se nenhuma entre nós o faz? Aquella desapprovação para cá não pega! Foi decerto Gil Vaz, que, por coquetismo de poeta, querendo livrar-se de que ao seu nome ficasse unido por ornato o vulgarisado adjuncto de *festejado auctor,* preparára de *antepé* aquelle *chinfrin* glorioso a que se refere o Taborda na phrase acima.

JULIO CESAR MACHADO.

Nota 69—Pag. 147

Este acto de abenegação tem poucos precedentes na historia contemporanea. D'ordinario encontra-se mais quem prefira ficar sem patria a ficar descalço.

G. V.

Nota 70—Pag. 149

N'este ponto a intenção do auctor foi introduzir na peça o elemento feminino tão reclamado pela superior na noite da primeira representação.

G. V.

Nota 71—Pag. 149

Estes dois canticos de que não é bem auctor o sr. Florencio Ferreira, foram espressamente escriptos para em horas de melancolia o parlamento da Parvonia cantar á viola.

G. V.

Nota 72—Pag. 151

Estes versos teem um grande alcance. O relatorio é a morphina nacional. Quando o paiz sente as dôres ex-

cruciantes de algum dos muitos males que o corroem, reune-se uma junta com o titulo de commissão, e applica-lhe gravemente um relatorio. E ha ainda quem se queixe! Ha patifes que affirmam que os governos não curam as enfermidades patrias! Calumniadores! Qual é a grande questão, que por ahi corre, a que se não tenha applicado um relatorio? Respondam, miseraveis! A emigração levou para o Brazil, para os Estados-Unidos, para Demerara, para as ilhas Sandwich, os mais validos dos braços portuguezes? Mas não ha só um relatorio sobre a emigração, ha uns poucos de relatorios. Vamos fazendo cada vez peior figura nas exposições? Mas ainda não passou uma só sem o competente relatorio. Berram algumas provincias por caminhos de ferro? Oh! provincias do diabo, pois ha algum caminho de ferro possivel que não tenha dez relatorios? A instrucção primaria e secundaria vae de mal para peior, e a superior de peior para pessima? Senhores! a sciencia nacional cumpriu o seu dever! Deu-lhes relatorios em injecções hypodermicas, quer dizer, banhos de relatorios ao osso dos professores d'instrucção primaria, porque o orçamento colloca-os na vantajosa situação de receberem directamente no osso as injecções sub-cutaneas. O exercito não tem organisação, nem instrucção, nem armas? Mas tem relatorios! e a questão militar dorme!

Com a marinha então foi-se de uma prodigalidade inaudita; porque se lhe deram relatorios e o *Pimpão!* Antes lhe dessem só relatorios!

E acham que o systema seja mau? A defeza nacional pode lucrar muito com elle. Se nós podessemos impingir uns poucos de relatorios ao leão de Castella!... Como a

Commissão Primeiro de Dezembro lhe cortaria depois as garras!

O relatorio na Parvonia constitue um systema medico que pode figurar dignamente ao lado do de Hahnemann e do de Priessnitz. Se uns adeptos, a quem chamaremos, como é de rasão, relatoriopatas, teem até uma grande vantagem sobre os seus collegas; justificarem plenamente o seu nome, porque teem ambas as coisas: patas e relatorios.

P. CHAGAS.

Nota 72—Pag. 154

É rigor de expressão. Nem agora nem então enforcaram o sr. tabellião Scolla, posto que, para alguns impios dessidentes da politica gastrico-militante, seja ainda hoje esse caso da estada de s. ex.ª no oratorio, um ponto historico, de certo não menos contestado do que o famoso milagre de Ourique. No que, porem, não ha descrepancia nenhuma é na decadencia do systema constitucional, que felizmente nos rege a todos, tirando a camisa a uns para encher a barriga a outros. Ora o dito systema, com licença da previa censura, está reduzido a uma ficção ridicula, a qual ficção, se nos permittem a franqueza do nosso modo de ver, se manteve quarenta e tantos annos comprando com os bens dos frades a consciencia de uns bons burguezes, que *desejavam ser alguma coisa*, e agonisa agora, apoz uma vida estragada de ruinosos emprestimos, comprando a consciencia de uns pobres diabos sem senso moral nem senso politico, afim de simularem um apoio que na realidade ninguem lhes dá a serio, independente e patriotico, e que para

honra do paiz é bem que se diga e fique assim consignado. Na verdade o tabellião Scolla não commetteu nenhum crime reconhecendo as assignaturas d'uns desgraçados que declararam ter vendido os votos por alguns tostões. O governo tinha maneira mais nobre e mais legitima de se desaggravar da *pirraça;* era promover dos mesmos eleitores a declaração do preço por que a opposição lhes pagara a elles aquelle testemunho de brioso civismo, e ferrar com essas declarações todas, competentemente assignadas, no cartorio do sr. Scolla, para elle as reconhecer. Ganhava com isso s. ex.ª mais 50 réis por cada assignatura e o governo provava exbuberantemente o seu muito amor ás instituições e, sobretudo, á verdade. Não se fez assim e fez-se mal. D'este incidente sobresaiu apenas uma verdade amarga e assustadora deveras para todos nós. É que, se os governos d'este paiz dão agora em comprar os eleitores, bem podem tratar de outro officio os elegiveis, ou pelo menos tornarem-se de futuro mais rasoaveis do que até aqui teem sido nas suas exigencias de campanario.

Sob este ponto de vista o acto do governo foi um acto economico, mas subversivo das boas praxes da politica digestiva. A verdade, porem, é que o eleitor está no seu direito. Para não perder tudo vae mettendo na algibeira o dinheirito do voto, com muito alvoroço, com a alegria de quem vê entrar em *casa* o *filho prodigo*, com a certeza de que accelta uma restituição, aliás insignificantissima, do muito que dá ao fisco; finalmente com a consciencia de que assim ha de apressar a queda impreterivel dos que exploraram e lograram tantas vezes a sua credulidade e a sua confiança. Nós, do fundo

do nosso patriotismo e do intimo do nosso estomago, damos os mais sinceros parabens á liberdade e ao digno tabellião. Congratulamo-nos porque em seu favor gemessem os prélos, e por seu respeito estremecessem os principios na sua puresa mais casta. Elle fez acompanhar a serio o governo, discursar a valer a opposição, e, o que até parece inacreditavel, rebentar de zelo governamental um regedor! Dia virá em que a historia imparcial dos grandes factos ha de fazer-lhe justiça inteira. Ella ao referir este espantoso incidente, tirará d'elle por certo todas as conclusões a que se presta, e escreverá, com seriedade austera e desassombro independente, o seguinte memoravel periodo: «Em 1878 o systema monarchico constitucional, que então regia o feliz estado da Parvonia, achando-se caduco e velho, foi ter com o seu mais particular e nobre amigo o sr. tabellião Scolla, para que lhe fizesse o testamento, no qual deixou outro sim em descargo de consciencia, aos eleitores de Bemfica e Carnide, a cotação official de tres libras por voto, já que, por seus muitos peccados e tricas sabidas, tudo havia tirado ao povo, o rude e triste lazaro, tudo que elle tinha de melhor e de mais nacional, inclusive as casas baratas, o pão a 25 réis e o fiel amigo, aquelle bom e patriotico bacalhau da famosa extincta companhia de pescarias, alem do classico e caracteristico *zézinho* de camellão que lhe arrancou dos hombros impiamente como se o habito fizesse o monge, e com *zé* ou sem *zé*, elle, o povo, ficasse sendo mais homem e menos camello.»

LEITE BASTOS.

Nota 73—Pag. 158

Vide a folha official da Parvonia respectiva ao referido mez.

G. V.

Nota 74—Pag. 163

Meu caro Gil Vaz: pergunta-me o que penso da *Viagem á roda da Parvonia*, e do desastre theatral da mesma. Vou responder-lhe muito sinceramente.

Não assisti á representação: mas, se a peça corresponde á descripção que d'ella me fizeram, acho aquelle desastre coisa muito natural. Entendo até que era de prever. Segundo me consta, propoz-se o meu amigo descrever a sociedade de Lisboa, na variedade pittoresca das suas pequenas e não pequenas miserias moraes e intellectuaes, com os seus ridiculos e as suas baixesas, as suas pretenções e a sua ignorancia, o seu descaramento e o seu vazio, e apresentou esse quadro ao juizo do publico lisbonense que frequenta theatros, isto é, precisamente aos representantes e membros activos d'essa sociedade que se descrevia como grutesca e despresivel —burocratas infatuados, jornalistas intrigantes, burguezes pataratas, deputados balofos, agiotas trapalhões, janotas falidos, litteratos ocos, e *tutti quanti*... Está claro que não podia Gil Vaz ser recebido como triumphador.

O publico protestou contra a caricatura, provavelmente porque se reconheceu n'ella. Não me desagrada isso. Esta indignação tem muito de risivel, não ha duvida, mas no fundo faz honra ao publico—nos limites em que tal expressão é applicavel n'este caso.

Com effeito, se esse publico applaudisse o quadro da propria ignominia, que lhe era apresentado, seria, alem de tudo mais, cynico. Não o é. Toma-se ainda a serio. Pode ser que ás vezes, em momentos raros de relativa lucidez, desconfie de que é tolo. Mas não o reconhece e não admitte que lh'o digam. Não escarnece de si mesmo, como quem confessa cynicamente e se compraz na propria abjecção. Ignora-a em grande parte, porque não tem entendimento para mais—e essa ignorancia é o refugio da sua dignidade. Não é Falstaff, é simplesmente Sancho, e a sua indignação é sincera.

Ora eu considero isto como uma virtude relativa, que merece louvor. É um symptoma de que a desorganisação não ataca ainda o intimo do ser. Prova que a corrupção idiota da sociedade de Lisboa é mais o resultado lastimavel de condições externas, do que d'uma perversão intima e espontanea.

Não levemos pois a mal ao publico o ter protestado contra uma comedia, em que era vilipendiado—embora com justiça. Louvemos-lhe antes esse movimento de furor heroe-comico, que em todo o caso prova que a sua dignidade não está inteiramente obliterada.

Quanto á peça em si, se é o que eu julgo, parece-me, por certos lados, ainda muito moderada. Gil-Vaz podia ter dito muito mais, sem offensa da justiça. Mas, para dizer mais e tudo e efficazmente, devia ser d'outro modo.

O auctor usou da carictatura e do epigramma. São coisas anodynas. Lisboa, a Lisboa official e officiosa, que patusca, chatina, intriga, gosa, explora, compra e é comprada, vende e é vendida, essa Lisboa mereceria certamente as honras patibulares da satyra juvenalesca. Se

ha gangrena n'esse corpo social—e tantos symptomas rapidamente accumulados a estão denunciando—é o cauterio, é o ferro em braza que convêm applicar-lhe, e rudemente, firmemente, porque se não brinca com a gangrena.

Depois, o riso é um dissolvente, não é um remedio. O riso amolece, relaxa e acaba por tornar imbecis aquelles mesmos que o empregam contra a imbicilidade alheia. É uma arma perigosa, de dois gumes, uma arma má. Voltaire feriu profundamente o christianismo com as suas chocarrices, mas não feriu menos a seriedade moral, a dignidade, a religiosidade da geração que se associou, sem bem saber porque, ao seu eterno *ricanement.*

Receio que nos venha a acontecer, em Portugal, coisa similhante. Andamo-nos a rir continuamente uns dos outros, na virtuosa intenção, ao que parece, de nos corrigirmos e reformarmos mutuamente, e afinal temo que não façamos senão relaxarmo-nos uns e outros cada vez mais.

Isto é uma tendencia deploravel.

Pode, é verdade, provar que, para uns rudes e broncos Lusitanos, taes como nos criou este pobre canto do mundo onde nascemos, estamos já notavelmente *décrassés* e que temos bastante *espirito:* mas receio que prove ao mesmo tempo que já não temos vigor moral para mais, para as nobres coleras, as fundas indignações, os odios justiceiros, symptomas precursores d'uma renovação fecunda da alma collectiva.

Uma certa dóse de seriedade, ainda quando seja um pouco hirta, um pouco pedantesca na sua gravidade convicta, e por conseguinte um pouco ridicula, é condição

essencial da vitalidade e da sanidade do espirito publico. Quando um povo chega a rir-se de si proprio, é porque perdeu, com alguns preconceitos e uma certa estreiteza inherente a toda a convicção séria, uma boa parte, senão a melhor parte, da sua virtude collectiva. Tornou-se talvez mais gentil, mais gracioso—mas os povos gentis estão muito longe de serem os povos fortes. Receio um tanto que a espirituosa *purée* de epigrammas e ditos, que ha algum tempo nos cozinha a nossa elegante litteratura, venha mais tarde, d'aqui por alguns annos, a reconhecer-se pouco substancial e até causadora de certa anemia moral...

ANTHERO DE QUENTAL.

Nota 75—Pag. 163

FIM

Era minha intenção este livro divino
Fechal-o á gargalhada em satyra mordaz,
Metralhar a Parvonia a cascas de pepino,
Esfaquear Prudhome, e apunhalar Calino
Cravando-lhe no ventre o lapis de Gil-Vaz.
. . . .
Mas não quero.
Abril anda já pelas campinas
Calcando aereamente os trevos e as boninas.
Dizendo á naturesa em festa—ahi vem o Amor!
Dando ao ramo—essa esp'rança, este sorriso—a flor,
E abrindo sem corar ás abelhas gulosas
Com a chave do sol as alcovas das rosas.
E quando tudo ri, e quando tudo canta,
Quando a terra é melhor, quando é mais verde a planta,

Quando a benção de Deus—o céo azul—se arqueia
Sobre nós, quando eu trago minha alma cheia
De ninhos, de conções, de alvoradas de beijos,

Eu declaro, não vou catar-te os percevejos
Ó Parvonia, nem vou pilhar-te em ratoeiras
As raposas da inveja e os leirões das asneiras.
Traz-me por fórma tal a primavera absorto
Que prefiro a carqueja ao commercio do Porto,
Os canticos do aroio ás walsas dos pianos,
E os loureiros do monte aos loureiros urbanos!

GUERRA JUNQUEIRO.